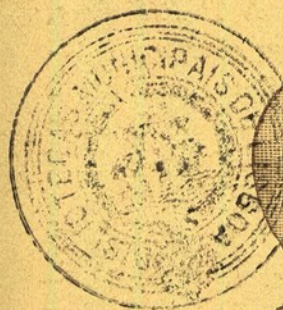


# SERÕES



REVISTA MENSAL  
ILLUSTRADA

## SUMMARIO

QUADROS DE EL-REI.— GIL VI-  
CENTE — A EXPOSIÇÃO DE ARTE  
EM COIMBRA — FATAL ENTREVIS-  
TA — AMORES PERFEITOS — MARTY-  
RES — DE LISBOA A MOÇAMBIQUE —  
RAPSDIA D'AGUEDA — MAL DE HE-  
RANÇA — MODAS — VARIEDADES

VOL. II

DE MAIO A JUNHO — 1902

NUM. 12

# SUMMARIO

	Pag.
<b>QUADROS DE EL-REI.</b> — Por TH. LINO D'ASSUMPÇÃO. — Com 5 gravuras, reprodução photographica dos quadros de Sua Magestade.....	321
<b>GIL VICENTE.</b> — Pelo VISCONDE DE OUGUELLA. — Com 2 gravuras, reprodução photographica .....	328
<b>A EXPOSIÇÃO DE ARTE EM COIMBRA.</b> — Por VALLE E SOUSA. — Com 18 gravuras, reprodução photographica .....	337
<b>FATAL ENTREVISTA.</b> — MYSTERIO DA HISTORIA. — Com 5 illustrações .....	347
<b>NO MEZ DE MARIA.</b> — Reprodução photographica do quadro de P. P. Rubens, AMORES PERFEITOS. — Gravura impressa pelo processo das tres côres, reprodução photographica d'um quadro a oleo da ex. <sup>a</sup> sra. D. Amelia Bastos.....	356
<b>MARTYRES.</b> — EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO. — Por T. LINO D'ASSUMPÇÃO. — Capitulo XII — O MILAGRE DAS LAGRIMAS. — Capitulo XIII — O MARTYRIO. — Com 4 gravuras, copia de photographias.....	357
<b>DE LISBOA A MOÇAMBIQUE.</b> — Por ANTONIO ENNES. — 2. <sup>a</sup> PARTE — Capitulo II. — QUELIMANE. A CIDADE, AS ESTRADAS, OS RIOS, OS CANAES. — Com 5 gravuras, reproduções de photographias.. ..	364
<b>RAPSODIA D'AGUEDA.</b> — Musica popular para piano (excerpto).....	373
<b>MAL DE HERANÇA.</b> — ROMANCE. — Segundo HALL-CAINE (Conclusão). — Com 5 illustrações.....	377
<b>MODAS.</b> — Com 4 gravuras.....	385
<b>A BILHA PARTIDA.</b> — Reprodução photographica do quadro de J. B. Greuze.....	
<b>VARIEDADES.</b> — AMORES PERFEITOS. — COROAÇÃO DO REI DE INGLATERRA. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — THEATROS. — NECROLOGIA. — O THRONO DE HESPANHA. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIA. — PROBLEMAS. — XADREZ .....	XLI

## 57 GRAVURAS

**AVISO.** — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao II volume da Revista. Pela encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	<b>3 numeros</b> .....	<b>600</b>
		<b>6 numeros</b> .....	<b>1\$200</b>
		<b>12 numeros</b> .....	<b>2\$200</b>

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por :

**Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3\$000**

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.

Os **SERÕES** começam a publicar  
em o numero de julho

# A Architectura da Renascença em Portugal

POR **ALBRECHET HAUPT**

cujo direito de traducção em lingua portugueza os **SERÕES**  
adquiriram, bem como as illustrações originaes do auctor.

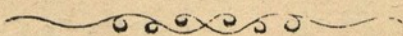
**E**STE livro d'um alto valor educativo e d'uma utilidade incontestavel, nos dominios da arte applicada, permanece inaproveitavel para muitos, não só pela lingua em que está publicado, a allemã, menos conhecida no paiz, como tambem pelo elevado preço que attinge actualmente em livraria.

Vulgarisar as noções que a notavel obra contém, acompanhadas dos numerosos desenhos que a illustram, facultando tanto aos artistas e mestres de construcções, como aos amadores de bôa arte e proprietarios a sua leitura e consulta, parece aos **SERÕES** prestar um serviço publico e contribuir para a realisação d'um problema economico e social de vasto alcance, — o qual é desenvolver o gosto e o amor pela arte nacional. Recorde-se, como documento justificativo d'este conceito, o fabuloso lucro e preponderancia que os artistas e os artifices de França tem dado á sua patria. São o Bom gosto e a Moda elementos imponderaveis da economia publica, mas com elles dominou aquella grande nação na sociedade europêa, nos mercados, nas academias e nas officinas.

Methodicamente, tenazmente a Inglaterra, a Allemanha e a America do Norte, dispendendo sommas consideraveis tem disputado á França com vantagem aquelle dominio exclusivo. O governo hespanhol dotou com cinco milhões de pesetas a publicação dos *Monumentos architectonicos de Hespanha*. Bem mais modesto é o empreendimento dos **SERÕES**; mas tambem abalançam-se á empresa desacompanhados de auxilios e apenas confiados no carinhoso favor do publico.

# SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA



Romances—Viagens—Historia—Costumes  
Conhecimentos uteis  
Artes decorativas—Musica—Modas



**E**STA revista, destinada a fornecer leitura amena e util a todas as classes da sociedade, adoptou em Lisboa e no Porto o processo de distribuição domiciliaria e pagamento por numero á entrega, para facilitar a sua aquisição.

**Uma vez por mez**, e pelo preço de **200 réis**, os **SERÕES**, em vez de cadernetas separadas semanaes, contendo um só romance, ou obra litteraria, fornece aos seus leitores um volume elegantemente brochado, impresso em papel fino d'arte, com numerosas gravuras e escolhida collaboração, **onde simultaneamente vão sendo publicadas diversas obras**, romances, viagens, artigos descriptivos e de vulgarisação de sciencia, pequenas novellas, assumptos d'arte, invenções, actualidades, modas, musicas, etc,

Se cada obra ou cada assumpto d'estes fosse separadamente publicado, o custo total d'elles excederia em muito o preço dos **SERÕES**. É, portanto, a revista portugueza **mais barata e mais completa**, que n'este momento se publica, procurando divulgar um genero de leitura já muito apreciado entre nós, como tambem é no estrangeiro, sobretudo na America do Norte, onde revistas semelhantes attingem tiragens de centenas de milhares de exemplares.

A collecção annual fórma dois grossos volumes profusamente illustrados, constituindo uma soberba e variada encyclopedia.

Os dois volumes já publicados attestam a exactidão com que os **SERÕES** teem cumprido o seu programma. Basta percorrer o extracto dos seus indices, ou os summarios de quaesquer numeros.

# LOPES, LOURENÇO & C.<sup>TA</sup>

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções  
para  
homem  
e  
senhoras



Sortimento  
completo  
de  
tecidos  
de  
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.<sup>o</sup>



## TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.  
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.  
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.  
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.  
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.  
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

*Obras litterarias e romanticas*

## M. A. BRANCO & C.<sup>A</sup>

PAPELARIA PROGRESSO

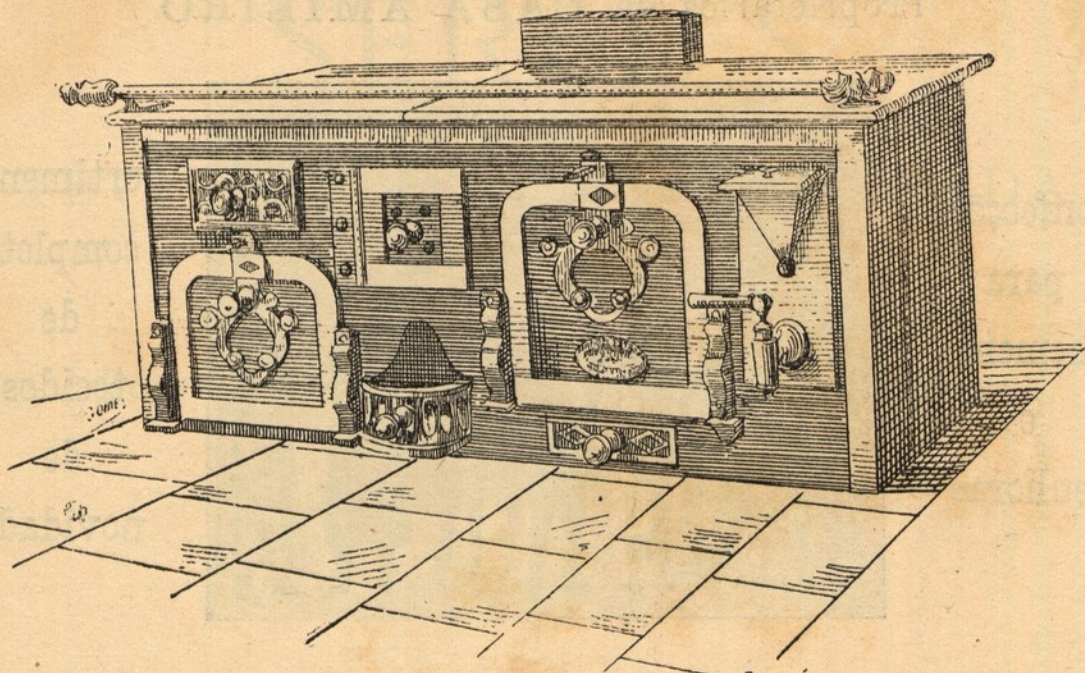
LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial. — Carimbos de borra-  
cha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita.

# MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE

MANUEL PATRONE



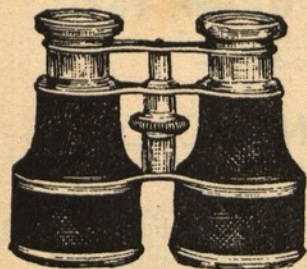
Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

**RUA DE S. PAULO, 109**

---

## J. J. RIBEIRO & C.<sup>A</sup>

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA  
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.



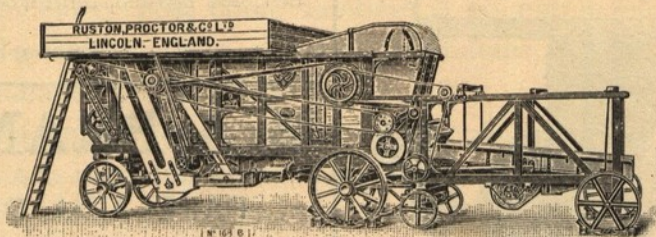
Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia  
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

222, RUA AUREA, 226  
LISBOA

---

## Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.<sup>O</sup>, L.<sup>TD</sup>



Agente geral em Portugal e colonias

**CARLOS CORRÊA DA SILVA**

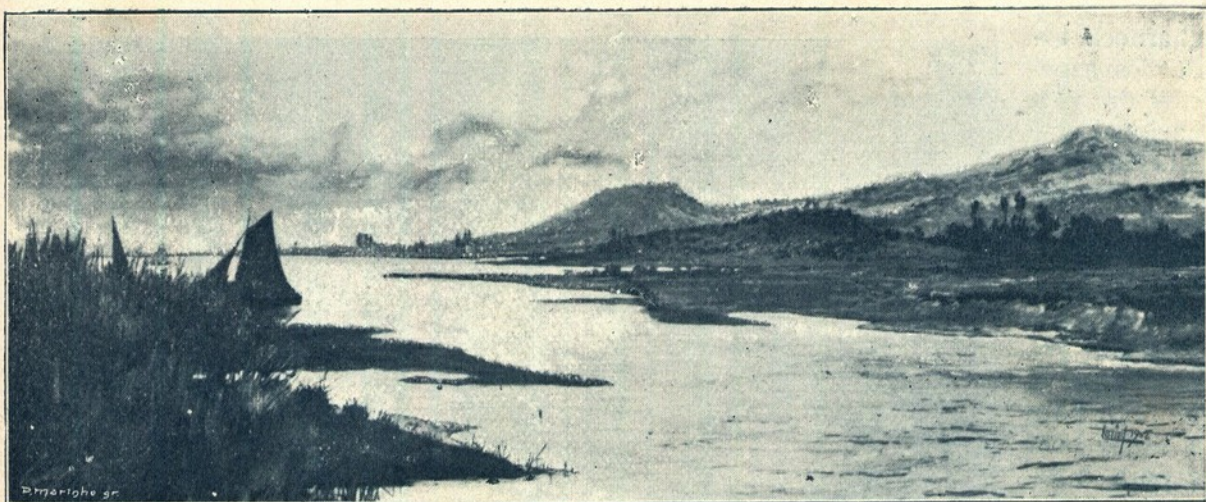
Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA





PAIZAGEM RIBATEJANA — QUADRO DE EL-REI





AO CAHIR DA TARDE. — (EXPOSIÇÃO DE 1902)

## Quadros de El-Rei

**D**E todos os tempos, reis e príncipes tem sido devotados protectores das bellas artes ; e, n'este empenho, não raro tem sido igualmente cultores d'ellas com o amor de verdadeiros profissionaes ou com o goso intellectual de amadores que procuram na Arte um compensador desfatio ou repouso das graves preoccupações do governo de homens.

Todavia, durante o seculo ultimo, e no momento actual, a transformação dos costumes politicos, que simplificou a etiqueta das côrtes e alargou a sua interferencia na sociedade elegante em todas as exteriorisações da vida sportiva, o que era já tradição nas côrtes dos reis portuguezes, tem sem duvida concorrido para acentuar e revelar as aptidões artisticas dos chefes dos estados.

De sorte que em todos os thronos da Europa contemporanea ha cultores emeritos de litteratura ou de arte, como tambem numerosos investigadores d'um ou d'outro capitulo da vasta obra scientifica; e interessa a todos conhecer estas tendencias intellectuaes dos soberanos, porque auxiliam a interpretação da sua psychologia, esclarecem a definição do seu character, denunciam por vezes os impulsos da sua acção governativa e dirigente. Não é preciso citar, para justificação do conceito, o imperador Guilherme II, com a sua producção musical e com a sua figuração symbolica, ou sua santidade Leão XIII com as suas odes latinas d'um apurado gosto litterario, que por si só revelam a rara cultura intellectual d'aquelle luminoso espirito.

El-Rei D. Carlos é tambem um verdadeiro cultor das bellas artes, tão sincero e enthu-

siasta que não duvidou concorrer, na simples qualidade de artista portuguez, á Exposição universal de Paris para honrar o seu paiz, obtendo uma medalha em certamen de profissionaes, como não deixa de concorrer aos nossos pequenos *Salões* para estimulo, exemplo e protecção, bem eloquentes e effectivas, tanto quanto pode e lhe permittem as restricções constitucionaes, que elle tanto respeita e segue lealmente.

E' esta até a feição predominante da sua personalidade pouco vulgar, e tão arreigada no character que tem querido e sabido resistir ás repetidas suggestões de mais larga e mais efficaz interferencia na vida publica portugueza, suggestões que a El-Rei tem sido abertamente apresentadas por espiritos eminentes sem duvida, mas desilludidos ou feridos de pessimismo desesperado.

Sob este aspecto particular, é interessante observar a obra de El-Rei, pintor e desenhista. Como se fôra uma graphologia *sui generis*, grava-se nos processos do pastellista eximio a firmeza de character, denuncia-se nos assumptos a dilecta contemplação da terra natal, com os seus costumes, com o seu constante mourejar de vida maritima, com toda a sua côr suavemente melancolica, com todas as suas sonhadas aspirações aventurosas, indefinidas, como a orla longinqua do mar, leves, da leveza branca da espuma das vagas que todavia esmagam a soberba da penedia.

Assim na obra artistica de El-Rei reaparece em flagrante o lavrador portuguez que ama a campina, o marinheiro ousado que desafia a braveza dos mares, o pescador vigilante, o caçador activo da montanha ou da

charneca todos os aspectos da vida nacional que El-Rei, em uma exuberância anciosa, n'uma actividade incansavel, procura resumir em si proprio para a sentir bem e para a viver completamente, devoto do amante da sua patria em constante porfia de gentilezas para com ella.

Esta é, sem duvida, a intenção geral artistica que promana dos quadros aqui reproduzidos e a sua synthetica formula de composição, unico prospecto que permite observar a forçada reprodução unicolor dos originaes, tocados em todos os tons d'uma riquissima gamma de côres empregadas.

Quanto aos processos technicos, á maneira caracteristica, á impressão vi-

sual da obra de arte de El-Rei, com competencia reconhecida e espontanea sinceridade falla a carta que, por justificada indiscripção, em seguida se publica.

*Meu caro Adrião:* Termina v. a amavel e



REUNIÃO DE CAÇADORES

generosa carta, que acaba de me dirigir, com as seguintes linhas: «Agora pegue na penna com que outr'ora no *Diá* escreveu as criticas artisticas . . e mande-me um artigo ácerca do que lhe peço».

A penna, meu amigo, enferrujou por falta



LEVANTAR DA REDE. — (PESCA DO ATUM, NO ALGARVE)

de serviço, e o critico — que melhor se lhe chamaria «noticiarista de impressões» — perdeu o geito de escrever, e quasi que completamente tambem o vocabulario do genero. E, digo-lhe com toda a sinceridade, não estou resolvido a recommençar um trabalho que, para ser feito com a isenção que é de dever, só dá desgostos. Os nossos artistas, com rarissimas excepções, não recebem de bom grado senão a louvaminha tão banal como hyperbolica. A mais pequena observação menos agradavel logo os magôa e escandalisa. *Genus irritabile vatum!* Se até os que ainda hontem mal saíram das aulas ouvem com mau ouvido as observações dos mestres a quem devem o que sabem, e aborrecidos, á falta de melhores argumentos, retrucam: «Foi assim que eu vi»; e a gente a ver que elles estavam com os olhos fechados. Eis um dos motivos porque arrumei a penna. Quando se chega desilludido e enfermiço ao ultimo quartel da vida, perde-se a energia de combatente, e não sabe mal, tem até um travo especial, o socego e a tranquillidade com que «se deixa correr o marfim». E, depois, v. pediu-me uma coisa difficilima: «um artigo ácerca da exposição artistica de El-Rei D. Carlos e da Rainha a Sr.<sup>a</sup> D. Amelia». El-Rei de ha muito que é um *hors concours*, e os artistas que attingem cumiadas taes, quando produzem para satisfazerem os estímulos do seu temperamento, só merecem admiração. Mas, quando se trata de um rei, esse voto admirativo tem de ser larga e amplamente justificado, para que o nosso dizer tenha auctoridade. E é esse trabalho que eu me confesso incapaz de executar.

Quando visitei a actual exposição da *Sociedade Nacional*, confesso que me senti tão pouco emocionado como profundamente desilludido; e se não fosse ter lido no catalogo que houvera um jury de admissão, teria julgado que a entrada allí fôra franca e incondicional. Por quatro ou cinco obras de reconhecido valor, quantos mamarrachos que deviam ter sido recusados; por alguns trabalhos de mestres incontestaveis, quantos metros de tela perdidos em pinturalices de gente que nem sequer suspeita o que seja a pintura? Acreditar-me-hiam os que me lessem, que em o numero reduzido d'esses mestres ainda El-rei é um dos mais originaes, dos de mais accentuada individualidade, e aquelle cujo *modus faciendi* é exclusivamente seu? Aquelle de quem o estylo affirma o temperamento, a largueza do desenho a facilidade de execução; cujos trabalhos são absolutamente, e foram sempre, inconfundiveis com os de outro qualquer artista, e nos quaes muitos, com o nome já feito, teem bastante que aprender?

Pois assim é.

O Sr. D. Carlos fez-se no estudo directo e dilecto da natureza; e, como os grandes mestres, passado o periodo dos ensaios, soube encontrar, para reproduzir e interpretar essa natureza que tanto ama, maneira propria, *processos* originaes, que lhe constituiram esse estylo ao mesmo tempo extremamente simples e artisticamente elevado.

Mas, meu caro Adrião, como exprimir, hoje que estou *enferrujado*, com a clareza precisa que gere a convicção, estas coisas que sinto se estas linhas fossem a publico, e caissem sob as vistas de quem quer que attribuisse a louvaminha ao monarcha, o que apenas é, juro-o, apreciação d'um artista?

Quer crer? Talvez me fosse mais facil fazer a demonstração falada, em frente do magistral pastel; tanto mais que elle logo á primeira vista attrahe e encanta pela suavidade e harmonia melancolica do colorido, assim como nos commove pelo assumpto. E' bem um *cair de tarde*, com a sua luz diffusa, o seu tom frio. E' bem a beira rio na impressão de frescura e como que de humidade vitalisando a relva. E' bem o nosso Riba Tejo; o nosso ceu com as nuvens que se reflectem na agua deixando ver clareiras d'azul, por entre as quaes dentro em pouco brilharão as estrellas. E' bem uma obra d'amor e sympathia, — a grande instigadora dos artistas — esse pedaço de tela, onde, n'um trecho de paisagem se consegue dar a impressão dos montes que se succedem aos cerros, da campina a perder de vista, do rio que a vae cortando em curvas caprichosas, ora estrangulado ora alargando-se em vastas enseadas! Que não tivesse senão este poder de suggestão, já em si a obra era excellente e de verdadeiro artista. Mas o que dizer do colorido luminoso e transparente? Como exprimir por palavras rapidas a sciencia do claro escuro que faz entrar o ar francamente por entre as massas, dividindo-as e collocando-as nos seus verdadeiros logares?

Apontaria a este respeito um exemplo frizante. No primeiro plano, á esquerda, eriça-se uma moita de juncos, e por entre os claros que n'elles se abrem, vêem-se as entradas do rio e a passagem dos barcos. Basta deter a vista, poucos segundos, n'este trecho para que todos os planos tomem distancias, corpo e vida. Vida, sim; por que se attentarmos bem, temos logo a impressão que o vento dá movimento ao juncal, ás aguas e aos barcos. E é n'estas fugitivas allucinações do espirito que se reconhece o poder do artista. Em toda a paisagem sente-se, como disse, não só o ar em toda ella, mas a brisa mansa que enfuna as velas das fragatas e enruga a face das

aguas sem desordenar a ramaria. Faria notar a limpidez fluida das aguas, obtida não pela reproducção d'uma formula de que uma vez se encontrou a expressão, e de que ao depois se usa e abusa, mas pelo estudo directo, dos effeitos de luz, fusão de reflexos e projecções das massas coloridas e ao mesmo tempo e nas mesmas aguas notaria como, na sua tranquillidade de manso deslizar, nos dão a impressão da corrente que vem de longe e que, sem parar, para longe ainda vae.

Se nos chegassemos ao quadro as observações incidiriam sobre a maneira de fazer: e eu desafiaria quem o executasse melhor e por meios menos complicados e mais francos, quem tratasse com a mesma largueza tanto as grandes linhas como os pequenos pormenores. Aqui é que se aprenderiam *processos* verdadeiramente originaes e individuaes, absolutamente característicos,—que se não ensinam nas escolas,—e com os quaes se produzem effeitos seguros, certos e fundamente impressionistas. E note-se que esses processos são o que ha de mais simples: um traço, uma dedada, um esbatido *à la diable*, um esfregar nervoso do lapis, e eis um conjuncto harmonico, verdadeiro, empolgante. Haja vista, e

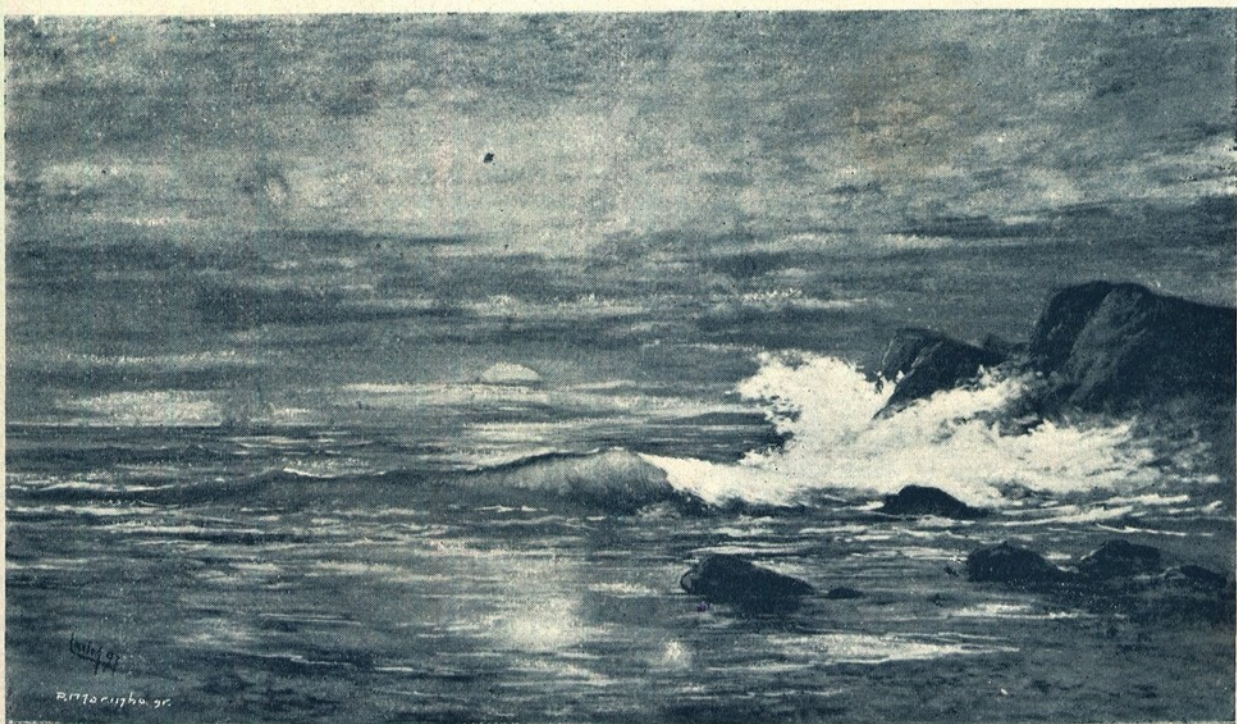
repare bem, meu caro Adrião, como são tratadas, por exemplo, as arvores que sobem pelos comoros da nossa direita, e diga-me, com o seu saber de coisas d'arte, se quem quer consegue taes resultados por aquelles meios, e se quem o consegue não tem na alma e no coração a paisagem portuguesa, e na ponta dos dedos o dom das grandes *virtuosidades* do genero.

Comprehende, pois, meu amigo, que difficuldades grandes eu teria de vencer para dar forma legivel a tudo que para ahi lhe escrevi desordenadamente; e de formar com o desenvolvimento d'esses elementos, que são verdadeiros, um artigo digno do assumpto, e fazer obra como a que merecem os leitores dos *Serões*. Por isso acho melhor pedir-lhe que me dispense d'esse encargo, e aconselhar-lhe que faça obra sua, que para isso nada lhe falta, se não talvez o tempo. Mas roube um bocado mais ao seu descanso e de caminho refira-se tambem a Sua Magestade a Rainha cujos desenhos provam um lapis facil e correcto, e as aguarellas um pincel limpo e um toque tão singelo como seguro e feliz.

E creia-me sempre como até aqui, e já agora d'aqui por deante,

Seu amigo, etc.

*Thiery d'Assumpção*





*A proxima commemoração do fundador do theatro portuguez dá actualidade ao artigo que segue, extracto do valioso livro critico que sobre a vida e obra do engenhoso poeta escreveu o fallecido Ramiro Coutinho, Visconde de Guguella, um devotado cultor das letras patrias, espirito vivaz e esclarecido com quem o gerente d'esta revista teve o prazer de longos annos de convivio intellectual. No resumo d'este estudo encontra-se a idéa geral da obra de Gil Vicente, a sua biographia litteraria, a descripção da época e do meio onde floresceu, e, para conhecimento dos meos lidos em obras portuguezas, alguns breves trechos d'um dos seus Autos, sobre todos notavel.*

**A**FFIRMADA definitivamente a existencia politica da classe media com a acclamação de D. João I, enfreadas as desvairadas ambições dos grandes vassallos pelo braço potente de D. João II, e aberto o caminho da India, ousado commettimento este devido aos interesses e incessantes esforços da dynastia d'Aviz, buscava entrar logo a nação portugueza em um periodo de civilização cujos ideaes deslumbrassem pela grandeza e novidade dos horisontes. A illustração com que o conde de Bolonha voltára á patria, e que se reflectiu, tão profiqua, na educação de D. Diniz, as hostes anglo-normandas, que pelejaram em Portugal durante as guerras com Castella nos reinados de D. Fernando e do Mestre d'Aviz, o casamento d'este monarcha que enlaçou as duas corôas de Inglaterra e Portugal, o alto valor mental da formosa pleiada de seus filhos, e finalmente o convivio com a côrte de França, que teve o sequito de Affonso V na visita d'este soberano ao rei Luiz XI, todos estes factos, que se foram desdobrando em demorados estadios, avolumados depois pelo nosso poder na India, na America e na Oceania, abriram esse fulgido periodo em que D. Manuel presidiu aos destinos de um povo que, erguido de berço tão recente, maravilhava já a Europa inteira.

Era asado o ensejo para que as letras descingissem as faixas em que as trouxeram envoltas o lyrismo provençal e a poesia castelhana, e que a par da chronica onde os factos iam sendo memorados, surgisse a arte em toda a expansibilidade e com todas as manifestações da sua rudeza medieval, sim, mas

aspirando pelo grandioso do seu ideal a expandir-se e a synthetizar esta phase evolutiva da sociedade portugueza. E n'estes assomos, n'estas trepidações em que a intelligencia hesitante e perplexa buscava um trilho que a encaminhasse, e um luzeiro que a pudesse conduzir, encontrou em hora propicia a senda que leva ás grandes litteraturas—defrontou com o theatro. E' tradição incontrastavel entre os antigos, que na sua origem foram a tragedia bem como a comedia cantos coraes. Facto este de valioso alcance para a historia da poesia dramatica. Foi pois a parte lyrica, o canto em côro o primitivo elemento da tragedia. A acção, a sorte do deus suppunham-se ou indicavam-se simplesmente por uma fórmula symbolica na cerimonia do sacrificio: exprimia então o côro os sentimentos que esta situação inspirava.

Foi do *Mysterio* que herdamos a moderna acção dramatica. Passando pelo nascimento e paixão de *Christo*, pelos *Milagres* e pelas *Moralidades* cujos personagens eram puras abstracções das virtudes e dos vicios existentes, entrou quasi com os mesmos moldes na vida profana das sociedades. No anno de 1502 pelo nascimento de D. João III, representou Gil Vicente perante D. Manuel e todas as princezas o *Auto da Visitação*, ou *Monologo do Vaqueiro* nos paços do Castello. Precedeu o castelhano Juan de la Encina o nosso Gil Vicente, de certo; mas nem por isso os loiros que colheu foram mais viridentes nos triumphos que ambos alcançaram. Abundam escriptores que consideram Gil Vicente o creador não só do nosso theatro, mas do theatro

hespanhol tambem e que o consideram como modelo, onde Lope de Vega e Calderon se foram inspirar na estreia das suas valiosas producções.

Quando dizemos que Gil Vicente é o creador do theatro nacional, não pretendemos significar que a scena portugueza surgiu espontanea, sem origens, sem tradições e sem fio que a prendesse aos remotos evos. Nem mesmo no meio das mais densissimas trevas da meia-idade, nunca o theatro desapareceu da Europa. Em toda a sua rudeza mantinha o fio que o prendia ás nobilissimas reminiscencias da Grecia. Havia tambem em Portugal uns vestigios, uns arremedos informes e irregulares de uma arte dramatica qualquer, e foi com esse estudo e com a lição mais ou menos vasta que Gil Vicente colheu das producções tanto antigas como contemporaneas das outras nações europêas que poudes fundar por uma fórmula artistica o theatro portuguez. Pouco nos importa onde sugou os elementos com que organisou as suas creações. Foi fecundo e foi original. E' quanto nos basta saber.

Escreveu e representou Gil Vicente o *Monologo do Vaqueiro* sem se afastar dos costumes populares que tantas vezes o inspiráram. Observou e comprehendeu o povo portuguez. Foi a alma medieval em toda a sua expansão e naturalidade. E na rudeza das suas ironias exprimiu o estado de uma sociedade que ia passar do deslumbramento das suas ousadas navegações e conquistas, para a decadencia que lhe estava preparando a sua incuria e fanatismo. No theatro de Gil Vicente espelha-se todo este periodo historico. Gil Vicente no meio em que viveu, foi o que podia ser: a fiel expressão do seu tempo.

No *Auto da Fama* está patente a illustração não vulgar do auctor, distribuindo papeis aos seus personagens em francez, italiano e hespanhol, e no *Auto de S. Martinho*, representado na igreja das Caldas, perante a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, vemos uma allusão ás *Martinales* tão usadas em França, e em esse seu trabalho reproduzidas com tão seductora singeleza. Não era pois hospede nas diversas litteraturas da Europa, e com as noções que lhe promanaram d'estes estudos, avolumaram-se-lhe os intentos, fecundando a sua intensa laboração poetica.

Ha uma coincidência singular que não devemos esquecer. O anno de 1536 em que Gil Vicente representou a sua ultima comedia, *Floresta d'Enganos*, foi o mesmo em que se estabeleceu a Inquisição em Portugal. Terminou aqui a sua carreira dramatica, encetada com o *Auto da Visitação* em 1502. Foram trinta e quatro annos con-

sumidos em tentativas e esforços para fundar um theatro todo nosso — o theatro portuguez. As mutilações que depois soffreram as suas obras estão-nos a evidenciar, que cruentas torturas o esperavam nas lugubres masmorras da Inquisição se a morte não o viesse arrancar ás garras impiedosas e implacaveis d'aquelle nefando tribunal. A segunda edição das suas obras foi feita em Lisbôa na imprensa de André Lobato, e tem a data de 1585. Acompanha-a esta execravel indicação: «Vam emendadas pelo Sancto Officio, como se manda no cathalogo d'este Regno.» Os tigres da Inquisição saciaram no livro os odios que votavam ao poeta.

Como fizeram Boccaccio, e como continuaram Rabelais, Erasmo, Luthero, Margarida de Valois, rainha de Navarra, e tantos outros escriptores d'aquelle período historico, foram os frades o assumpto predilecto de Gil Vicente, o thema favorito e variadissimo das suas mais aceradas ironias. Preconcebiam o poeta que futuro aguardava um paiz onde o fanatismo e as ordens monasticas dominavam livremente, presentia a que enervação mental tinha de baixar um povo onde o catholicismo cerrava as intelligencias a todo e qualquer outro genero de preoccupações que não fosse o temor do inferno.

Teve porém, Gil Vicente de se sujeitar ao meio em que foi creado; e, alma de poeta temperada com a excessiva sensibilidade de uma harpa eolia, apezar da nobre e inquebrantavel independencia de caracter que o movia, aceitou as condições que o cercavam, e nas suggestivas influencias d'aquella sociedade foi homem do seu tempo. Impunha-lhe a epoca o género de composições que podia tratar, e impunha-se-lhe tambem com pressão não menos incommoda e violenta a classe social que era admittida a ouvil-o na côrte. Estas duas imposições irremediaveis representavam a escravidão do poeta.

São tres as classes em que cumpre dividir as peças de Gil Vicente. D'ellas eram umas compostas para celebrar o Natal, outras para festejar o nascimento ou casamento de principes, e havia-as tambem para desenfado nos serões da côrte de Portugal. Todos estes toscos e imperfeitos moldes, que eram comtudo para aquelles tempos a fórmula mais acabada da elegancia artistica em que o poeta era coagido a vasar as elaborações da sua travêssa musa, deixam transluzir sem demorada analyse a superioridade irresistivel do seu vivo ingenho. Na primeira classe, que devera ser tão severa e decorosa pela indole e gravidade dos assumptos, soube Gil Vicente amenizar-lhe as fórmulas, suavizar-lhe os contornos, fazendo irromper a gargalhada estridula que vinha

abafar as exclamações hypocritas de um estonteado mysticismo. Na segunda classe, onde se acham reunidas as *Tragicomedias*, abundam as allegorias, genero assim como o primeiro, que resiste a todo o plano dramatico rasoavel. Só uma poderosa concepção da scena comica podia dar vida, animação e encanto as estes esboços enfadonhos e obrigados, e a magia do talento e o sal attico da tempera de Aristophanes seduzir e maravilhar como acontece na *Fragoa d' Amor* e na *Romagem de Aggravados*. De relance se nos afigura de certo que, na terceira classe, *Comedias* e *Farças*, poderia Gil Vicente dar mais larga expansão ás tendencias jocosas do seu espirito, e enredar com mais arte as situações dramaticas e as peripecias comicas, não só como estudo mais accentuado de caracteres, mas tambem para enlear com mais naturalidade o fio da acção. Mas a cõrte era o objectivo de todas as suas inspirações. Eram para ella, e só para ella todos os seus afans, todas as suas lidas. Tinha por mester unico entretel-a, divertil-a, fazel-a rir. Tinha de lhe fallar ás paixões e aos gostos que a moviam e interessavam.

Gil Vicente não era um escriptor dramatico, como nós hoje concebemos esta elevada missão da arte. Forçado a ser tambem uma especie de truão ou chocarreiro — tinha de ser um jogral. E' esta a rasão porque o fanatico, o hypocrita ou o piedoso D. João III, o introductor da Inquisição e dos jesuitas em Portugal, tolerava e ria sem reboço das vaias e mordazes gracejos que o intransigente poeta arremessava a Roma, ao clero e aos frades.

Gil Vicente nasceu no principio do ultimo quartel do seculo xv, mas não é ponto assente, o que pouco importa, em qual das cidades ou villas de Portugal teve o seu berço. De seus paes se diz que eram de illustre origem. Coursou a Universidade em Lisbõa onde então se achava, seguiu o curso de jurisprudencia, mas não é sabido se o terminou. Não é extranho aos seus estudos o primeiro trabalho que d'elle possuímos. Succedeu que um fidalgo da cõrte de D. João II, vendo bailar

uma rapariga em Alemquer, lhe dera gracejando uma cadeia de oiro. Como depois lh'a pedisse, não quiz ella restituil-a. Imaginou Henrique da Motta fazer d'aqui um processo, como anteriormente outro igual se instaurára com o *Cuidar* e *suspirar*. Entrou Gil Vicente em este engraçado pleito, e escreveu de parecer oito estrophes.

Não ha rasão nenhuma de onde se pôssa inferir que frequentou a cõrte de D. João II ou que alcançasse a estima da rainha D. Leonor, antes de viuva, com as suas composições. Embora o poeta seguisse a cõrte de D. Manuel e de D. João III, como de feito succedeu, todavia nunca n'ella teve a nobilitação dos

matriculados nas moradias da casa real. Para tão grandes senhores, para cõrte tão cerimoniosa e luzida, Gil Vicente pouco mais era de que um hestrião. Já o dissemos: era um jogral. Desenfadar e divertir a cõrte não ia longe do mester de truão. Demais, Gil Vicente representára no *Monologo do Vaqueiro* e em muitos outros dos seus autos. A orgulhosa prosapia dos cortezãos veria desdenhosa no zombeteiro poeta, no auctor e actor das proprias *Farças*, o bobo do palco. Nem sequer D. Manuel lhe deu o fõro de escudeiro. Dava-lhe o parco sustento, urgente para a vida. D. João III soccorria-o com mãos



SUPPOSTO RETRATO DE GIL VICENTE

avaras, como se infere do *Auto Pastoril Portuguez*.

Em presença da cõrte, á face do que havia de mais luzido mais aristocratico e mais activo em Portugal, o nosso Aristophanes verbera e açoita com o azorrague possante da sua implacavel zombaria fidalgos, clerigos e altos funcionarios sem attender a hierarchias. Nenhum ridiculo, nenhuma torpeza, nenhuma hypocrisia escapava n'aquelle flagellar impiedoso. Ludibriava e escarnecia, inexoravel, as superstições, as villanias e o ascoso fanatismo do seu tempo. Criva de epigrammas, no *Auto dos Almocreves*, os nobres perdularios e caloteiros que no exaggero da sua ostentação, se aviltam e empobrecem. O que mais admiramos n'aquelle lucidissimo espirito não é tanto o que elle exprime em phrase sarcas-



tica e mordaz, e observado com notavel acume pela sua critica tão penetrante e tão comica. O que mais nos seduz e maravilha é o engenho, tão superior ao seu tempo, no que elle não diz, mas deixa presumir, por uma fórma vaga e simuladamente ingenua e sem malicia. Orjundo de familia fidalga, affecta no *Auto da Lusitania* rebaixar o nascimento para vergastar a soberberia e o orgulho da nobreza. Gil Vicente era um poeta e não menos um philosopho esclarecido. Era uma d'estas intelligencias electas e primorosas distanciadas largamente do seu tempo, e para as quaes se quebram as balizas do progresso intellectual na marcha lenta e pausada da evolução.

O poeta fazia rir e sabia levantar a opinião publica, tal ou qual como então existia, pondo-a do seu lado. E só assim explicamos que a despeito dos lancinantes sarcasmos e das zombarias pungentes que a cada hora arremessava ao clero e aos regulares, se conservasse sempre immune e desaffrontado. Não foi ferido nunca, nem espancado, que o sabiamos. Mas não é provavel que ficassem completamente inultos todos os individuos que foram alvo das suas chanças e motejos. Os odios e rancores, os desprezos e desdens que a sua veia comica lhe encelleirou talvez, se o atribularam por vezes, se lhe deram horas angustiosas e amargas, levou-os o poeta para o silencio do tumulo e ahí se apagaram com elle. Foi a gargalhada estridula da propria côrte que livrou o poeta de alguma cruenta revindicta.

Nada havia que o intimidasse ou detivesse quando ia levado pela inspiração da sua zombeteira e indefessa musa. Se era demasiadamente elevado o alvo que pretendia ferir com os seus certos golpes, e se receava alguma retaliação fulminante a que não podesse esquivar-se por se encontrar inerte, soccorria-se a uma bem concebida traça — refugiava-se na allegoria. As personificações grutescas accendiam-lhe a audacia e permitiam-lhe a irresponsabilidade nas mais ousanas e pungentes allusões. O Diabo é o seu comico por excellencia. Entrega-lhe as situações mais arduas e espinhosas, e o engenho inventivo do auctor lança o mais fino sal attico nas observações do seu personagem dilecto. Com os esgares e tregeitos que competem á sua personalidade e com a maliciosa gruteza propria da sua qualidade de reprobado, não se detinha nem hesitava o anjo das trevas em proferir as mais desprimorosas censuras. Em todos os autos onde apparece Satanaz, reserva-lhe sempre o poeta o papel mais engraçado, mais satyrico, e mais desprendido e independente na phrase e na idéa. E na *Romagem de Aggravados*, onde

Satan não tem cabida, busca uma allegoria não menos excentrica personificada em Frei Paço. E' a allusão mais directa que se poderia conceber, feita em fórma de satyra ao espirito clerical, que com mais ou menos hypocrisia se apoderára do animo de D. João III e de todas as influencias da sua côrte. Foi esta tragicomedia representada em presença do monarcha. Diz a rubrica que é satyra. E' de certo, e em nenhuma outra das suas creações dramaticas o denodo de Gil Vicente tomou tão arrojadas proporções. Aqui substitue o poeta o anjo mau, consoante a lenda biblica, por um outro personagem allegorico que não é menos interessante. Deixa o Diabo figura tão festejada em todas as representações medievaes, e cria um typo anamalo, hybridado e profundamente grutesco. Forma-o com dois caracteres diversos: o corteção e o frade. Frei Paço é a satyra viva, onde se consubstanciam e incarnam muitos dos ridiculos humanos. Entra em scena Frei Paço, «*com seu habito e capello, e gorra de veludo e luvas, e espada dourada, fazendo meneios de muito doce corteção*». E no que diz está debuxado o aulico com a maior naturalidade e exacção. O conjuncto de ardente mysticismo e de ardileza palaciana, a palavra repassada de unção da fé, seguida da dobléz que imprime no corteção a frequencia dos paços, tudo isto transparece condensado n'esse bello trecho. Um rustico, João Mortinheira, acompanhado de seu filho Bastião, vem queixar-se a Frei Paço da miseria a que está reduzida a agricultura, e depois de se lastimar largamente, diz-lhe que quer fazer o rapaz de igreja para que possa viver mais folgado. A taes extremos tinha chegado a situação economica da patria, muitos annos antes do meado do seculo XVI, que levava o desalento ao animo das pessoas mais sensatas e experientes. Nunca a fazenda publica soffreu uma desorganisação tão completa. Nem o rei nem os subditos podiam já com os encargos, e era facil prevêr que cada vez poderiam menos com elles. Desde que se encantara o caminho ruinoso dos emprestimos, nunca mais se abandonara, e o Estado quasi que exclusivamente vivia d'esses expedientes. Por isto se vê quanto eram justos os lamentos de João Mortinheira, e factos da actualidade nos estão ensinando, como vivem as nações que, por systema, recorrem quotidianamente ao credito, malbaratando e dissipando no delirio da ostentação culposa e da opulencia ficticia os dinheiros publicos. Na sua precaria condição, concebe-se, sem largo exame, que o rustico pretendesse abrir ao filho uma carreira vantajosa, fazendo-o clerigo ou frade.

Temos analysado Gil Vicente nas suas qualidades mais conhecidas, na fôrma truanesca e chocarreira com que escarnece e fustiga os vicios, as torpezas e os ridiculos do seu tempo. Mas se esta é a sua feição mais saliente, não é de certo por ella que podemos avaliar a superioridade do seu espirito e observar os vãos do seu alto engenho. Cumpre-nos examinar o modo tocante e a donosa suavidade do sentimento como elle o exprime, a

penetração e agudeza dos conceitos com que o reveste, quando entra nas regiões do mais puro lyrismo, a naturalidade com que expõe as scenas da vida real, a simplicidade harmoniosa e verdadeira de alguns dos seus quadros pastoris, e as galas e a singularidade d'esta poesia eminentemente portugueza, que se desprende em cadentes e harmoniosas redondilhas que encantam e deleitam em cada situação.

(Descrevendo o seculo da Renascença, passa o auctor a mostrar a Europa em toda a sua generalidade no tempo de Gil Vicente e depois prosegue)

Não ignorava elle muitos d'aquelles successos, mas não os podia observar com a lente do criterio moderno, porque lhe faltavam os methodos e processos de observação e de analyse que nós hoje possuímos. O individuo nascido em um certo meio não tem as largas perspectivas e rasgados horisontes que a historia exige para synthetizar com madureza uma epocha determinada. Só em um periodo historico posterior, se pôde estudar com vantagem a phase social que o precedeu. Gil Vicente tinha conhecimento de uma parte d'estes factos com maiores ou menores minudencias, e se por um lado lhe faltava a critica moderna, tinha por outro a intuição d'esses acontecimentos, e por vezes como que previa o seu alcance. Não possuía de certo o assombroso genio de Shakespeare, que é ainda hoje o colosso do theatro moderno;



Gravura reproduzida da 1.ª edição das obras de Gil Vicente, em 1562, pelo editor Luiz Vicente, filho do poeta.

viéra também quasi um seculo antes d'esse vulto gigante e faltava-lhe aquella possante envergadura de inspiração com que o auctor do *Hamlet* se arrojava aos ares, librando-se ousado nos paramos do espaço infinito. Contudo, nos moldes da sua inspiração foi em toda a sua pureza o representante da alma medieval. Não se deixou seduzir pelas imitações da antiguidade, encontrou sempre em si o genio da sua lingua e as tradições e os costumes da sua patria. Não pretendeu guiar-se por Plauto nem por Terencio. Quiz ser o que foi: um escriptor portuguez.

A idade media terminou em Portugal no fim do reinado de D. João II. Com D. Manuel abre-se o periodo historico denominado a Renascença. A nossa evolução litteraria, scientifica e artistica não começára ahí, e os nossos caracteres ethnicos vinham tracejados e affirmados de longos evos, anteriores ao estabelecimento da nossa autonomia. Horacio, diz um eminente escriptor, louva sobre todos aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpetua familia dos Attridos. Os nossos primeiros trovadores e poetas acrescenta o mesmo escriptor, que mal sabiam talvez, se tanto, o latim musarabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que de certo nunca tinham lido Horacio, nem o entenderiam, seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no seculo XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições da nossa poesia. O movimento litterario que começou a manifestar-se na Europa pelos fins do seculo XIV e começo do XV, chamava já a attenção dos homens de letras portuguezes. Dos livros que os nossos sabios estudavam n'estes dois seculos, dá-nos noticias Gomes Eannes de Azurára. E' larga a copia de escriptores por este chronista citados, a começar pelos auctores sagrados e da antiguidade classica, e rematando com os que floresceram nos seculos medievos.

Alumiaram esta estreita orla do occidente os clarões d'essa fulgente luz que a Italia esparzia. Tinha-se correspondido com os Medicis D. Affonso V. A sua educação litteraria fôra confiada aos cuidados do profundo latinista Matheus de Pisano, filho da celebre Christina de Pisano, chronista do rei de França, Carlos V, e um dos homens mais afamados do seu tempo. Quando os soberanos presavam assim as letras, e quando os seus cultores podiam socorrer-se a subsidios tão

valiosos como eram os livros que já possuíam, não era para admirar que homens eminentes se distinguissem em varios generos, e que certa actividade intellectual, transcendendo os limites dos claustros, ainda então quasi os exclusivos depositarios da sciencia, viesse animar nas outras classes o amor do estudo. A carta de Affonso V a Gomes Eannes de Azurára, e a de D. João II a Policiano são monumentos preciosos para a historia litteraria, porque attestam a importancia concedida á penna d'aquelles escriptores, e o desejo ardente que tinham os dois principes de verem perpetuadas as memorias gloriosas do seu tempo e do anterior.

No fim do seculo XV a revolução achava-se consummada, e D. Manuel, subindo ao throno, abriu uma nova era em Portugal no alvorecer do seculo XVI. Herdeiro feliz, como observa um escriptor moderno, de uma serie de principes emprehendedores e de navegantes arrojados, Vasco da Gama enflorou-lhe logo os primeiros annos do reinado, pondo remate ás audaciosas empresas de Diogo Cam, de João Affonso de Aveiro e de Bartholomeu Dias. Dobrado o cabo das Tormentas e patenteadado o caminho do Oriente, Lisboa recebeu com o sceptro dos mares o maior emporio commercial de que ha memoria nas paginas de toda a historia. Vasco da Gama, pois, realisando as esperanças do infante D. Henrique e de D. João II transferiu de Veneza e da Italia para Lisboa o commercio do mundo oriental. Pedro Alvares descobriu o Brazil aonde o seguinte reinado, inconsciente, lançou as bases de um imperio mais solido e mais rico do que o da Asia. Uma floresta de mastros, diz um historiador, e de antenas povoou a espaçosa bahia do Tejo, e os mercados de todas as nações disputavam os sorrisos e favores da afortunada capital do reino mais invejado da Europa n'aquelle momento. Uma actividade incrível e quasi febril devorou todas as classes. Elementos tão poderosos de grandeza nenhum paiz os possuiu então como nós. Admirado pelos seus vastos descobrimentos maritimos e terrestres, senhor exclusivo do trato mercantil da Asia, e dominando os mares arados por suas quilhas até as mais desviadas partes, não era para causar estranheza que o deslumbramento de tão raro espectáculo exaltasse os animos, desvairasse as phantasias e excitasse o enthusiasmo. E' neste periodo de maravilhas e de arrebatamentos, em que o ardor da fé mais viva alentava os brios e vencia o impossivel, é n'este periodo, diremos, que Gil Vicente fazia representar o *Auto da Fama*.

D. Manuel imitava no fausto e na sumptuosidade as côrtes de Leão X e de Fernando

e Isabel, e as representações tão predilectas d'aquelles soberanos faziam parte das solemnidades da sua côrte. Foi na presença d'este monarcha, em 1508, que se representou um dos mais elevados assumptos a que se entregou a inspiração de Gil Vicente: o *Auto da Alma*. E' um drama genuinamente hieratico. O pensamento primordial d'este *Auto* resume-se na lucta do homem com o genio do mal, vencendo o homem pela misericordia do Redemptor.

(Aqui faz o auctor analyse demorada e suggestiva d'este celebre e inspirado auto, do qual apenas para exemplo e amostra do metro de Gil Vicente se transcrevem alguns trechos.)

Ao afastar-se o Anjo, que fallára á Alma, approxima-se o Diabo, e diz-lhe:

•Tão depressa, ó delicada.  
Alva pomba, pera onde is?  
Quem vos engana,  
E vos leva tão cansada  
Por estrada,  
Que somente não sentis  
Se sois humana:  
Não cureis de vos matar  
Que ainda estais em idade  
De crescer.  
Tempo ha hi pera folgar  
E caminhar:  
Vivei á vossa vontade  
E havei prazer.  
Gozae, gozae dos bens da terra,  
Procurae por senhorios  
E haveres.  
Quem da vida vos desterra  
A' triste serra?  
Quem vos falla em desvarios  
Por prazeres?  
Esta vida he descanso  
Doce e manso,  
Não cureis d'outro paraizo:  
Quem vos põe em vosso siso  
Outro remanso.»

Diz a Alma:

•Não me detenhais aqui,  
Deixae-me ir, que em al me fundo,

Insiste o Diabo:

Oh descansae neste mundo,  
Que todos fazem assi.  
Não são embalde os haveres,  
Não são embalde os deleites,  
E fortunas,  
Não são de balde os prazeres  
E comeres:  
Tudo são puros affeitos  
Das criaturas.  
Pera os homens se criirão.  
Dae folga á vossa passagem  
D'hoje a mais:  
Descansae, pois descansarão  
Os que passarão  
Por esta mesma romagem  
Que levais.  
Ó que a vontade quizer,  
Quanto o corpo desejar,  
Tudo se faça  
Zombae de quem vos quizer  
Reprender,  
Querendo-vos martearar  
Tão de graça.  
Tornára-me, se a vós fôra.  
Is tão triste, atribulada,  
Que he tormenta.  
Senhora, vós sois senhora

Imperadora  
Não deveis a ninguem nada;  
Sede isenta.

Começa a tentação. São evidentes as analogias do *Auto* de Gil Vicente com o *Fausto* de Goethe. Conheceria o poeta allemão este trabalho do fundador do nosso Theatro? E' possivel. Não lhe faltavam tradições para o não desconhecer. Erasmo aprendera portuguez para poder avaliar com perfeição o homem que elle appellidava o Plauto de Portugal, e estas investigações do philosopho do seculo XVI podiam ter despertado a curiosidade de tão lucido espirito.

Estas duas personificações, Anjo e Diabo, que estão em scena, no mesmo plano em que vemos a Alma, conservam sempre durante a acção os predicados inalteraveis dos seus caracteres. Ha como que uma placidez celeste, uma serenidade divina na compostura do Anjo, ainda nos lances mais ardentes. Afigura-se-nos alumiado por uma luz sideral. Satan é a antithese d'esta donosa magestade. Turbulento, astuto e sinistro, dá-nos a noção do que deve ser o espirito das trevas. Vae agora tentar o ultimo assalto.

Diz elle:

Todas cousas com razão  
Tem sação.  
Senhora, eu vos direi  
Meu parecer.  
Ha hi tempo de folgar,  
E idade de crescer;  
E outra idade  
De mandar e triumphar,  
E apanhar  
E acquirir prosperidade  
A que puder.  
Ainda he cedo pera a morte;  
Tempo ha de arrepender,  
E ir ao céu,  
Ponde-vos á tôr da côrte,  
Desta sorte  
Viva vosso parecer,  
Que tal nasceo.  
Ó ouro pera que he,  
E as pedras preciosas,  
E brocados?  
E as sedas pera que?  
Tende por fé,  
Que p'ra as almas mais ditosas  
Forão dadas.  
Vêdes aqui um collar  
D'ouro mui bem esmaltado,  
E dez anneis.  
Agora estais vós p'ra casar  
E namorar:  
Neste espelho vos vereis,  
E sabereis  
Que não vos hei de enganar.  
E poreis estes pendentes,  
Em cada orelha seu:  
Isso si;  
Que as pessoas diligentes  
São prudentes.  
Agora vos digo eu  
Que vou contente daqui.

Desvanece-se a Alma, e ao contemplar-se com a riqueza e a elegancia de tão luzidos adornos solta subito estas phrases:

Oh como estou precioza,  
Tão dina pera servir  
E sancta pera adorar!

No confronto de toda esta situação com a scena identica do *Fausto* de Goethe, (a conhecida scena do cofre das joias) custa a crêr que o poeta allemão desconhecesse o *Auto* de Gil Vicente. Ha uma paridade extraordinaria entre a Alma e Margarida. Só existe a differença que resulta do meio onde as duas scenas se passam. No *Fausto*, a vida suppõe-se real, os personagens existem. No *Auto* do nosso poeta, tudo é ethereo, allegorico, manifesta-se como se fôra uma visão do espirito.

Foi o *Auto da Alma* representado na noite de endoenças de 1508 nos Paços da Ribeira. Estas diversões e passatempos levam-nos a conceber, sem largo exame, o fausto, a magnificencia e a grandeza que existiam na côrte do monarcha appellidado o Venturoso. Chegára Portugal á culminação de um prestigio deslumbrante e do seu grandioso poderio. Empunhava o sceptro dos mares e possuía o commercio do mundo. As artes foram-se erguendo até tocar o nivel d'estes uniformes primores. Teve a musica nos seculos XV e XVI notavel desenvolvimento, devido inquestionavelmente ao uso hespanhol dos poetas se acompanharem com instrumentos, emquanto improvisavam ou cantavam seus poemas. Era Gil Vicente quem compunha a solfa para os villancicos e chacotas dos seus autos; Manuel Machado primava no toque do alaude; D. João de Menezes compunha para orgão a musica das suas coplas; Garcia de Resende era celebrado como tocador de guitarra, e Sá de Miranda acompanhava-se, com enlevo de quem o ouvia, á viola de arco. O metro admittido n'estas composições era a redondilha maior, por mais adequada ao rythmo musical das toadas nacionaes. Porém a poesia lyrica da escola hespanhola, n'esta dependencia da musica, perdeu a sua categoria litteraria e ficou valendo unicamente como *cantigas*. Quasi que destituída de pensamento poetico valia pela cadencia do rythmo. Foram os serões do paço que offereceram o unico meio de publicidade a este genero de composições, vulgarizadas depois por se terem multiplicado em grande copia. Colligidas mais tarde, e por se chamarem ordinariamente *canções*, foram denominados *cancioneiros* os volumes em que as foram reunindo. Estava em uso nas côrtes de D. Affonso V e de D. João II a chamada dança moirisca que os poetas d'essas eras descrevem de meneios lubricos, como esses bailes sensuaes e provocadores trazidos do oriente, ou originarios da compleição ardente dos habitantes da Mauritania; mas com a influen-

cia italiana vieram a *pavana* e a *galharda*. A *pavana* era uma dança grave e de posições garbosas e senhoris. Só a dançavam rainhas, as principaes damas da côrte, e os gentishomens da mais illustre linhagem que podiam receber essas honrarias. Era considerada especialmente como dança de etiqueta cortezã. Dançava-se com roupas talares e roçagantes, e nas voltas os mantos, enfunando-se, muito concorriam para a solemnidade dos passos e magestade das attitudes. Tornára-se de uso pôr n'estas occasiões as melhores joias, e até os soberanos se ornavam com os distinctivos da realeza, e os nobres com a capa e espada. A *galharda* era outra dança que se executava a tres tempos, com movimento vivo e animado, de que pouca noticia nos resta. Nunca as fascinações de uma grande civilisação foram tão fulgurantes como n'este periodo historico.

As riquezas do Oriente refluíam em torrentes das margens do Ganges para as praias do Tejo, e milhares de navios estrangeiros, tributarios da nossa opulencia, acudiam ao porto de Lisboa, carregando para os vastos mercados de Flandres, de Inglaterra, de França e da Italia. Versava o nosso commercio sobre productos variadissimos e era com o oiro de Sofala que se pagavam em parte as mercadorias asiaticas. Os metaes preciosos entravam como artigo principal nos carregamentos das naus de Lisboa, e cada uma levava de ordinario quarenta a cincoenta mil cruzados para empregar em pimenta e outras especiarias. Traziamos o cravo das Molucas, a nóz e a massa de Banda, a pimenta e o gengibre do Malabar, a canella de Ceylão, o ambar das Maldivas, o sandalo de Timor, o benjoim do Achem, as tecas e couramas de Cochim, o anil de Cambaiya, o pau de Solor, os cavallos da Arabia, as alcatifas de Schiraz, as sedas, damascos, alniscar, lavores e porcelanas da China, os estofos de Bengala, as perolas de Kalckar, os diamantes de Narsinga, os rubis de Pegú, o oiro de Sumatra e dos Lequios, e a prata do Japão. Moçambique, ponto aonde todos os annos nos mezes de agosto e setembro vinham aportar as armadas, trocava pelos productos da India que lhe vendiamos, o oiro colhido nas visinhanças de Sofala ou nos rios de Monomotapa, os escravos negros do sertão, o marfim e o ebano.

Todas estas grandezas passaram. A decadencia não tardou, e com ella surgiram todas as vilezas que nos teem opprimido e esmagado. A esta lugubre derrocada não escapou o theatro. E todavia Gil Vicente tinha lançado os fundamentos d'uma escola nacional.



VISTA GERAL DA EXPOSIÇÃO DE ARTE EM COIMBRA

# A EXPOSIÇÃO DE ARTE EM COIMBRA

COIMBRA afirmou mais um progresso na sua cultura. A Athenas portugueza acaba de realizar, á semelhança de Lisboa e do Porto, a sua primeira exposição d'arte que representa um amplo e bello acto de arrojo que muito honra o seu promotor, o distincto photographo Pinho Henriques, e que determinou um vivo interesse e sympathia no restricto mas valioso numero dos que dedicam um fervor sincero e uma boa parcella da vida aos nobres cuidados da Arte, a manifestação mais elevada da actividade humana, que aliando a verdade e a belleza, divinizando a côr e a linha, constitue uma função social das mais graves e difficis, mas que em compensação nos dá emoções, vibrantes e intensissimas por isso que na bella expressão de Guyan \* *devant toute l'œuvre de l'art nous revivons une portion de notre vie ; nous retrouvons un fragment de nos sensations, de nos sentiments.*

Superfluo será encarcerar a utilidade d'este certamen, o seu verdadeiro alcance moral e intellectual, já como estímulo aos que entre nós trilharam com vontade o caminho da sua

aspiração artistica, já como elemento de educação esthetica pela grata lição que trouxe ao nosso pequeno meio um bom numero de obras, reñumantes de talento e de saber, que são mais que um lampejo de vida, pois constituem um testemunho frisante de que em Portugal ainda ha vassallos fervorosos do incontestado e rútilo imperio da Arte.

A exposição, installada em duas galerias do atelier photographico de Pinho Henriques, teve um exito dos mais lisongeiros, concorrendo ao appello do seu promotor quarenta e tantos expositores de diversos pontos do paiz.

A actividade artistica de Coimbra manifestou-se apenas n'uma amadora distinctissima, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Lucilia Henriques de Lima e no grande carbonista Luiz Bastos, o que brada bem alto em desabono das condições estheticas d'esta linda terra, e envergonha de inercia os que mais obrigação tinham de comprehender e amparar o sympathico commettimento.

Composta de 200 trabalhos em esculptura, pintura a oleo, desenho a carvão, desenho á penna e aguarella, o aspecto geral da exposição era um pouco monotono pelo



TEIXEIRA LOPES. — BUSTO DE CREAÇA

\* *L'art au point de vue sociologique* — Paris, 1901.

predomínio da paisagem, na sua maior parte sem figura que a animasse.

Ainda assim entre aquelles trabalhos, cujo numero é importante para uma terra como Coimbra, que nunca se abalançou a tentati-



FERNANDES DE SÁ. — BELJA-FLOR

vas d'esta natureza, destacavam-se muitos com individualidade e com caracter. E o que lamentamos é que o espaço restricto de que dispomos nos obrigue a dar umas simples notas de impressão que tendem unicamente a lançar nos registos da arte uma rapida noticia sobre os mais notaveis trabalhos expostos, alguns dos quaes publicamos em photographura.

Na mais nobre das artes bellas, a escultura, o trabalho primacial era uma adoravel cabeça de creança, modelada com rara sobriedade pelo forte e prodigioso artista que é Teixeira Lopes.

Este busto é adoravel na expressão physiologica que espiritualisa o marmore, tratado com immensa simplicidade, e ao qual o glorioso artista anaciou a natural dureza, transmittindo-lhe todo o setim proprio da epiderme, toda a suavidade dos contornos.

O sr. Antonio Fernandes de Sá, discipulo de Falguière e Puech, enviou dois bustos *Beija flôr* e uma *Cabeça de estudo* muito apreciaveis, pela maneira como estão observados

e estudados, pela graça e pelo rythmo de todas as curvas.

Espirante de *verve* e d'um sabor original o *Busto do sr. Antonio do Couto*, uma expressiva mascara de bohemio, que, pela intensidade de vida que a anima, é uma maravilha. O vigor do modelado documenta os altos dotes de realisação plastica que possui o seu auctor, o sr. Costa Motta, Sobrinho, um artista em plena força da mocidade e do talento.

Duas *maquettes* do sr. Rodrigo de Castro *Dedale et Icare* e *Orestes* são estudos interessantes que denotam aptidão.

Passando á pintura temos a assignalar uma soberba téla d'esse temperamento singularissimo de artista, que foi Josepha Garcia Greno, a desventurada protagonista d'esse grande drama de sangue que ha tempos alarmou a capital. Foi exposta pelo importante capitalista sr. Joaquim Sotto-Maior, seu actual possuidor, e traz bem impressa a chancellia, da admiravel factura, do originalissimo talento de D. Josepha Greno.

N'um fundo que se presta esplendidamente ao destaque, ha uma magnifica composi-



FERNANDES DE SÁ. — CABEÇA DE ESTUDO

ção de laranjas escachadas que nos tentam a cravar-lhes os dentes, uvas de bagos que scintillam claridades de topazio, tocados com tanto brilho, tanta frescura e limpidez que parecem desprender-se da téla.



O sr. Sotto-Maior enviou também um quadro do mallogrado esposo da prodigiosa artista, Adolpho Greno. Representa o typo e o costume de mulher andaluza; o seu colorido é bastante justo; a *pose* da figura é natural, e a sua linha geral tem a graça e a beleza que anima as mulheres de Hespanha.

O laureado pintor portuense Julio Costa, mandou uma grande t $\acute{e}$ la *O Calvario*, ampla composi $\tilde{c}$ o que evoca grandiosamente a grande tragedia christ $\tilde{a}$  da Jud $\acute{e}$ a. Este quadro chama vivamente a at $\tilde{e}$ nc $\tilde{a}$ o, pela maneira de arte, nova e pessoal, como o artista interpretou o assumpto. O sr. Julio Costa  $\acute{e}$  um artista de primeira for $\tilde{c}$ a, que possui uma technica poderosa, e um conhecimento vivo e profundo da c $\acute{o}$ r.

O quadro exposto documenta exuberan-

resulta da tonalidade clara do seu gracioso vulto com o colorido quente da composi $\tilde{c}$ o, a que d $\acute{a}$  uma nota cheia de frescura e elegancia.

Maria de Magdala, no primeiro plano



ESTATUA.—ESCUPTURA DE BERNARDINO REAES

do quadro, de joelhos em frente  $\acute{a}$  cruz, ergue os bra $\tilde{c}$ os n $\acute{u}$ s, n $\acute{u}$ ma sollicitude dolorosa, para o divino sonhador da Galli $\acute{e}$ a; a sua loira cabe $\tilde{c}$ a, de abundantes cabellos, que cahem em ondas pelas costas,  $\acute{e}$  pintada com carinho, e no torso e na espadua direita a luz incide vivamente, e illumina carinhosamente em grada $\tilde{c}$ oes admiraveis de justeza o resto da figura, envolta nas roupas tratadas com grande largueza e palpitante toda ella de mocidade.

Julio Costa curou bem as attitudes das outras personagens, insistindo na sua d $\acute{o}$ r, que, a tra $\tilde{c}$ os de pungente realidade, imprimiu nas physionomias e nos gestos.

Assim  $\acute{e}$  extraordinaria de express $\tilde{a}$ o a cabe $\tilde{c}$ a e a attitude do anci $\tilde{a}$ o de longa barba ancestral que retira de junto da cruz, levando desoladamente a m $\tilde{a}$ o  $\acute{a}$  cabe $\tilde{c}$ a, branca de neve.

O artista soube tambem traduzir com intensidade a piedade profunda e a d $\acute{o}$ r infinita da Virgem, cujo olhar comtempla resignadamente o Christo na express $\tilde{a}$ o, bem desolada, bem humana, da m $\tilde{a}$ e que perdeu o seu filho.

O agrupamento dos companheiros de Jesus e mulheres que junto  $\acute{a}$  cruz solu $\tilde{c}$ am convulsamente,  $\acute{e}$  feliz, bem como o dos guerreiros



COSTA MOTTA.—BUSTO DO SR. ANTONIO COUTO

temente os recursos do seu auctor e o notavel cuidado com que estudou algumas das figuras, como a da Magdalena que se assignala fortemente na t $\acute{e}$ la e  $\acute{a}$  primeira vista invenivelmente nos attrahe pelo contraste que

ros romanos de physionomias expressivas, armados de capacetes e lanças de espiculos reluzentes.

O céo, pesadissimo, obscurecido de espes-

sas nuvens, está muito bem tratado. Oito quadros do eminente paisagista Marques de Oliveira lançam uma nota de doce e encantadora frescura, apregoando a superioridade emocional e a pericia technica do artista.

A destacar o n.º 113 do catalogo—*Paisagem*—um estudo fogosamente tocado, do qual o sentimento da natureza se evola com um vigor e uma simplicidade adoraveis; e *O tear*, uma scena d'interior, finamente observada e bellamente interpretada. Junto d'uma ampla janella, por onde a luz entra fortemente, tece uma rapariga de bello typo minhoto, trajando os formosos costumes tradicionais de vivas e variadas côres. A figura de perfil, delicadamente traçada, destaca-se com vigor no fundo illuminado da têla; a sua *pose* é naturalissima e a sua linha geral é cheia de harmonia, de encanto.

O seu estudo para o quadro *Esperando os barcos* é um pedaço vigorosamente pintado; representa uma d'essas rudes e simples filhas da beira-mar, em magnifica attitude, cheia de vida e de expressão.

Do delicado pintor de flores, sr. Antonio José da Costa apparecem varias paisagens finamente brossadas e dois quadros *Chrisanthemos* e *Gigantes*. Este ultimo é encantador no excellente agrupamento das flores e na delicadeza dos toques que fazem com que a têla, entre as outras, espirre tanta frescura.

O seu quadro *Engeitada da Varzea* que o distincto artista mandou ha tempos á exposiçao de Berlim, é um pedaço de fresca paisagem, immensamente pittoresco. Anima-o uma figura de rapariga, de linhas justas, lavando n'um claro riacho. A figura tem vida, tem destaque, pousando bem n'um fundo de tenra verdura, sabiamente achado para lhe dar relevo.

O distincto paisagista Francisco Gil, illustre director da escola industrial Bernardino Machado da Figueira da Fóz,

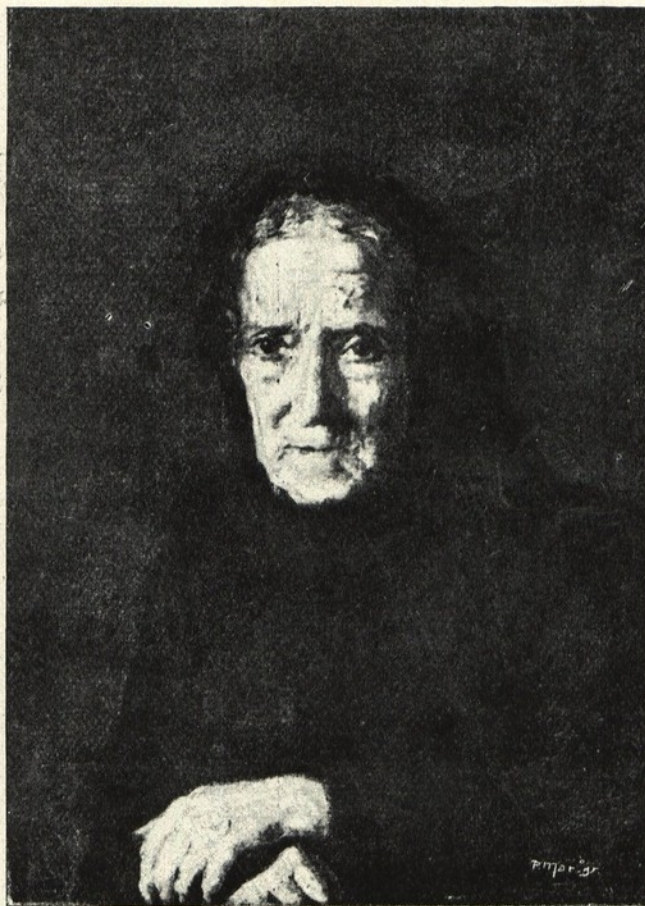


JULIO COSTA. — O CALVARIO

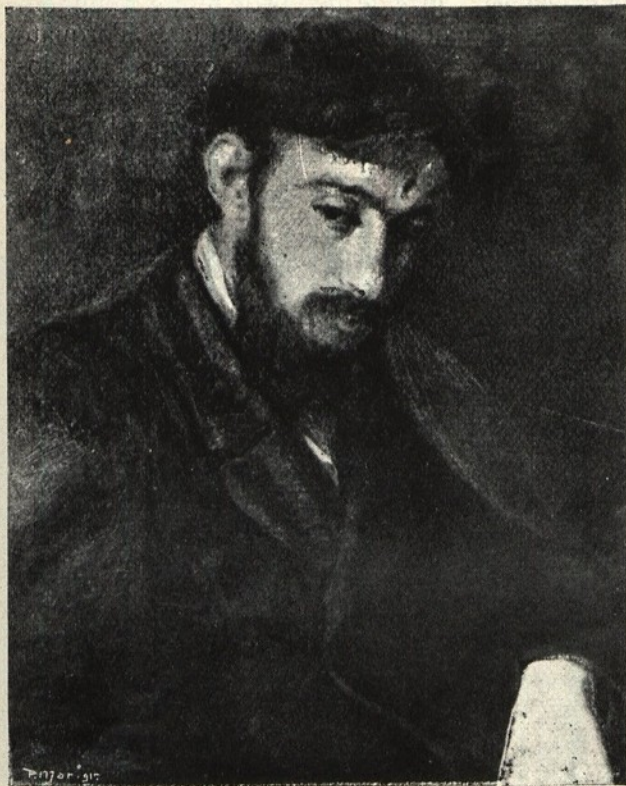
expõe quatro quadrinhos: *Trecho da quinta das Abbadias* uma graciosa tēla, cheia de ar e de luz, com a belleza simples, e o encanto da cōr local; *Paisagem Mondeguina*, um doce e fresco retalho apanhado em plena regiāo coimbrã; *Rua de um Jardim* (Peniche) tratado com grande delicadeza e *Buarcos*, um risonho quadro, repassado de realismo, em que o artista surpreendeu flagrantemente a vida da praia da pittoresca Figueira no mez de agosto, quando o sol lança vivamente os seus raios sobre o alegre acampamento das barracas e todos pedem um bocado de goso ao ar fresco elavado da atmosfera.

O sr. Ezequiel Pereira, discipulo de Silva Porto, mostra um fervoroso desejo de seguir as pisadas d'esse grande renovador da arte nacional, sendo um dos artistas que maior numero de motivos tem encontrado para os seus quadros na paisagem coimbrã, de poentes desmaiados e dôces, em céos agonisantes que esmorecem sobre as suaves silhuetas dos choupos.

O quadro exposto, o *Choupal*, pertencente ao illustre conde do Ameal, tem, porém, uns verdes de tons crús, frios, que não dão idéa da enternecida



T. PINHEIRO.—RETRATO DE MINHA MÃE



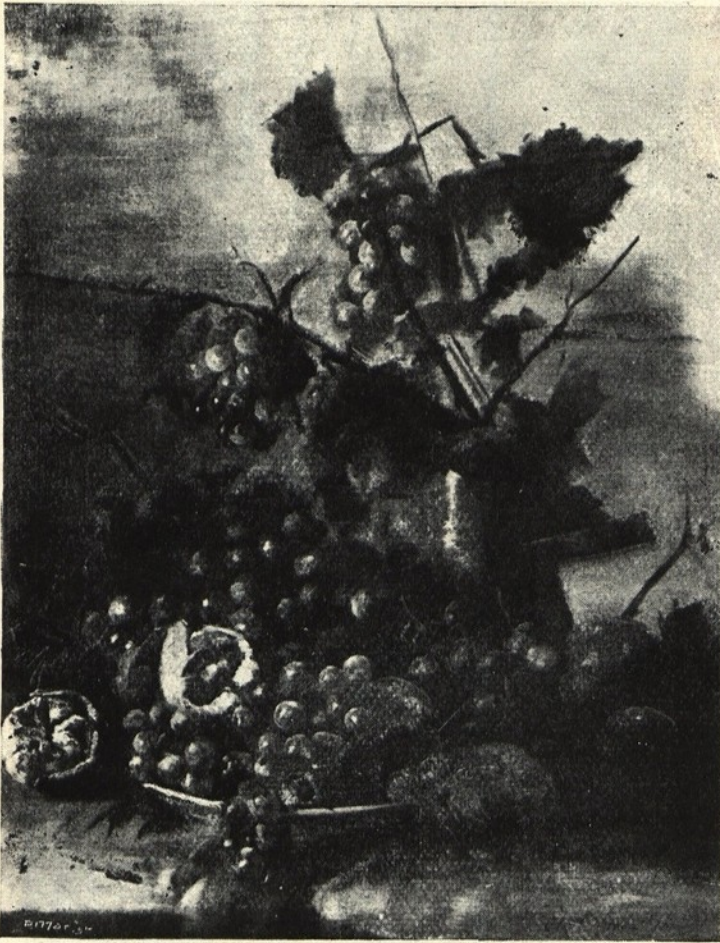
TORQUATO PINHEIRO. — RETRATO DE BERNARDINO REAES

e dôce paisagem, acolhedora e mysteriosa, em que a folhagem dos choupos tremula em desmaios de cōr.

A individualidade do sr. Ezequiel Pereira manifesta-se poderosamente em o n.º 64 do catalogo *Pont-Croix*, um aspecto da Bretanha, interpretado com desmedido arrojo, denotando um bello rasgo de talento. Representa uma planície, de austera simplicidade, mas cujo effeito geral possui uma certa imponencia que nos attrahe, commove e domina.

Dos tres quadros que expôz o sr. Candido da Cunha agrada-nos sobretudo o n.º 51 *Entardecer* d'um effeito lindissimo e impregnado de sentimento, mas que não é isento de defeitos.

Uma *Paisagem* de Julio Ramos é uma tēla simples, intensa, feita com grande consciencia artistica, de larga e simplificada factura. Accusa uma enorme justeza de visāo e prende-nos pela sua indeclinavel harmonia, pela alma que palpita nas suas tintas, pela expressāo verdadeira, sentida, que n'essa paisagem têm os verdes e as aguas, em



JOSEPHA GRENO. — FRUCTAS

espelhado remanso, frescas e translucidas como crystaes. O seu quadro *Médas*, é um vivo e animado trecho que nos faz ter a illusão de que respiramos a plenos pulmões o ar sadio e forte das campinas; e a sua *Cabeça de estudo*, sobriamente executada e com uma bella distribuição de luz, é sobretudo apreciavel pela intensidade de vida, pela frescura e brilho que anima a physionomia d'essa rapariga.

Do sr. Eduardo Moura appareceu um quadrinho, d'um conjuncto agradável, que representa, uma adoravel scena d'interior com uma svelta figura de camponeza que deixou de dobar para se rever no filhito que tem nos joelhos. Intitula-se *Encantos d'uma mãe*.

O sr. Carneiro Junior nas télas que enviou revela ser um pintor de re-

tratos de alto valor, que pinta carnes bem reaes e bem verdadeiras.

No seu tryptico *A vida* (*Esperança, Amor, Saudade*), que pertence ao sr. dr. Francisco Barahona, de Evora e do qual expóz no certamen o esquisso definitivo, transparece a influencia do grande e inimitavel pintor symbolista Puvis de Chavannes.

Como pintor de retratos, brilha tambem Torquato Pinheiro com o *Retrato de minha mãe*, e o *Retrato do esculptor Bernardino Reaes*.

O primeiro é uma pequenina obra prima que o artista pintou com entrecida saudade para ser a joia da sala de sua familia.

Executando com grande sentimento artistico, Torquato Pinheiro documenta a belleza de modelado que sabe dar ás suas obras. A cabeça, de muito bom desenho, destaca-se com grande vigor n'uma esplendida distribuição de luz.

A physionomia, sulcada de rugas finas, dá bem o character, cheio de bondade, da veneranda senhora que poisa em excellente attitude, de mãos cruzadas.

O *Retrato do esculptor Bernardino Reaes* tem egualmente uma grande justeza de tons e minudencias esplendidamente pintadas. Torquato Pinheiro fixou habilmente a expressão dolorida d'aquella cabeça de artista.

O olhar triste e doentio, a physionomia ds esmaecido aspecto, rodeada da barba e



FRANCISCO GIL. — PAIZAGEM DO MONDEGO

do cabelo em desalinho, tudo forma uma t ela de tintas melancolicas que o artista envolveu de muita alma, de muita piedade pelo iufortunio do pobre moço d'um t ao verdadeiro e real talento que uma doença implacavel arrebatou na flúor da vida. <sup>1</sup>

Entre as suas paisagens, que teem um cunho inconfundivel d'originalidade, avulta como uma das melhores o *Mosteiro de Leça do Bailio*, vivo de c or e de bellos effeitos de luz na folhagem das arvores.

A sua tela *Crepusculo* pertencente ao nosso querido amigo e antigo condiscipulo dr. Affonso Lopes Vieira,   um canto adoravel de Santarem, com perfis d'arvores que contam o colorido suave do c eo   hora em que a tarde começa a desmaiar. Tratada com delicadeza, indica, na sua harmonia um artista que broxa com alma.

Flagrantissimo de verdade o quadro *Manhã de nevoa*, um aspecto do Porto, visto através um espesso nevoeiro, bem como o *Estudo de paisagem*, em que fixou um tranquillo e pittoresco aspecto de Villa Real com casaes fumegantes no sopé de suaves montanhas., envoltas em a nevoa.

As ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Julia Molarinho e D. Lucilia Aranha expõem traba-



ADOLPHO GRENO. — ANDALUZA

<sup>1</sup> Bernardino Reaes falleceu em 3 d'abril, já depois de composto o presente artigo. Entre outras obras, deixou uma esculptura *O arrependido* que   um magnifico estudo do corpo humano.

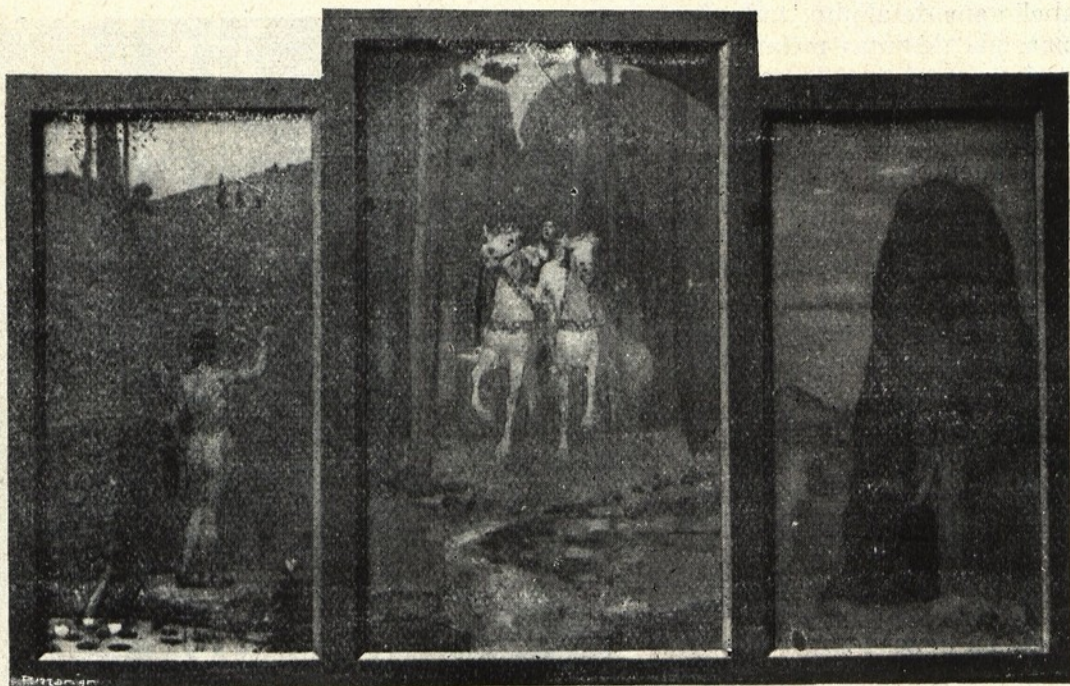
lhos reveladores das suas magnificas aptidões picturaes.

Um dos artistas que mais abrilhanta a exposio   incontestavelmente o sr. Augusto Ribeiro, um distincto e arrojado paisagista que mancha admiravelmente e que ha de vir a ser um superior artista.

Exp z este fecundo e já bello paisagista nada menos de vinte e cinco quadros. De lindo effeito a paisagem., *Ao pôr do sol* (Ponte do Lima) cuja tonalidade geral convem ao assumpto que o artista quiz reproduzir; surpreendido com felicidade *Um trecho do Rio Lima*, de que se evola a poesia e a sua vida que tem as margens do pittoresco rio; de grande



LUIZ BASTOS. — NO CHOUVAL (CARVÃO)



CARNEIRO JUNIOR — A VIDA (TRYPTICO)

intensidade emocional o quadro *Entardecer* (Ponte do Lima), em que se levantam nodosos troncos d'árvores que se destacam n'um céu poente que forma um suave e magnífico fundo a esta paisagem.

*Carreiros* (Foz do Douro), pertencente ao

te pintadas, de uma grande justeza de tons indica a vigorosa organização do artista. Interpretadas com poesia, de larga factura e encantadora simplicidade, as duas pequeninas e frescas manchas que representam caminhos em Ponte do Lima; e bem assim



CARNEIRO JUNIOR. — RETRATO DE MARIA



JULIO RAMOS. — CABEÇA DE ESTUDO

illustre conde do Ameal, é uma bella mari-  
nha que no céu e nas aguas, excellentemen-

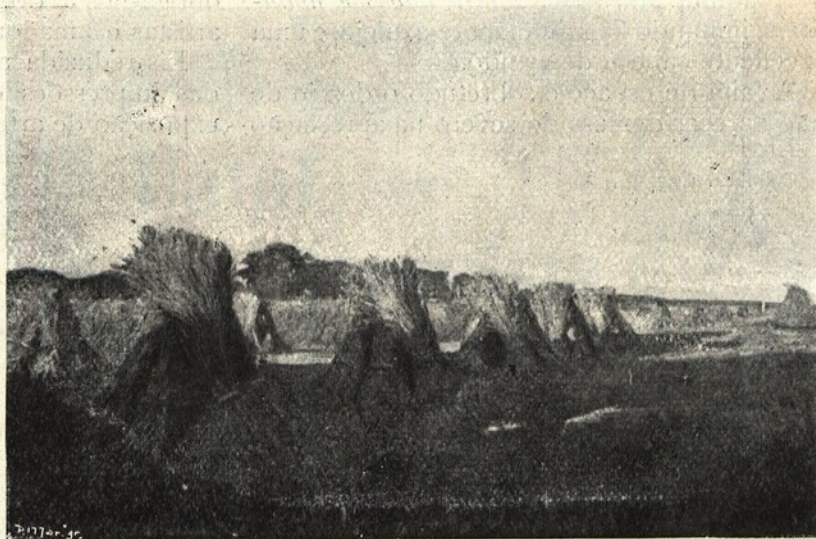
o quadro *Manhã* (Nevogilde) um bem  
achado effeito de que resalta vigorosamente

o sentimento real da natureza e *Uma rua de Ponte do Lima*, um pittoresco e risonho pedaço de paisagem, finalmente observado.

Os srs. Abel Cardoso, Accacio Lino, Arthur Pratt, João A. Ribeiro, Teixeira Bastos e Teixeira da Silva apresentam trabalhos dignos de apreço, que a falta de espaço não permite que especialisemos.

Seguindo a ordem do catalogo deparamos com o nome de Luiz Bastos, o insigne *carbonista* que no seu florido eremiterio da Cumeada (Coimbra) continúa a manter o culto religioso da sua arte que faz d'elle um mestre unico entre nós em trabalhos da especialidade.

Os carvões de Luiz Bastos não carecem de assignatura para se saber a que poderosa individualidade pertencem: de tal modo a *griffe*, o cunho do artista se encontra marcado n'esses centos de valiosos carvões que fazem amar e sentir a quem os não conhece os encantos irresistiveis da nossa terra, onde ha adoraveis pedaços de natureza verdadeiramente paradisiacos, ora cheios de luminosidade, ora de suave e insinuante melancolia que elle interpreta, impregnando-lhe uma intensa poesia rustica, que só uma poderosa observação e um constante convívio com a natureza inspiram, levando-o a traduzir,



JULIO RAMOS. — MEDAS

com prodigiosos efeitos de luz e de sombra, horisontes bordados de choupos frescos e melancolicos, murmurosos e elançados pinheiros que se espelham em aguas crystalinas.

Entre os amadores destaca-se a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D Lucilia Henriques de Lima, de Coimbra, que revela em quatro télas de flôres excepcionaes qualidades de artista, verdadeiros primores de delicadeza e de perfeição.

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Moura expõe um cuidado retrato e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Reis, uma pequena paisagem e um apreciável quadro *Fructas*.

As aguarellas do sr. José David, cheias de impressão e de verdade, denotam um amator consciencioso, que *mancha* excellentemente.



AUGUSTO RIBEIRO. — PAIZAGEM

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D Guilhermina Marinho e Joaquim Marinho teem uma interessante exposição de aguarellas, assim como o sr. Manoel Alberto de Souza, nas suas bem pinceladas paisagens e marinhas.

Na secção *Desenhos* notam-se um desenho á penna da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Sophia da Silva, dois retratos executados pelo sr. João Corsino Caldeira que mostra ter decidida aptidão para o desenho á penna e dois bons *pasteis* do

sr. Joaquim Marinho: *Padre, não me abandones*, imitando flagrantemente azulejo, e uma excelente cabeça de estudo.

A falta de espaço e sobretudo o desejo de não parecer demasiado severo na apreciação

obriga-nos a deixar no olvido os restantes artistas e amadores.

Eis reduzida ao mais possível a summa das impressões que nos deixou a primeira exposição de arte que teve lugar em Coimbra

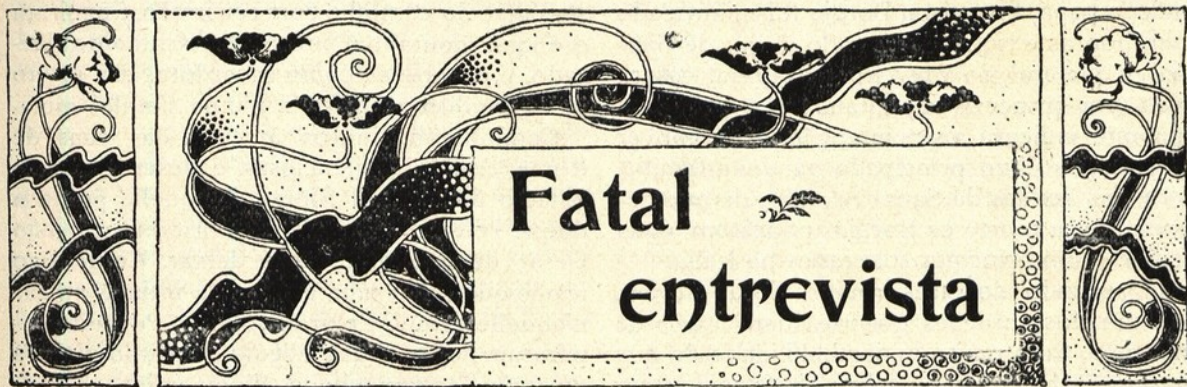
Coimbra, 1902.

VALLE E SOUSA.



ANTONIO JOSÉ DA COSTA. — GIGANTES .





# Fatal entrevista

*Entre as narrativas historicas, todas envoltas n'um veu de mysterio. aquella que vae lêr-se demonstra como da analyse d'um character, da comparação de procedimentos e da aproximação de interesse ou de ambições se conjectura com apparencia de verdade incontestavel a historia de um crime e se desce aos reconcauos d'um espirito, definindo-lhe as perversas intenções e a complexa psychologia.*

**N**AQUELLA noite, 14 de junho de 1497, dava-se lauta ceia n'uma villa romana a pouca distancia da egreja que os italianos chamam S. Pedro ad Vincula.

A meza estava posta no terraço ao ar livre, suave e delicioso ambiente d'uma noite de estio na Italia. Além do lustre brilhante das estrellas, tão scintillantes e quasi tão luminosas como a lua no céu de paizes do norte, o banquete era illuminado por velas de cera em candelabros de prata, cuja luz se reflectia na rica baixella com que estava guarnecida a meza. A claridade d'esses candelabros evidenciava uns dez ou doze convivas, na sua maioria homens, e evidentemente pelas maneiras e pelos trajas pessoas de alta posição social.

Dois d'elles ostentavam soberbas vestes es-carlates, que denotavam ser principes da egreja; e n'aquelle tempo um cardeal quasi egualava um rei. Comtudo havia n'aquelle agrupamento um conviva que seguramente gozava ainda de maior consideração do que a attribuida aos dois cardeaes. Este era um mancebo, de grande belleza physica e de maior encanto nas maneiras, sentando-se á direita do amphitrião da festa, vestindo com um costume cuja magnificencia impressionou os chronistas d'aquella epocha.

O seu manto era espessamente bordado a filigrana d'oiro e pedras preciosas, rodeando-lhe o pescoço um largo collar de oiro, encastoadado de numerosas perolas do melhor oriente, e negligentemente por entre as pregas do seu barrete de velludo, enroscava-se uma fita de oiro, encrustada de brilhantes, tão grandes que o seu valor parecia fabuloso. Tal era o aspecto d'este mancebo, mimoso da fortuna, nos ultimos momentos em que foi visto com vida.

A ceia ia ainda pouco adiantada quando

appareceu um homem cujo rosto se occultava n'uma mascara, trazendo uma carta na mão. Dirigiu-se direito ao convidado que acabamos de descrever e entregou-lhe a carta. O mancebo quebrou o sello, leu anciosamente o conteúdo, e respondeu em tom satisfeito: — Está bem, irei, — e ao mesmo tempo guardava o papel. O mensageiro mascarado comprimintou silenciosamente e partiu.

N'aquella epocha era menos extraordinario semelhante incidente do que o seria hoje. A ultima metade do seculo xv foi uma d'essas eras terriveis da historia em que parecia ter-se perdido a noção da lei moral, abandonando-se por um commum impulso a toda a sorte de perversidades. Estava-se na vespera da Reforma, aquella reforma protestante que separou as raças do norte das do sul, e essa não menos importante reforma catholica que se tivesse succedido cincoenta annos mais cedo poderia talvez ter evitado o schisma religioso. Era na epocha de Ricardo III em Inglaterra, de Luiz XI na França — e dos Borgias em Roma.

Este nome sinistro, destinado a tão má fama na historia, era o da maior parte das pessoas presentes áquella ceia na villa. Era uma reunião da familia Borgia, um encontro ominoso que já parecia de si proprio annunciar alguma proxima tragedia. A dona da casa onde se estava dando a famosa ceia era uma mulher — a celebre Vanozza que vivera com Roderigo Borgia como se fôra sua mulher em Hespanha antes de elle entrar na egreja. Agora que Borgia attingira o papado, e estava reinando com o nome de Alexandre VI, Vanozza viéra para Roma participar da fortuna de seus filhos.

Tres d'elles estavam presentes á ceia. O mancebo de vestes ricas, que acabara de receber a mysteriosa mensagem, era o filho mais velho de Vanozza. Desde que o pae fôra ele

vado a papa, Francisco Borgia foi mimoseado com honras e riquezas. Creado duque de Gandia, e general do exercito da egreja, casara com uma princeza napolitana; e o papa claramente indicara a sua intenção de promover a fundação d'um principado para sua familia, fóra das rendas da Santa Sé, afim de que depois da sua morte os Borgias podessem ainda reinar como principes soberanos na Italia.

O segundo dos tres irmãos, Cesar Borgia, era um dos cardeaes que assistiam á ceia de sua mãe. Com muito maior habilidade do que seu irmão Francisco, e talvez ainda com maior ambição, fóra constrandido pelas circumstancias a entrar na carreira clerical. Era arcebispo de Valencia, como era igualmente cardeal. Tinha sido designado pelo papa para ir effectuar a cerimonia da coroação do novo rei de Napoles, e para esta missão havia de partir no dia seguinte. Foi de facto, como motivo de despedida a Cesar que sua mãe reunira os membros de sua familia n'aquella noite.

O seu terceiro filho, o duque de Squillace, tambem estava presente. Mas havia dois membros da familia Borgia que não estavam entre os convivas. O primeiro d'estes era, por certo, o proprio pontifice; o outro era a filha d'elle e de Vanozza, Lucrecia cuja maravilhosa belleza e detestavel reputação a fizeram comparada á desgraçada rainha da Escocia. D'aquella infamada reputação a tem modernamente rehabilitado a critica historica, que em singular pendor tem vindo levantando as condemnações da posteridade e dos coevos, e obtendo a admiração para outros vultos celebres de bem duvidoso conceito.

A's onze horas dispersou-se a reunião. Cesar foi o primeiro a despedir-se de sua mãe, annunciando-lhe que tinha de voltar para o Vaticano para receber ordens do papa antes da sua partida no dia seguinte. O duque de Gandia levantou-se depois e offereceu-se para fa-

zer parte do caminho com seu irmão. Seguiram o duque montado n'um cavallo ricamente ajazado, e o cardeal, como sacerdote, em preto de symbolismo christão, n'uma simples mula.

Caminharam juntos atraves das ruas de Roma então já silenciosas e desertas até o palacio do cardeal Sforza. N'aquelle ponto o duque refreou o cavallo e informou seu irmão Cesar de que tinha de o deixar. Confiou ao irmão que tinha uma entrevista intima, vulgar n'aquelle tempo e paiz dissolutos. Portanto separaram-se, o duque seguiu a cavallo n'outra direcção acompanhado d'um unico criado; Cesar Borgia continuou seu caminho para o Vaticano onde se despediu do papa e recebeu a sua benção. Na

manhã seguinte ia a caminho de Napoles. Umás duas horas depois de se terem apartado os irmãos, os moradores da chamada Piazza della Giudecca, n'um outro bairro de Roma, foram despertados pelo alarido de gritos afflictivos e pelo retinir do aço. Sahindo precipitadamente de suas casas a investigar a causa da desordem encontraram um homem com a libré dos Borgias, deitado no meio da rua, litteralmente ensopado no seu proprio sangue, enquanto outros quatro homens rigorosamente embuçados se afasta-



... um homem trazendo uma carta...

vam apressados d'aquelle lugar. A victima foi conduzida para uma casa proxima, viva ainda, mas antes mesmo que podesse dizer quem era, ou o que lhe succedera, expirou. O homem era o criado do duque de Gandia, que tinha ficado na rua á espera da volta de seu amo, partido para secreta entrevista.

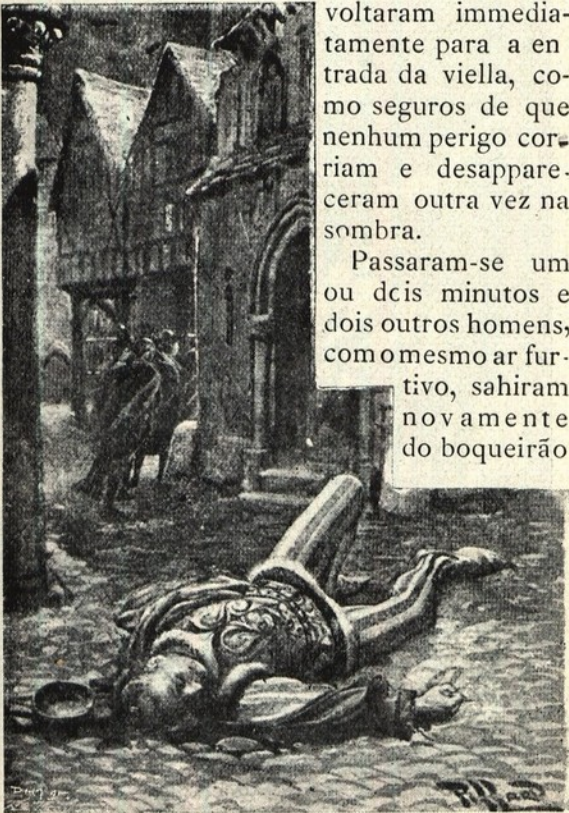
N'aquella mesma noite um catraeiro do Tibre chamado Jorge Schiavone levava no seu bote, rio acima, uma carga de madeira. Tendo subido pelo rio até a altura da egreja de S. Jeronymo, atracara o bote á margem do rio e de scarregara para o cáes a madeira. Por causa da solidão do lugar e com receio dos ladrões, o catraeiro mal acabou a sua tarefa,

procurou uma posição occulta e commoda no bote, onde podesse vêr sem ser visto, e preparou-se para vigiar durante a noite.

Justamente do lugar opposto áquelle em que estava amontoada a madeira, havia, ao lado esquerdo da igreja, um escuro e estreito boqueirão para o caes. Pela quinta hora da noite —quer dizer pelas duas horas da madrugada —a vista observadora do occulto vigia descobriu dois homens, saindo cuidadosamente do boqueirão, olhando para cima e para baixo do solitario cáes, de uma fórma tal que claramente denunciavam a anciedade em que estavam de verificar se algum os observava. Inconscientes da presença da silenciosa teste-

munha do bote, voltaram immediatamente para a entrada da viella, como seguros de que nenhum perigo corriam e desapareceram outra vez na sombra.

Passaram-se um ou dois minutos e dois outros homens, com o mesmo ar furtivo, sahiram novamente do boqueirão



... um homem com a librê dos Borgias deitado na rua...

e fizeram segundo exame na visinhança. Estes não descobriram egualmente a presença do catraeiro que subtil e attentamente espreitava todas as peripecias do que parecia já mysterioso drama. Logo que estes ultimos se convenceram de que tudo estava livre de risco, voltaram para a entrada do beco, e deram signal a pessoa occulta na escuridão. Pouco depois do signal, appareceu um homem montado n'um cavallo preto, e atravessou o cáes dirigindo-se para a beira do rio, acompanhado dos dois homens que primeiramente tinham apparecido emquanto que ao mesmo tempo os seus companheiros que acabavam de dar o signal se postavam na entrada

da viella para evitar que alguém mais os seguisse.

Quando o cavalleiro vinha avançando o vigia occulto conseguiu perceber o motivo d'estas extraordinarias precauções. Deitado de través na garupa do cavallo, nas costas do cavalleiro, e seguro pelos dois a pé, vinha um cadaver, com a cabeça e os braços pendurados de um lado, e as pernas do outro, e ainda vestido com um fato revelador de que o homem morto não era pessoa ordinaria.

Chegados á borda do rio, n'um ponto em que os canos de esgoto descarregavam para o Tibre, o cavalleiro voltou o cavallo com a cauda para o lado do rio; e os dois homens que o acompanhavam pegando no cadaver, um pela cabeça e o outro pelos pés, e balouçando-o para tomar impulso, lançaram-o ao rio, no qual cahiu com forte e horrivel chapinhar.

Ao ouvir o ruido, o cavalleiro, que conservara a cabeça voltada não podendo talvez supportar a vista d'aquella scena, fallou pela primeira vez, perguntando em voz baixa :

— Está tudo terminado ?

— Sim, *signor*— respondeu um dos homens.

Deu a volta ao cavallo e olhou para a negra corrente do rio. Attraiu-lhe o olhar um objecto de aspecto escuro fluctuando na superficie.

— O que é aquella cousa preta nadando ao de cima ? perguntou apprehensivamente.

— E' a capa d'elle, *signor* - foi a resposta.

Um dos homens agarrou do chão algumas pedras, e seguindo a capa que ia impellida rio abaixo, arremessou-as sobre ella até que se afundou. Mal apagaram o ultimo vestigio da sua obra, entraram de novo silenciosamente na viella de onde tinham sahido, e sumiram-se na noite.

Com respeito a Schiavone, a aterrorisada testemunha d'este tremendo incidente, esse encolheu-se no mais fundo do seu esconderijo, só desejoso no intimo que nunca fosse descoberta a sua presença involuntaria n'aquella scena.

Quando amanheceu em Roma, os criados do duque de Gandia que esperaram no palacio toda a noite pela volta de seu amo, começaram de sentir sobresaltado receio. Depois de o terem procurado em todos os pontos, onde julgavam provavel colher noticias do duque, alguns foram ao Vaticano informar o papa de que não mais se tinha visto o filho desde a noite anterior.

Alexandre era pae extremamente affectuoso, e de todos os filhos talvez fosse Francisco aquelle que mais amasse. A' primeira noticia da desaparição do duque de Gandia, o papa cahiu em desmaio. Todavia tentou consolar-se com a esperanza de que seu filho, cujo cara-

cter era bem conhecido, tivesse sido detido na sua visita nocturna até a aurora, e que estivesse forçadamente occulto á espera do cahir da noite para poder voltar com mais segurança. Foi breve desfeita a esperança. Nem n'aquelle dia nem n'aquelle noite, nem no dia seguinte, o formoso Francisco voltou da sua mysteriosa entrevista; e um boato aterrador, vindo não se sabe d'onde, levantou-se e atravessou Roma, annunciando que o duque de Gandia fora assassinado.

Como a convicção da horrivel verdade se fosse apossando gradualmente do espirito de Alexandre vi, o infeliz pae cahiu em afflictivo desespero. Foi tão intensa a sua dôr que pareceu ter ficado privado das suas faculdades; aquelle espirito tão fino e poderoso que tinha suggerido o mais profundo e respeitoso temor a todos os seus contemporaneos, ficára completamente perturbado, e o desgraçado papa, sentado nos seus esplendidos aposentos cuja decoração artistica ainda hoje se admira, recusava tomar alimento e sómente balbuciava de vez em quando, em vóz entrecortada de dôr:

— Informem-se, inquiram, pesquisem, mas consigam dizer-me ao menos por que forma o pobre rapaz encontrou a morte.

O duque de Gandia era o unico d'entre a familia Borgia que era extremamente adorado pelo povo de Roma, a quem as suas maneiras benevolas e o caracter valente e franco haviam feito comparar a um pombo n'um ninho de viboras. Portanto o desejo de Alexandre vi foi avidamente correspondido, e empreendeu-se immediatamente uma busca tal como não era uso n'aquelle tempo em que os assassinatos entravam na ordem dos acontecimentos diarios mais vulgares.

O primeiro resultado da investigação foi a descoberta da morte do criado, cujo corpo permanecia ainda na casa para onde fôra conduzido. Esta prova destruiu toda a esperança de que o duque não tivesse sido tambem assassinado, e agora restava simplesmente procurar-lhe o corpo. O Tibre era a sepultura vulgar de todos os que pereciam secretamente pela espada ou pelo punhal, e os pesquisadores conforme iam percorrendo-lhe as margens perguntavam rigorosamente a todo aquelle, que habitualmente vivesse ou estacionasse á beira do rio se houvera visto durante as duas ultimas noites alguma coisa que podesse fornecer-lhes indicio ou rasto. Foi por esta fórma que obtiveram afinal a narrativa de Schiavone.

Quando Schiavone acabou de contar a sua historia, não deixando duvida em qualquer espirito de que o que elle vira era o corpo do infeliz duque assassinado, perguntaram ao barqueiro porque não fora immediatamente dar parte do acontecido ao governador da ci-

dade. Foi em replica a esta pergunta que elle deu aquella celebre resposta que, como a chamma vermelha d'uma torcha introduzida n'um quarto subterraneo, illumina tão tristemente o papado da Roma medieva.

— Desde que ando n'este meu serviço, de barqueiro, replicou — tenho visto deitar ao Tibre centenas de cadaveres, comtudo nunca tenho ouvido que se faça caso d'elles; portanto determinei não me importar com o que vi n'esta ultima noite. Se não fosse perguntado sobre este assumpto, não o teria decerto dito; porque tenho que me occupar dos meus



... lançaram-o ao rio...

negocios sem me entremetter com cousas tão perigosas.

Não existia portanto nenhuma duvida do fim que tinha levado o duque de Gandia. Offereceu-se uma grande remuneração, pozeram-se a trabalhar no Tibre mais de cem barqueiros e outros, e na tarde de sexta feira o rio restituiu o corpo e desvendou o segredo. Veiu á superficie o corpo do duque de Gandia, ainda vestido com o mesmo fato que trazia quando sahira de casa de sua mãe, com as luvas metidas no cinto e ainda trinta ducados na algibeira. O morto fora apunhalado em nove partes, sendo um golpe direito á guela, e os outros oito na cabeça, nos membros, e no corpo.

Claro estava que não fôra o roubo o movel

do crime. O despedaçado do cadaver denunciava bem quanto furiosa fôra a vingança ; que se não contentára com a simples morte da sua victima, mas quizera saciar-se mesmo no corpo já sem vida. Certamente não tinha sido em nenhum duello, menos ainda em qualquer rixa occasional que a esperança dos Borgias recebera aquella morte cruel.

A primeira suspeita e a mais obvia, que se levantou no espirito de muitos foi relacionar a morte do duque com o fim da sua escursão nocturna. Imaginou-se que elle tinha sido victima d'algum marido vingativo, e esta supposição confirmou-se pelo facto de ter elle sido visto nas proximidades do bairro dos Judeus, cujo procedimento em cuidados de moralidade domestica fazia contraste frizante com o dos italianos que os rodeavam.

Suspeita muito differente entrou no espirito do Papa, que attribuiu o assassinio a odio politico dos seus inimigos. Ao tempo, os Borgias ainda não tinham encetado aquelle processo de secretos envenenamentos pelos quaes depois, segundo se affirma, repetidamente dizimaram o Sacro Collegio. Comtudo Alexandre vi já tinha arreganhado os dentes contra uma d'aquellas familias poderosas ou facções, que então dominavam no Estado Romano e ameaçavam na sua propria cidade a segurança e auctoridade dos papas, no momento em que estes estavam talvez destituindo do seu throno algum monarcha distante, ou partilhando o Novo Mundo entre os reinos de Portugal e de Hespanha.

Durante o ultimo anno, sua santidade mandára um grande exercito para destruir os territorios da grande casa Orsini, e o commando do exercito papal fora conferido ao filho mais velho do pontifice. Seguirá-se a paz, porém justamente oito dias antes da conclusão d'esta, o chefe d'aquella familia, Virginio Orsini, que tinha ficado prisioneiro nas mãos dos alliados do papa, o rei de Napoles, muito opportunamente morreu, para não levantar peiores suspeitas no espirito do leitor.

Os Orsini poderiam ter razões de procurar vingança, e foi para elles que naturalmente se dirigiram primeiro os pensamentos do pontifice em busca dos autores do crime.

A descoberta do cadaver acordou o afflicto pae da sua primeira estupefacção, e deu as mais severas e energicas ordens para que nem uma só pedra ficasse immobilizada na perseguição e castigo do assassinio de seu filho. De repente, aquellas ordens dadas tão imperativamente, foram tambem imperativamente revogadas. O inquerito principiado com tanto ardor e conduzido com tanta energia, foi abandonado, silenciosa e totalmente, no momento em que parecia mais provavel ser corôado de

exito. Como um homem que, caminhando pressuroso por um caminho escuro, se vê inesperadamente face a face com uma luz demasiada forte para supportar, assim o papa horrorizado e ferido recuou quando o cegou a luz da terrivel e inilludivel verdade.

Passando da raiva á loucura elle rasgou as proprias vestes, espargiu cinzas sobre a cabeça, e arremessando se pelos corredores do Vaticano como um perseguido pelas Furias,



... como um perseguido pelas Furias

prorompeu em chôros e gritos dolorosos, deante dos cardeaes reunidos, soltando a confissão das culpas que lhe sobrecarregavam a consciencia. Em seguida, e antes mesmo que os cardeaes podessem pensar em offerecer consolação áquella tão justa magoa, o papa, participando lhes a resolução de se matar pela fome, em expiação dos seus peccados, fechou se n'um dos quartos mais interiores do palacio.

Estes extranhos contrastes das maiores perversidades e dos maiores remorsos encontram se muitas vezes nos homens da idade media, particularmente entre os das raças do sul. E' indubitavel que n'esta occasião Alexandre vi era sincero. O seu espirito forte mas supersticioso ficava anniquilado ante qualquer acontecimento, no qual visse traçada a mão justiceira de Deus. Bom teria sido para alguns d'aquelles que escutaram a espontanea confis-

são de seu pae espiritual e soberano temporal que a tivessem tomado de aviso. Entre os cardeaes que presenciavam tremendo aquella scena havia dez cujas vidas estavam destinadas a ser cortadas prematuramente por mão invisivel, quem sabe, se a do mesmo ente que n'aquelle instante de dor cruciante se aviltava perante elles na agonia do remorso.

Trez dias seguidos, a porta do quarto, em que o papa se encerrára para morrer, ficou fechada. Em vão, o cardeal de Segovia, e os mais fieis creados a sua santidade rogaram durante horas, do lado de fóra do quarto, que lhes admittisse a entrada. Os unicos sons que chegaram de dentro aos seus ouvidos attentos eram gemidos e gritos como os d'um animal selvagem. No terceiro dia appareceu a interferencia de Lucrecia Borgia.

Lucrecia não estava em Roma na noite do assassino. Tendo-se retirado pouco tempo antes para o convento de Sisto, recusára assistir á ceia na qual sua mãe tinha reunido os outros Borgias. Depois da morte de seu irmão a quem se mostrara ser extremosamente dedicada, ella enclausurou-se com maior rigor recusando communicar com qualquer membro de sua familia. Agora porém, com os pedidos instantes dos que conheciam sua influencia decisiva



*Resolveu tomar alimentos...*

sobre seu pae, deixou o convento e appareceu no Vaticano.

Ao som da sua voz, Alexandre vi abriu a porta do quarto e pela primeira vez o papa se resolveu a tomar alimentos. Durante os seguintes trez dias, Lucrecia acompanhou incessantemente sua santidade. Não se pode

saber o que se passou entre o pae e a filha; mas certo é que, quando Lucrecia o deixou ao cabo de trez dias, o papa tinha posto de parte todas as apparencias de pezar inconsolavel. Novamente se apresentou em publico, e a vida no Vaticano começou de seguir seu curso ordinario. Teria Lucrecia com aquella fina e presentida sensibilidade de mulher adivinhado desde o principio a solução do enigma que tão vagarosamente se entranhara no proprio espirito do pontifice? Tel-o-hia ella convencido de que, a não ser que decidisse eliminar a sua angustia pela tragedia, os punhaes que tão cruelmente acabaram com a vida de seu filho, poderiam igualmente não lhe poupar a propria?

Durante este tempo, emquanto o pae do duque assassinado se abandonava a semelhantes excessos de pezar, começou-se de observar vagarosa e detidamente que a mãe mostrava em singular contraste um desprezo insolente pelos vulgares preceitos do luto. O parentesco entre sua santidade e o infeliz mancebo eram, por assim dizer, inofficiaes; era sabido de todos mas não publicamente manifestado. Vanozza, por outro lado, occupava reconhecida posição de mãe do extincto. Todavia, em vez de ordenar luto á gente de sua casa, deu ella propria poucos signaes de pezar pela perda do filho.

Era uso entre os Romanos distribuir esmo-las e mandar dizer missas por alma do que partira para o julgamento supremo. Nem uma nem outra cousa fez Vanozza. Quando o corpo do duque foi levado para uma sepultura na igreja da Madonna del Popolo, não se viu ninguem no cortejo funebre representar a mãe. E quando os mais proximos parentes foram a casa d'ella apresentar-lhe as condolencias do estylo, foram despedidos com frivolos pretextos.

Segredava-se então que a mãe desnaturada se conservava retirada para occultar, não o desgosto, mas a satisfação pelo assassinio.

Havia motivos para semelhante supposição. A bella hespanhola era conhecida como mulher de genio arrebatado e de colera implacavel.

Quando um ou dois annos antes a soldadesca franceza em Roma saqueara a sua residencia na ignorancia de que era moradia da mãe dos Borgias, Vanozza mandou chamar seu filho favorito Cesar para a vingar, e não descansou em quanto o insulto não foi lavado no sangue de centenas de homens innocentes. Recordando este incinente era natural que nas conversações da epoca se perguntasse porquê é que esta mulher vingativa não levantava sequer um dedo para procurar e castigar os assassinos de seu filho primogenito?

Decorridos trez mezes incompletos desde

que se dera o assassinio, a celebre villa romana perto de S. Pedro ad Vincula era scenario deslumbrante de uma outra festa ainda mais sumptuosa do que fóra a ultima. Outra vez Vanozza reunia os membros da casa Borgia para fazer honra a seu filho favorito. Em 5 de setembro, Cesar Borgia voltára a Roma, depois de ter collocado a côroa de Napoles na cabeça do rei Frederico. Encontrando-se ás portas da cidade com uma procissão de cardeaes e de diversos embaixadores estrangeiros, foi escoltado em triumpho até o Vaticano, onde o recebeu o santo padre, primeiro n'um consistorio publico, e depois em audiencia particular.

Mal acabaram estas cerimoniaes, Cesar Borgia apressou-se a ir ter com sua mãe, que á primeira noticia de sua vinda, logo se desembaraçara dos poucos signaes de luto que ainda mantinha pelo duque de Gandia.

Por isso festejou agora o moço Cardeal na sua volta, como o festejára na sua partida. Chegára a sua vez de se sentar á meza á direita da mãe e de receber todas as homenagens dos seus parentes. Se o pensamento d'alguns d'entre elles se dirigiu irresistivelmente para o vulto que occupava ha pouco aquelle lugar, pelo menos não ousou deixar cahir dos labios nenhuma palavra de referencia que fora intempestiva e de mau agouro. Desde o dia do regresso de Cesar a Roma, dizem os historiadores, ninguem mais pronunciou na presença d'elle ou da mãe o nome do duque assassinado.

Pouco tempo depois Cesar Borgia, usando pela ultima vez as vestes de carmezim, apresentou-se no consistorio e formalmente pediu autorização para resignar o cargo cardinalicio. Foi, a seu pedido, inteiramente despojado do seu character ecclesiastico, e reentrou no mundo.

O resto da sua carreira não cabe aqui ser descripta: como elle foi feito duque de Valentino pelo rei de França; como cazou com uma princeza de Navarra; como a poder de inumeros crimes conseguiu ser quasi o soberano de uma grande parte da Italia; e como depois de se ter livrado de toda a vingança humana, morreu finalmente n'uma obscura escaramuça nos Perineos.

Taes são os factos provados d'onde se inferiu que Cesar Borgia fora o instigador ou o mandante do assassinio de seu irmão.

Historiadores italianos houve que não prescindindo de que semelhantes procedimentos podessem deixar de ser authenticados por testemunhas, permittiram-se construir, omittindo as suas proprias deducções, uma confissão do crime. Representaram Cesar Borgia chamando um afamado bandido hespanhol, Michelotto,

que tinha andado algum tempo a seu serviço, e explicando-lhe em conversa as razões que o decidiam a remover do seu caminho o duque de Gandia. Será possível que se tivesse dado tal chamamento; porém que fosse para Michelotto ser confidente de Borgia e para ouvir os motivos que actuavam sobre seu amo, difficilmente se accêita, e tanto mais quanto elles se tornaram demasiado evidentes, para o mundo inteiro, contraprovados na sua subsequente vida.

Esta mocidade extraordinaria — pois Cesar Borgia tinha menos de trinta annos — reunia as habilidades de um grande homem com os instinctos selvagens de um animal feroz. Parece que, semelhante ao monstro de Franhens-tein, elle tinha sido creado com todos os attributos humanos, excepto o de senso moral. Como um doido perigoso que, com a maior velhacaria, socega os que o rodeiam illudindos de que está lucido, e depois n'um momento inesperado irrompe em excessos que destroem a illusão enganadora, assim o filho de Alexandre vi., depois de se ter mostrado habil negociador, valente soldado, feliz governador, e na vespera de consolidar o seu poder, tudo perdia por qualquer offensa brutal, ferindo as consciencias, mesmo as d'aquella epoca perversa. Teria sido n'um d'aquelles momentos em que a dentro d'alma se soltava a fera doida, que Cezar Borgia perpetrasse o mais repugnante de todos os seus crimes? Pode talvez suppor-se assim; e com effeito é evidente que n'este assassinio do duque de Gandia entrava certa politica diabolica. E' verdade que o primeiro effeito produzido foi quasi privar seu pae de juizo. Mas tão depressa passou o primeiro choque, o resultado foi outro e bem visivel. Alexandre Borgia, comparando se com uma perversidade ainda maior do que a sua propria, tremeu. O pontifice que era o terror de Roma e de toda a christandade estava aterrado pelo proprio filho.

Cezar tinha cedido a entrar contra vontade na carreira ecclesiastica na qual o pae muito d'elle esperava, e invejara sempre as honras e grandezas de seu irmão mais velho na carreira militar. Porem desde aquelle momento em deante nunca mais teve de se queixar do tratamento do papa para com elle. Alexandre, vi continuou a usar a tiara, mas Cesar era o poder occulto detraz do throno. A seu pedido foram creados cardeaes, e pelas suas mãos destruidos. Parece que o unico ente que Cezar amava era sua mãe Vanozza.

A parte que esta teve no presumido crime se a teve, ficou occulta. E' evidente que todo o seu amor foi dado a seu segundo filho; e sabe-se que sempre desejara vel-o collocado na posição que Alexandre naturalmente con-

ferira ao filho mais velho. A parcialidade d'ella era tão patente que Francisco cessára de lhe tributar as naturaes attenções de affecto fitial cavando d'este modo bem fundo o abysmo entre os dois.

Com effeito, houve quem acreditasse que não só Vanozza fora cumplice na trama, mas planeara propositadamente a famosa ceia na villa para lhe auxiliar a execução e que fora por sua connivencia que o mensageiro mascarado entregara o fatal convite, attrahindo o duque ao ponto onde os assassinos c estavam esperando.

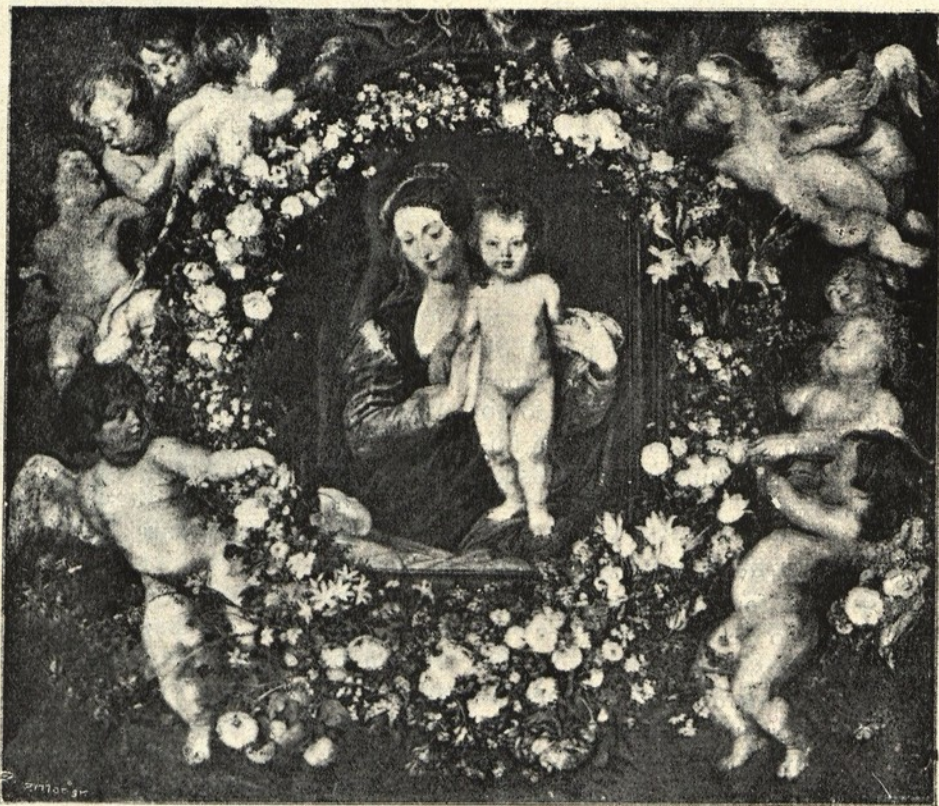
Provavelmente nenhuma luz mais do que esta, virá illuminar a escuridão que occulta o intervallo entre a separação dos dois irmãos

defronte do palacio Sforza n'aquella noite, e a apparição do homem a cavallo com o seu fardo, sahindo da estreita viella ao lado da egreja de S. Jeronymo.

Fica sempre a possibilidade de ser attribuido o funesto acontecimento a vingança particular d'um desconhecido qualquer que tivesse razões demasiada evidentes para odiar o visittador da meia noite á sua residencia. E' menos provavel que os proscriptos Orsini, a quem se attribue tambem o facto, tivessem ousado vingar-se n'uma affronta que lhes poderia trazer as mais sanguinolentas represalias. Subsiste o mysterio, embora o julgamento da historia dêsse ha muito o seu veridicto, pronunciando culpado Cesar Borgia.



## NO MEZ DE MARIA



QUADRO DE P. P. RUBENS







*Clichés de P. Marinho & C.<sup>a</sup>*

*Imp. typog. dos SERÕES*

QUADRO A OLEO DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. AMELIA BASTOS



# MARTYRES

## EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

### CAPITULO XII — O MILAGRE DAS LAGRIMAS

**A**RISTO, ou porque temesse o desencadeamento de vaias e chufas da multidão, ou arrastado por uma d'essas forças desconhecidas, imperiosas e irresistíveis contra as quaes não se lucta, foi andando no coice da escolta que reconduzia os torturados á masmorra. O ridiculo que o perseguia protegera-lhe a liberdade. Um cirurgião da sua especie, um homem que por officio mutilava outro homem era um ente desprezível, que a sociedade acceitava como instrumento, mas que repellia de si com nojo, e tal christão convinha não perseguir, visto que sobre os da sua seita alguma coisa reflectiria da abjecção que o vilipendiava.

O que ia fazer? Ignorava-o.

Remordia-lhe na consciencia a sua apostasia publica, e lastimava-se por lhe ter faltado a coragem de não sacrificar aos deuses; e, se como Pedro não negara terminantemente o divino Mestre, sentia que, perpetrado o crime lhe faltara o dom das lagrimas. Porque Pedro amava chorou. Elle levava os olhos enxutos, e em toda a sua vida nunca sentira correr d'elles uma lagrima! Iria buscar uma palavra de perdão ao diacono, e com elle esse, que diziam, suave lenitivo do choro? Talvez.

No seu espirito as idéas succediam-se sem connexão nem desenvolvimento. Pouco mais eram que formulas vagas, decompondo-se umas em outras, penetrando-se e fundindo-se, formando aberrações fugitivas como nos sonhos febris ou nos pesadelos doentios.

Quando a luz, que dos grandes porticos entrava pelo subterraneo, começou de faltar nesse labyrintho de milhares de columnas robustas no traçado e grosseiras no aparelho, formando uma inextricavel floresta de fustes de granito, sustentando abobadas de tijolo de volta inteira, Aristo foi demorando o passo, e deixando-se ficar para traz, ora acotovellado pelos escravos que se cruzavam em todos os

sentidos, ora arredando-se, para deixar passar soldados que iam e vinham, perdendo-se todos nas trevas sem que elle lhes pudesse attentar no destino. Apertava os braços sobre o peito, não porque tivesse frio nessa atmospherá carregada, morna e quasi infecta, mas para se sentir menos desacompanhado, e tambem para ter uns restos de consciencia de si proprio.

Ao chegar a um largo espaço onde convergiam muitos renques de pilastrões, seguiu por aquelle que lhe pareceu mais escuro e solitario que os outros, e entranhou-se definitivamente nas trevas, tão espessas que lhe faziam perder a consciencia da vista, por mais que abrisse e fixasse os olhos. Assim andando, ao acaso, foi esbarrar d'encontro a um obstaculo que o maguou e contundiú. Procurou verificar o que seria, e as suas mãos apalparam a aspereza d'uns rebocos grosseiros, que revestiam o extradorso do grande collecto que atravessava o subterraneo. Procurando attenuar as dores que sentia nos joelhos, sentou-se sobre o massame tosco e aspero. Então, absorto nas recordações da sua vida accidentada, deixou passar as horas, com a cabeça encaixada nas mãos, os olhos fechados, a respiração quasi extincta.

Viu-se, estudante nos gymnasios de Athenas, conquistador dos melhores premios, defensor brilhante do eclectismo de Celso contra os rutineiros irreductiveis das velhas escolas. Investigador infatigavel, lamentava-se de não alcançar occasião de dissecar cadaveres, como era de uso nos amphitheatros de Alexandria, obrigado a contentar-se, como Galeno, com o estudo do corpo e das entranhas dos animaes inferiores. Como todos os gregos ambiciosos de futuro, seduzido pela fama d'uma civilização, que embora feita de todas as civilizações, e mais que de todas da da grega, conservava um cunho individual, dirigira-se para Roma, onde espe-

rava encontrar farto alimento para a sua curiosidade scientifica, largo campo para o exercicio ousado da sua profissão. Mas as suas theorias clinicas, subversivas pela propria simplicidade, a veneração, que mais se pudera chamar fanatismo exclusivo, pela hygiene do velho Hypocrates, a facilidade com que applicava, sempre que podia, o ferro á extirpar, abrir ou cortar, e o que fosse de extranho no seu modo, sempre apprehensivo, de quem parece viver em regiões d'alem-mundo, o constante empenho de evitar a companhia e o contacto das mulheres, tinha-o alheado ás sympathias da alta sociedade, affastado da clientela dos poderosos, onde o exito é facil, e dentro em pouco encontrou-se reduzido a viver entre os pobres e miseraveis.

N'este meio, que o fez conhecer mais de perto e mais intimamente os christãos, ainda aterrados pela ultima perseguição de Decio, e de novo sujeitos a todos os males que ella havia desencadeado contra elles, foi que viu quantos thesoiros de abnegação, generosidade e sacrificios existiam n'aquella pobre gente, e que em seu espirito se iniciou a evolução que devia leva-lo a receber o baptismo. Até então, sem deixar de ser idolatra, fôra admirador d'esse Apollonio de Tyane, especie de Christo pagão, cuja vida, mandada escrever por uma imperatriz oriunda da Syria, era um exemplo, uma tentativa de reforma moral do paganismo para encontrar a moral christã, uma glorificação dos sabios, considerados como verdadeiros deuses sob forma humana, e que Alexandro Severo collocara entre os seus lares ao lado de Orpheu, Abrahão e Christo.

Ao estado de casto, em que Apollonio sempre se conservou, deveu elle, e principalmente, o dom dos milagres, e por isso, ambicioso de possui-lo, Aristo fugia do contacto das mulheres, e de todas as occassões proximas á perda d'esse dom preciosissimo. E, comtudo, por mais que aprendesse e soubesse, por maior que fosse a sua pureza de costumes nunca até então conseguira realizar um milagre, porque não considerava como taes as curas, que, em casos desesperados em mãos d'outros, a sua arte conseguira effectuar. Attribuia tal falta a não ser ainda sufficientemente sabedor, não de tudo, mas do corpo humano, na intenção conjuncta e generosa de mais facil e com segurança minorar as dôres dos que a elle se soccorriam. O seu mais constante desejo fora saber como o homem era verdadeiramente feito, e para isso não hesitara, visto que lhe era prohibida a dissecação, em ir, alta noite, como quem vaecommetter um crime, a esses *puticuli*, vallas communs escancaradas, onde

apodreciam os cadaveres da gente vil, que não tivera em vida os sestercios indispensaveis para se filiar numa confraria que lhe permitisse ter os restos mortaes reduzidos a cinzas, e estas recolhidas em qualquer humilde columbario. Nesses antros procurava lêr nas entranhas putridas os segredos da vida. Incompletos estudos feitos á pressa, á luz morticida da lua, que mal o deixava seguir o caminho d'uma arteria, o desenvolvimento d'um musculo, ou desarticular um systema de cartilagens. Simultaneamente á vista e exame d'aquelles montões de ossos, pedaços de carne, farrapos de pelle onde se revolviam enxames de vermes morticolos, pensava se n'aquelle acervo hediondo e fetido estaria deveras o ultimo findar da natureza humana, e se além d'aquella miseria da carne não existiria mais nada! Apollonio ensinára-lhe que o sabio, desapparecendo da terra, subia ao Olympo; mas isto era uma affirmção gratuita, que o não contentava, tanto mais que a parte moral do sabio mestre, lhe deixava o coração insensibilizado. No evangelho pagão não viu brilhar essa lagrima misericordiosa, communicativa, santa, que o Evangelho de Christo deixa cair indifferentemente sobre pequenos e grandes.

Quando o grasnar de mil corvos, esvoaçando por sobre as vallas dos mortos, o tirava do estudo ou arrancava á meditação, e palido, quasi cadaverico, com a tunica e o curto manto asquerosamente enxovalhados de sangue, exhalando de todo elle um fartum repellente de carne podre, só entre os christãos encontrava dó, abrigo e bondosa e consoladora guarida.

Foi por isso que abraçou o christianismo.

Se ganhou mais alguns clientes, não adquirio com que se libertasse da miseria.

No grupo de christãos, onde vivia em mais intimidade, distinguia-se uma transteverina cuja devoção só podia ser excedida pela formosura. Eis que, sem causa que se conhecesse, os bellos e grandes olhos aveludados e humidos começaram de se cercarem de negras olheiras, as faces morenas accendiam-se a miude nos rubores da febre, a alegria dos seus desesete annos converteu-se n'uma invencivel melancolia, dia a dia lhe faltava o vigor, e a vida parecia querer despedir-se d'ella a todo o momento. Aristo procurou salvar aquella creança, que docemente sabia envolve-lo num olhar de supplica. Toda a sua sciencia, todos os seus cuidados foram vãos para atalhar o mal sempre crescente, e sem dores, sem soffrimentos, a misera adormeceu na paz do Senhor, sorrindo-se agradecida para aquelle, que nunca lhe abandonara o catre.

A oppressão que sentiu foi terrível, pesada, e comtudo só elle tinha os olhos seccos, só elle parecia insensível sem derramar uma lagrima, no meio dos gritos, choros e lamentos da pequena assistencia de christãos que cercava o esquife da morta.



FESTA PAGÃ (INTER POCOLA), — QUADRO DE GUINEA

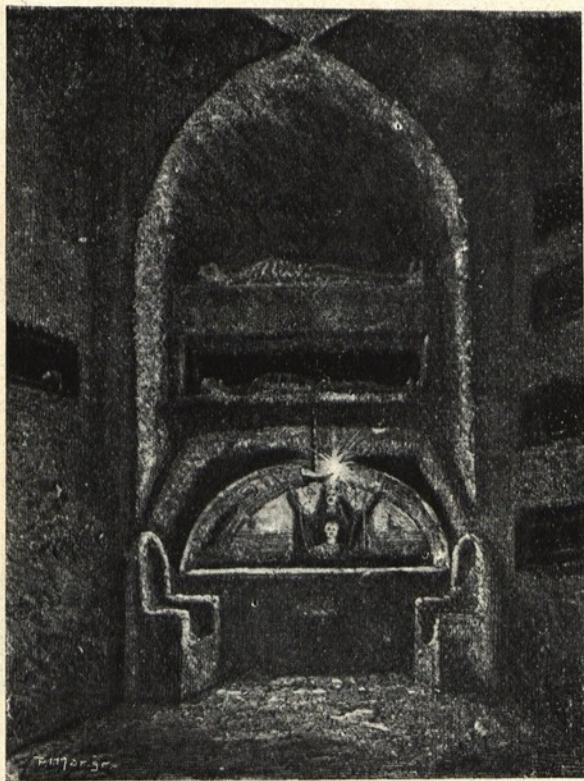
A' noite os parentes levaram o cadaver ás escondidas a sepultar nas catacumbas de S. Calixto. Apenas o conduziam dois homens, emquanto o resto dos amigos e christãos seguiam dispersos, penetrando na vasta necropole subterranea por varias serventias disfarçadas, e não pelos francos e monumentaes porticos que decoravam a entrada dos antigos cemiterios.

Aristo sentiu com aquella morte um desamparo na vida, e desejou tambem morrer. As catacumbas, depois do edito de Valeriano tinham deixado de ser um logar de paz e de refugio. Embora Galiano tivesse revogado os decretos de seu pae, o impulso perseguidor estava dado, e aquelles corredores e cryptas cavados no tufo, aquellas capellas subterraneas espalhadas nas varias galerias, tinham-se convertido em outros tantos redis onde eram apanhados os christãos. Desejou ser martyr, e juntou-se ao grupo mais numeroso, na intenção de provocar reparos que incitassem uma batida subterranea. Deus, porem, tinha determinado, em seus altos juizos, que o seu verdadeiro martyrio seria a prolongação da vida, o gozo d'uma saude que nada alterava, a persistencia da mais negra miseria

que nada diminuia. Quando viu o cadaver extendido no *loculus* aberto entre outros *loculus* já occupados, que os parentes medrosos e assustados se retiraram, e com elles os coveiros sem collocarem a pedra tumular, reservando-se para o fazerem em a noite seguinte; quando viu sumirem-se na escuridão enfumarada dos corredores os vultos negros e gigantescos que aqui e alli a pequena luz vermelha das lampadas mortuarias alongava d'encontro ás paredes e projectava nas abobadas, quando se viu bem só, encostou a cabeça á beira da sepultura e pediu á alma d'aquella joia terrena que implorasse a Deus a paz e a tranquillidade da morte tambem para elle! Mas quando este desabafo d'uma crença, que ainda não estava agarrada á alma pela força tradicional, que não fora bebida com o leite, que não tinha a sustenta-la senão umas respostas que mal satisfazião as suas curiosidades metaphisicas, que não tinha a perfuma-la e defende-la o coração com todas as suas heroicas energias, o velho homem reviveu n'elle, o fanatismo da sciencia resurgiu, o impassível anatomista das fossas mortuarias começou a reflectir que segredo da natureza teria inanimado aquella creatura, em quem, em vida, não encontrara lesão que determinasse a morte.

E sem pensar nas consequencias, puxou o cadaver para fóra do sepulchro, levou-o para sobre o altar do cubiculo, que abria em semicirculo amplo ao fundo da galeria, e alli, á luz

d'uma das lampadas, apressado, febril, auscultou-o, apalpou-o de cima a baixo, voltou-o em todos os sentidos, cedendo os membros



ALTAR E CAPELLA SUBTERRANEA NO CEMITERIO DE SANTA IGNEZ

lassos, como se em seus braços a virgem se deixasse cair n'uma morbidez languida, conservando os olhos cerrados e nos labios o mesmo sorriso de ineffavel doçura e meiga tranquillidade com que adormecera para sempre. Observou-lhe a extremidade dos dedos, levantou-lhe a pupila e aproximou d'ella a luz; e depois, tirando do estojo um pequeno escalpello afiado e luzente, rasgou com mão rapida, d'alto a baixo a mortalha da defunta. O braço d'esta descaiu, os seios tumidos e formosissimos da virgem pareciam roseos, tocados pelos reflexos da luz. e dos labios entreabertos como que ia sair uma palavra. Aristo horrorisou-se como se tivesse praticado um sacrilegio. O primeiro impulso foi de vibrar ao proprio peito o escalpello com que se propunha abrir as carnes, que ora se lhe apresentavam vivas; mas o cobarde medo da morte deteve-lhe o braço; todas aquellas abobadas iam desabar sobre elle e soterra-lo vivo para sempre. E correu perdido de razão, olhos saindo-lhe das orbitas, tremendo atemorizado ao passar em frente das figuras hieraticas pintadas a tintas vivas, com os grandes olhos abertos, nos frescos das paredes; as palavras de paz, esperança e conforto, gravadas ou pintadas nas campas eram para elle exorcismos de mal-

dição e anathema; e o fundo negro dos arcosolios outras tantas boccas infernaes atraindo-o para a treva eterna. Os canticos dos christãos nas cryptas, nas capellas, junto das aras dos martyres, não tinham para elle a suavidade consoladora de outr'ora; á saudação de paz dos que encontrava não sabia corresponder, esqueceram-lhe o santo e senha do reconhecimento, e vagando perdido, sem rumo, subindo e descendo os escadorios, ignorando o andar em que se achava, passando pelas estreitas galerias d'um para outro cemiterio, só conseguiu sair á luz, ao ar, ao sol, ao cabo de alguns dias, exausto, esfomeado e mais miseravel que nunca!

Fugia de todos os gremios christãos, perseguido pela accusação de violador de sepulturas, de profanador de cadaveres!

Na Grecia, onde procurou refugio, no Egypto, onde subiu o curso do Nilo, não encontrou paz nem amisade. Vagueou na Palestina, e por fim deixou-se ficar na Syria, sempre perseguido pelo terrivel anathema, sempre repellido, sempre o mesmo desejo de acabar com a vida e sempre a mesma pusillanidade em frente da morte. Impedido de exercer a sua arte, no que ella tem de nobre, pela repulsão que inspirava, dedicára-se ao mister de que o sarcasmo publico o accusara em gritaria infernal e zombeteira.

E n'aquelle momento, para maior miseria sua, a encruzilhada dos renques de columnas e pilastras recordava-lhe a noite das catacumbas; luzes fugitivas que passavam ao longe, brilhando e sumindo-se como os fogos fatuos nos *puticulli* de Roma, chamavam-lhe á memoria a sua tentativa sacrilega, a que se seguira essa fuga pelos labirintos e galerias subterraneas; e para nada faltar a avivar essa crise horrorosa, até começou de ouvir as plangentes toadas dos canticos christãos. Ergueu-se, e foi-se dirigindo para onde o orientava o echo de taes canticos. Caminhou muito tempo pelo emmaranhado do subterraneo; sentiu que se ia aproximando do sitio em que se achavam muitas mulheres christãs, porque as vozes eram todas femininas, e recordou-se que o imperador, para imitar antigos costumes, consentira que, na vespera do supplicio, Romano recebesse a visita dos irmãos em crença, que com elle quizessem celebrar o agape do adeus.

Assim era. Aristo achava-se no meio d'uma resumida, mas heroica synaxe.

Amarrado ao cepo, com as pernas afastadas ao quinto furo, Romano dizia palavras de consolação a um grupo de mulheres, sentadas no chão, com os mantos pela cabeça e que entoavam os divinos canticos, quando o

diacono se calava. Martha, entre ellas, acalentava junto ao peito o corpinho magoado e ferido do filhinho.

Aristo encostou-se tremendo ás grades da masmorra, entre abertas, e sem animo de as transpor. A luz da resinosa candella que illuminava aquella scena deu-lhe em frente, e o diacono vendo-o e reconhecendo-o, disse-lhe:

— Entra, e crê que no reino do Pae celeste ha misericordia e perdão por maiores que sejam as fraquezas. Que o Senhor seja comtigo!

Do fundo dos manteus convergiram sobre elle os olhares das mulheres, misericordiosos e bons. Aristo estava dominado, correu a cair de rojo junto do martyr agarrando-lhe e beijando-lhe as mãos; e quando este o puxou a si, e lhe deu em ambas as faces um osculo de paz e d'amor, sentiu que, pela primeira vez em sua vida, as lagrimas lhe vinham aos olhos e lhe corriam em fio, que ineffavel consolação lhe refrescava a alma, e que, emfim, Deus tinha operado por elle o maior dos milagres, dando-lhe com as lagrimas um momento de santa paz!



## CAPITULO XII — O MARTYRIO

**A**INDA não despontou o sol, e grossas nuvens, enrolando-se em turbilhões volumosos, tocadas pelo vento morno do sul, atrevessam o espaço, precipitando-se e agglomerando-se umas sobre as outras, presagiando uma d'essas tormentas do findar da primavera tão rapidas como impetuosas.

Correm apressados bandos de gente na apparencia vil, para o campo das execuções, á beira do Oronte, numa planicie safara, areosa e inculca, a montante do palacio imperial. Estão, já empilhados e embebidos de materias inflammaveis os toros que hão-de consumir o corpo de Romano. Pouco longe, o cepo ennodado de manchas de sangue, onde os condemnados á degolação poisam a cabeça que o cutello faz cahir.

O povo, que se apressava para não perder a execução, espalhava-se no amphitheatro formado pela colina, que d'alli ia em subida até os arrabaldes da cidade; e na praça do supplicio apenas eram consentidos os amigos do Cesar, os palacianos, ou magistrados e seus clientes ou familiares.

A natureza quasi unica do crime de Romano, suscitava esta desusada concorrência. Ver queimar um christão por ter negado sacrificar aos deuses não era caso que perturbasse a curiosidade de Antiochia. A multidão estava inquieta, temendo que a tempestade se desencadeasse e tivesse de perder o espectáculo, acossada pelas bategas d'agua, quando a entrada dos lictores annunciou a presença d'Asclepiades, seguido d'uma decuria de legionarios que conduziam Romano e Martha com o pequeno Barallah. No coice do triste prestito, com o rosto animado d'uma serena alegria, seguia o arependido Aristo, de novo exposto ás vaias da multidão, que sobrelevavam em ruido os applausos ao prefeito.

Tomou este assento numa cadeira curul, collocada no estrado que se extendia no sopé do pedestal sobre que se erguia a es-

tatua de Jupiter; e fazendo avançar Romano ordenou-lhe que sacrificasse. Recusou-se este; e o prefeito ordenou que o atassem ao poste que emergia da pilha das madeiras e lançassem fogo a estas. Rompem estrepitosos applausos no povo, quando os lictores, tendo amarrado o diacono, os algo-



FIGURA MURAL NO CEMITERIO DE S. CALIXTO, EM ROMA. Segundo lithographia de L. Perret

zes aproximaram os archotes acesos das quatro faces do monte de toros. Sobe ao ceu uma baforada de fumo negro, que envolve

Romano; mas no mesmo instante brilha um relampago que cega, e logo apoz faz tremer a terra o troar medonho d'um trovão, e as nuvens parece que se desfazem em fortissimas cordas d'agua. O fumo que já se erguia some-se, e o diacono apparece de novo a todos os olhares, incolume, sorrindo e cantando um hymno de louvor a Christo; ao mesmo tempo que com o dedo polegar da mão direita traçava uma cruz na testa, e outra no peito, sobre o coração. Ordena o prefeito que os algozes empreguem todos os esforços para de novo incendiarem as madeiras. Mas baldado empenho; quando muito os fuzis fazem chispar as pederneiras; e é tudo. A chuva continua caindo, da colina precipitam-se verdadeiras torrentes, que afugentam a maioria dos espectadores, e convertem a praça num lamaçal.

Então o diacono, dirigindo-se ao prefeito pergunta-lhe:

— Onde está esse fogo com que querias consumir a minha pobre carcassa humana?

Berra a multidão, exasperada pela chuva que a enxarca até á pelle, e com receio de perder o espectáculo do supplicio; berra e clama, impondo ao prefeito que mande reacender a fogueira. Mas todos os esforços são baldados. Os toros estão molhados e completamente lavados das materias combustiveis, e Romano continua louvando ao Senhor, que salvou da fornalha a Sidrach, Misach e Abdénago, entoando como elles entoaram, no meio das chammas: «Assim se consumma hoje na tua presença o nosso sacrificio, que te seja agradável como se fora um holocausto de carneiros e de toiros, como se te offereceramos mil nedios borregos; porque não ha confusão para os que em ti confiam.»

E como Asclepiades lhe ordenasse que ficasse calado, continuou: «E sejam confundidos todos aquelles que fazem padecer males aos teus servos; elles sejam confundidos pela tua omnipotencia, e a sua força se faça em migalhas.»

N'este momento a vozeria do povo era terrivel, e tão ruidosa a tempestade dos gritos selvagens, como a dos elementos, misturando-se uivos, urros, berros e assobios com o bater da chuva nas arvores, e os ribombos já afastados dos trovões. Mas a voz de Romano animada d'uma força sobrenatural dominava todos os ruidos, e não houve quem não percebesse distinctamente estas palavras, do hymno que vinha entoando; «e sabiam que só tu és Senhor Deus, e Glorioso sobre a redondeza da terra»; terminando com a doxologia do «Gloria ao Pae no Filho e no Espirito Santo.»

Então sobre Asclepiades e os algozes começou uma nova chuva mas de pedras, cacos, e de tudo quanto pudesse vir á mão áquella turba irrequieta, enxarcada e sedenta de sangue.

Um dos magistrados, notou ao prefeito que a tempestade, que tanto a proposito se desencadeara, só podia ser effeito de magia, e que assim que Romano fosse privado de continuar naquellas encantações as coisas entrariam em a ordem natural. Asclepiades relanciou a vista pela larga praça e encarou Aristo. Fa-lo avançar, e ordena-lhe que corte a lingua ao diacono. Rompe na multidão uma nova tempestade de vaias, de assobios, de injurias e palmas, e por sobre o tumulto distinguem-se as palavras:

— Castrador! Castrador!

Aristo quer recusar; e enchendo-se de certa coragem balbucia:

— Sou christão! Sou christão!

— Tanto melhor, redargúe Asclepiades, melhor te haverás na operação.

Os lictores arrastaram o pobre medico até junto de Romano, que o anima dizendo-lhe:

— Já o divino Mestre disse: A «cesar o que é de cesar.» Cumpre as ordens que te dão; e desde já, irmão, te agradeço o que vaes fazer, porque assim me apressas a entrada no reino de Deus!

Com um golpe rapido e seguro, Aristo cortou a lingua de Romano. Uma golfada de sangue inundou o peito do martyr, e tingiu a lenha da fogueira. O povo applaudiu, e Asclepiades em tom de zombaria, perguntou ao suppliciado, como se chamava. E ao mesmo tempo, com espanto e terror geral, o diacono disse com voz alta, clara e vibrante:

— Romano!

— Ás feras! Ás feras! Ao circo irrompe em uivos a multidão selvagem.

— Que o guardem para o supplicio do circo, diz em voz alta o prefeito, e para ser ouvido apenas dos lictores:

— Que o recolham á masmorra e lá morra estrangulado.

Depois dirigindo-se a um dos algozes, como quem quer terminar um acto que o incommoda:

— E tu degola essa creança.

Durante todo o supplicio Martha tinha-se conservado immovel, com o filho nos braços, alheia a tudo que se passava na sua frente. Quando o algoz lhe pediu a creança, sem derramar uma lagrima, beijou o filho na bocca, e disse-lhe:

— D'aquí a minutos, estarás ao pé de Deus, na companhia de mil cherubins, sê meu protector junto do Senhor para que elle me chame para o ceu, onde vive teu pae. E come-



çou cantando o psalmo de David : «Louvae, creanças, o Senhor!»

Pousou o carrasco o pescoço de Barallah sobre o cepo, e Martha estendeu a ponta do manto, sobre o qual caiu immediatamente decepada a cabeça do filho.

O silencio era profundo! A multidão não sabia explicar, mas sentia que n'aquelle momento se passava uma coisa grandiosa na alma humana; os olhos de muitos marejam-se de lagrimas, e o sol brilha radiante e formoso.

Martha toma nas mãos a cabeça do filho. Não dá uma palavra, mas dos seus olhos de ha muito seccos rebentam dois longos fios de lagrimas.

Cola a bocca na bocca fria do filho, e como movida por um impulso sobrenatural vae saindo do logar do supplicio. Ninguem a impede; e ella vae caminhando, caminhando, sempre com a bocca do filho collada em seus labios. Desce á beira da agua, avança apresada até chegar ao logar onde desaparecera Hesico. O sol já dardeja a pino e converte as ondas do rio em pequenos turbilhões doirados. Olha demoradamente para a agua cujo brilho a fascina, o correr atrae e o chapinhar d'encontro aos seixos perturba. Um suave adormecimento a invade, a envolve n'um doce devaneio, como quem se apercebe d'uma visão encantadora, que a chama e convida a entrar n'agua Não hesita. Tem um pequeno estremecimento ao molhar os pés, mas sorri e vae entrando pelo rio, sorrindo, sorrindo sempre, sorrindo quando já a corrente lhe corta o seio em remoinho, e vae lavando

(Fim)

a cabecinha do martyr correndo listada com um filete vermelho. Repentinamente falta-lhe o pé, submerje-se, vem á flôr da agua n'um rôlo d'espuma branca, e assim vae levada no remoinho das ondas, sorrindo e beijando a cabeça idolatrada do filho, ao encontro do esposo bem amado.

Um homem a seguira de longe e vira aquelle inconsciente suicidio. Fôra Aristo.

Estendeu as mãos, como quem quer dar um socorro; mas as aguas fecharam-se e elle deixou-se ali ficar em extasi, olhando o ceu, para ver se elle se abria para receber aquella alma santa, e, sem saber como, encontrou-se a entoar os versiculos que tantas vezes ouvira nas catacumbas:

«Que os anjos te conduzam ao Paraizo; que á tua chegada os martyres te acolham e te levem á santa cidade de Jerusalem.»

«Que o côro dos cherubins te receba, e possas tu gosar o eterno repouso, como Lazaro, o pobre d'outr'ora!»

E depois, já noite, encaminhou-se para a ruidosa Antiochia, e, guardando como reliquia a lingua de Romano, voltou a viver com este na masmorra, até que alli o viu estrangular pelos algozes, ao mando de Galero.

Mas n'essa mesma noite, quando o santo exhalava o ultimo suspiro, Galero Cesar sentiu as primeiras dôres lanciantes do mal horrivel que Romano tinha prophetisado, e que depois o levou á cova.

Deus vingava assim os seus martyres.

TH. LINO D'ASSUMPÇÃO.



# De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

## SEGUNDA PARTE

### CAPITULO II

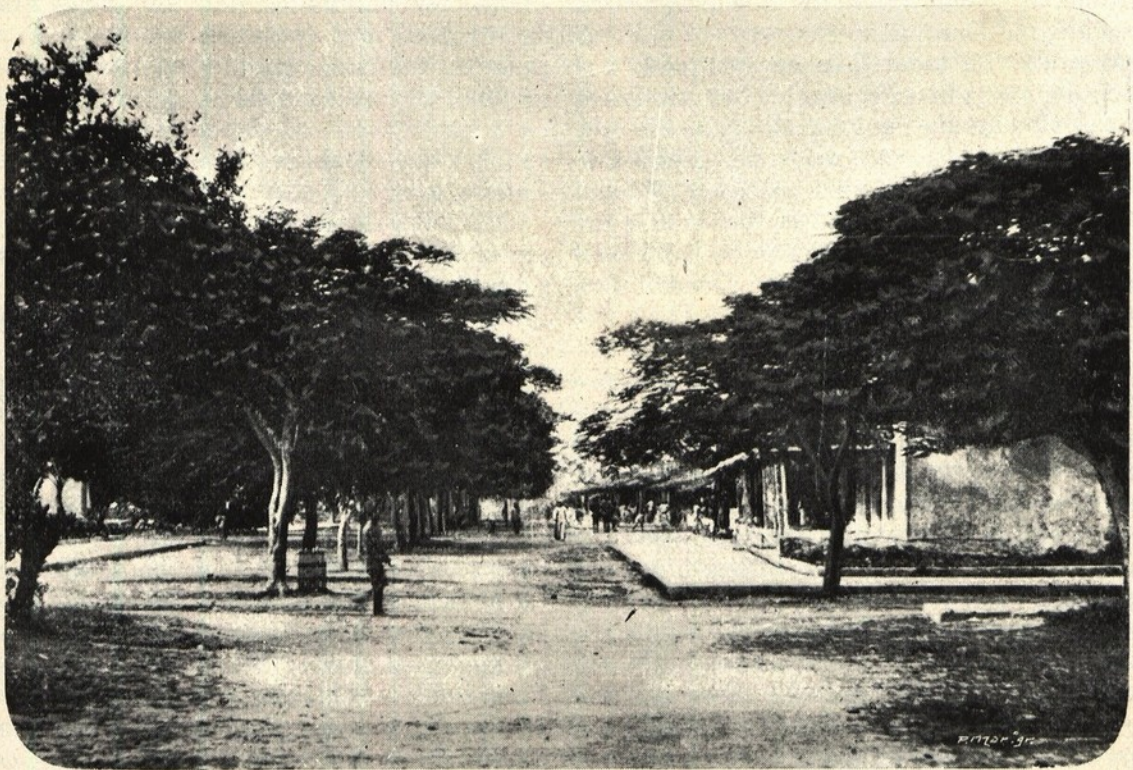
#### Quelimane — A cidade — As estradas — Os rios — Os canaes

A villa não tem jardins nem passeios publicos, como não tem theatros nem clubs; cada qual recreia-se em casa, ou nas lojas onde se vendem bebidas. Ha uma praga d'ellas, mesmo nos bairros civilisados, especialmente desde as ultimas remessas de colonos do reino, mas nenhuma tem a decencia de *café*. Uma tentativa que se fez para montar um botequim de luxo, para gente fina, com camareiras e bilhares, deu depressa em droga. Tambem falta uma banda regimental, ou modesta philarmonica, que dê concertos ao ar livre, como em Moçambique e em Lourenço Marques. Em Quelimane, a musica só é cultivada ao piano por alguns *dilettanti* europeus, quasi todos estrangeiros, e pelos negros nos *batuques*.

Quem quer passear, por distracção ou por exercicio, vae para a estrada. Estrada, é um modo de dizer. A capital da Zambezia não tem, para ligal-a ao vasto paiz de que é porto e mercado, um metro de caminho feito por engenheiros segundo as regras da engenharia. O que se chama por lá *estrada* é simplesmente uma facha de terreno limpa por mãos de negros de arvoredos e matto, e quando muito orlada por arremedos de valetas para onde escorrem as aguas, e lançada por cima dos *mocurros* com a ajuda de vigas e taboados. Tres principaes caminhos d'estes servem Quelimane. Um, corrido quasi á beira do rio, vae dar a Chuabodembo, que dizem ter sido o assento da villa e de que dista poucos kilometros, passando por magotes de cubatas e uma ou outra modesta casa de alvenaria. A estrada do *Basar* prolonga a rua dos Mouros, no sentido aproximado do norte, e termina n'um aldêamento mercantil de mouros e baneanes, improvisado no interior do praso Anguaze. Por ultimo, o do *Moquivel* é a rua de S. Domingos continuada atravez do matto, durante mais de vinte kilometros, até encontrar a margem direita do rio Macuze, n'um sitio de passagem onde trafi-

cantes montaram quitandas e a autoridade armou um posto militar.

Estas duas estradas offerecem aos passeantes estadios marginados por scenarios constantemente renovados, que os distrahem do enfado de pisar areia e ouvir zumbir mosquitos. A do *Moquivel* abre-se com vivendas encravadas em macissos de arvores, solitarias como ninhos de namorados, sob cujos alpendres, se deixam ás vezes surprehender — só pela vista, já se vê,—garridas *donas* de seios a rebentarem dos corpetes sedosos; de passagem pode-se colher flores das lorangeiras, plantadas á beira das valetas, e no ar voejam tenues felpas de sumauma acabadas de se soltarem dos casulos. Passa-se depois á porta do cemiterio, — entrevendo-se pelo gradeamento as lavradas cantarias brancas, com que em todas as partes do mundo a vaidade humana protesta ainda alem da morte contra o esquecimento, e andam-se kilometros entre collossaes coqueiros perfilados, parando aqui e ali para observar algum tronco sem copa que um raio brocou d'alto a baixo sem o derribar, ou para attentar n'uma manada de pequenos bois corcovados, que alongam os focinhos molhados de baba pelos intersticios dos cercados de *palos-palos* e olas de palmeira. Onde acaba o palmar muda-se a paizagem. Por uma vasta área descoberta espalham-se tufos de arvoredos, estendem-se vallados e sebes de plantas enleiadadas, correm os cannaviaes os seus biombos movediços, até onde a vista esbarra em muralhas de verduras recortadas por cima, que a distancia empasta e pinta de tons azulados; o leito da estrada some-se na herva, mostrando apenas a sua côr amarella nos sinuosos carreiros que o transito rasga na viçosa alcatifa, e as plantações dos indigenas deitam para cima das valletas hastes recurvas de feijoeiros e ramos rasteiros de amendoim, que encravam na terra as suas proprias sementes. Ali, no Colano têm os jesuitas um edificio prompto para



QUELIMANE. — RUA DOS MOUROS

missão e escola, e em frente d'elle um cemiterio, fechado por tabiques tecido de estevas e todo coberto pela ramaria d'uma só arvore gigante de folhagem sombria que cac para a terra como as lagrimas. Perto do edificio cresceu um grupo de mangueiras collossaes, a cuja impenetravel sombra a providencia dos padres collocou simples bancos de madeira, offerecendo assim aos vivos um lugar de descanso ephemero á vista do lugar do repouso eterno.

A estrada do *Basar* é mais animada, porque atravessa uma zona mais populosa. Primeiro bordam-n'a lojitas de *monhês* pobres, atravancadas por mercadorias réles; depois entra-se em pleno campo, sendo preciso observar muito o chão para se reconhecer n'elle um caminho alem dos trilhos serpentosos que fazem os pés dos negros, com as baldas de se encarreirarem como formigas e de andarem por onde outros andaram. No primeiro lanço costeia-se uma varzea toda agricultada e fechada por espessos palmares; mas para deante variam a cada passo os episodios de paisagem, figurando proeminentemente em todos elles as mangueiras, enormes, fechadas, com as ramas descidas até quasi ao chão, que fazem ilhas de sombra no meio das solheiras. Tão escuras são essas sombras que os mosquitos procuram-n'as como se fossem noite; ao entardecer ha uma nuvem alada a trombetear debaixo de cada arvore de man-

gas. As palhotas estão dispersas á beira das estradas, cada uma com o seu quintalorio, ás vezes marcado por tapumes de esteiras, em que ha sempre as providenciaes bananeiras, cujos fructos são alimento e gulodice, e cujas folhas servem de materias de construcção, fazem cestos e fornecem mortalhas para cigarros. Na Africa Oriental, a bananeira é um signal de povoação; onde ha bananas ha gente. Essas palhotas põem deante dos olhos dos passeantes cuiosas scenas de costumes indigenas, representadas no seu meio natural. Como as mulheres lidam, coitadas! Lá estão ellas deante das casas, atarefadas a pilar arroz: o pilão é um rijo páu grosso e comprido; de gral serve um tronco d'arvore escavado. Como o trabalho é violento, despem-se quasi sempre da cinta para cima, e nas oscillações do corpo chocalham os flacidos seios enormes, que ora lhes batem no estomago ora pendem sobre o almo-fariz como odres a escorrerem. Se têm creanças de leite, penduram-n'as ás costas no bolso d'um panno atado ao pescoço, e quando ellas se agitam na faina, as creanças esmurram os narizes nas espaduas maternas, dizendo os farcistas que d'este costume deriva o achatamento nasal da raça negra. Outras mulheres sacham nas varzeas, servindo-lhes de sacho um páu ou os próprios dêdos, e velhas sentadas nos terrados tecem ceiras de palha; mas nem por serem assim laboriosas

perdem as pretas os vícios que praguentos assacam na Europa ao seu sexo. Onde ha duas pretas ha tagarellice em compasso accelerado, cortada por interjeições violentas ou cascalhadas de riso. Aquella vozearia que estrepita alem dos caniçados de bambú são ralhos de visinhas, e uma matrona de ebano, que com outras comadres disfructa o escandalo, explica-o descaridosamente dizendo para o transeunte: *bebedas, siôr, bebedas!* Por meio d'estes quadros vae decorrendo a estrada, toda cheia d'herva, porque o administrador do prazo Angoaze é remisso em impôr aos contribuintes as anuduvas costumeiras, e passam n'ella candidatos a *mozungos*, muleques l'algum branco, de calças e casacos á europea, chapéu de côco encarrapitado na densa carapinha azeitada, levando na mão os molestos sapatos; olham-n'os com respeito e inveja os trabalhadores sertanejos, com quem elles se cruzam, e que só disfarçam a nudez com um pedaço de sarapilheira cingido aos rins, ou uma camisa feita d'um sacco de grosseria. Á passagem de europeu conhecido, d'uma autoridade, d'um *senhor*, os negros bem educados param, põem no chão os carros e batem palmas, raspando ao mesmo tempo a terra com os pés; os mais primorosos levantam-se, se estão sentados, e curvam-se até tocarem com as mãos no chão. De quando em quando, uma *venda de alcool* armada debaixo de bananeiras reúne magotes de freguezes loquazes, estirados na herva, e saem d'ella beberrões, que tomam o caminho todo com os bordos, e dialogam em altos berros com a canzoada que lhes ladra. Quasi que não ha palhota que não seja um ninho de creanças ventrudas, que fogem a chorar dos brancos, emquanto são pequenas, e vão esconder a cara nos pannos das mães, mas saem á estrada a pedir-lhes dinheiro quando já fumam o seu cigarro e sabem o gosto do *matabicho*. Eram o meu divertimento, os garotitos, nas excursões de hygiene pelos arredores da villa. Levavallhes uns cobres, e a noticia d'esta munificencia propagava-se com tal velocidade pelas estradas fóra, que as encontrava sempre orladas de creançada, vinda ás vezes de grandes distancias a correr atravez dos campos. Mas alguns dos pequenos pedintes davam grandes desgostos ao meu amor-proprio; tão feio me achavam que desatavam a berrar mal me viam perto, e não eram capazes de encarar commigo por mais que lhes mostrasse *chapões!* *Chapão* é em toda a nossa Africa o nome popular da moeda de vintem.



Quelimane apesar da dilatada area que a sua casaria occupa, não conta mais de tres a

quatro mil habitantes, dois terços dos quaes são negros; mas apesar da sua pequena população, tem uma grande importancia commercial, proveniente da situação geographica, e que, a meu ver, depende menos do que se julga das condições de navegabilidade do Zambeze.

O rio dos Bons Signaes, que liga a villa simultaneamente ao mar e ao sertão, foi considerado durante seculos como um braço do Zambeze, e como tal o descreveu Fr. João dos Santos. Se alguma vez o foi, deixou-o de ser. O coronel Custodio José da Silva, que em 1862 commentou e rectificou a geographia do *Ensaio Estatístico* de Bordallo, diz que as communicações entre o Quaqua, que não é senão um prolongamente ou, se quizerem, um ramo do dos Bons Signaes, e o Zambeze romperam-se em 1830, em consequencia do movimento de areias determinadas por innundações; e, pela sua parte, Levingston professou tambem que as ligações entre o Zambeze e o Quaqua eram só accidentaes, não podendo, portanto, ser este ultimo reputado como um braço d'aquelle. Hoje, esta opinião passou em julgado, e foi admittida, sem sequer ser discutida, na interpretação e execução do convenio anglo-portuguez de 1881; em resultado d'ella, o regimen de liberdades e franquias, que esse convenio estipulou para o Zambeze, não foi applicado ao rio dos Bons-Signaes e ao Quaqua.

Mas esta via fluvial já no seculo XVI, quando ainda se opinava que por ella se escoavam tambem as aguas do grande rio, não era o caminho geralmente seguido entre o mar e os estabelecimentos portuguezes da região que hoje se chama vulgarmente Alta Zambesia; lá diz Fr. João dos Santos, que as communicações faziam-se pelo Luabo, porque só no inverno se podia navegar pelo Quaqua. Posteriormente a ligação entre este rio e o Zambeze ainda mais se foi interrompendo, e hoje o Quaqua só é navegavel em todas as epochas do anno até onde chegam as marés oceanicas, até Moganuamba, que fica a 48 milhas da foz do Bons-Signaes, e mesmo até ahi só chegam na estiagem almadias e escaletes, que em alguns lanços encalham a cada passo na areia ou embaraçam-se em ramos e palhas arrastados e depositados pelas correntes das cheias. D'ahi para diante até Mambucha ainda tem uns fios de agua; mas já o Muto e o Bazaboanda, que o continuam, aquelle até o Mazaro e este até junto da serra Chamoása, não passam — tambem no tempo secco — d'uns enxurros sinuosos, que unem series de pantanos e charcos. Quando as chuvas teem engrossado e feito espriair o Zambeze, então quasi todo o terreno ondê

passam esses enxurros do estio, converte-se n'um mar, que, naturalmente, tem mais fundo onde elles cavaram os leitos, e esse fundo chega a permittir a fluctuação de pequenos escaleres; mas este estado de coisas é de pouca duração, variavel, e só accidentalmente se aproveita para o serviço de communicações. Normalmente esse serviço, entre Quelimane e a Alta Zambezia, faz-se navegando pelo Quaqua até Moganuamba ou, mais excepcionalmente até Mopeia, situada no terreno alto ao pé d'um grande charco, o Umbero, e seguindo por terra para a margem do Zambeze, até a praia do Mazaro ou até a do Vicente, e tornando a embarcar ahi para continuar a jornada pelo Zambeze acima.

São, pois, difficeis e demoradas as communicações e os transportes entre Quelimane e os estabelecimentos marginaes do Zambeze como Sena e Tete; entretanto, o caminho do Quaqua foi por muito tempo, e ainda hoje é, frequentado, por darem acesso incerto, ou não darem acesso as boccas do Zambeze.

Essas boccas são muitas, e a ligação d'algumas d'ellas com rios que correm perto mais lhe augmenta o numero de desagudouros. Desde o rio dos Bons-Signaes até o Luanda ou Luabo d'Este, uma extensão de costa de mais de 60 milhas é coberta pelas malhas de uma rêde tecida de linhas e de fitas d'aguas, rios, braços de rios, canaes, toda mediata ou immediatamente presa ao tronco do Zambeze como o systema arterial á aorta. O proprio rio de Quelimane é communicado pelo canal de Chica com o Linde, embora essa communicação, hoje obstruida, quasi não dê passagem no verão senão a rãs; o Linde, com ser independente, nas raizes, da grande arvore zambeziana, não se exime a ser preso por um fio, o canal de Ignangoma, ao rio Mahindo, assim como este apesar de ter aguas suas, não deixa de receber atravez do canal de Zunde algumas do seu vizinho Inhamhona.

E' aqui que principiam, propriamente, os desagudouros do Zambeze. Ao ponto do littoral onde o Inhamhona se junta com o Inhamiare para ambos se lançarem no mar por uma longa abertura, vae ter o canal de Deremvane, que separa do continente a ilha de Mitahone, e esse canal abre para uma encruzilhada d'aguas, onde

se encontram o Chinde e o Maria, pelos quaes se sobe ao tronco central do Zambeze, o qual, continuando a correr para a costa, bifurca-se no vertice do triangulo da ilha Timbese, sahindo para o oceano pela barra Catharina ou Muzilo, e pela barra de Coama ou Luabo d'Este. Antes, porém, d'esta bifurcação, e tambem acima das aberturas do Maria e do Chinde, já o colosso tinha principiado a escoar-se, na margem esquerda, pelo canal do Muselo, fendido perpendicularmente á costa, e as aguas d'esse, engrossadas como as de mais quatro canaes, vão afinal desembocar n'outras duas barras, tambem separadas por uma ilha, a de Inhamissengo e a de Melambe. Por ultimo, um outro canal, hoje entupido, ligava d'antes o veio que se esgota pela barra de Melambe com um rio independente, o Quaná ou Luabo d'Este.

Não faltam, pois, ao Zambeze sahidas para o mar, mas precisamente, por ter muitas não aprofundou nenhuma. Caudaloso na estação pluviosa, pobrissimo na estiagem, marulhando ou deslisando sobre areaes, esbroando as suas margens e as suas ilhas com as correntes impetuosas, indo buscar detricitos ao interior da terra quando trasborda, arrasta a bem dizer tamanha carga de areias e vasa como d'aguas, e os sedimentos ora lhe tapam umas ora outras boccas, e ás vezes distribuem-se por todas de tal modo que nenhuma fica accessivel á navegação. Quando os portuguezes começaram a conhecer-lhe o delta, estavam desaffogadas as barras de Coama



QUELIMANE — RUA DE S DOMINGOS

e Catharina; mas entulharam-se depois, e durante largos annos não houve noticia de que, em compensação, se houvessem franqueado as do Inhamissengo ou do Chinde,

ou pelo menos não se encaminhou para lá o transitio. O Zambeze estava, pois, ou suppunha-se estar, fechado, não á sahida das aguas, certamente, mas á entrada de navios. Não tinha porto exterior. E, portanto, os viajantes e o commercio resignaram-se a demandar a Alta Zambezia, ou a sahir d'ella, pelo rio dos Bons-Signaes, onde podiam aproveitar-lhe as aguas, e por terra, atravez da facha que o separa do Zambeze, e com a dura necessidade d'este trajecto se engrandeceu Quelimane, tornando-se o seu porto serventia de todo o interior.

Mas precisará ella, para conservar a prosperidade de que se obstrua a grande arteria de Africa Oriental?

Quelimane, é certo, não gosta de ouvir declarar que a barra do Inhamissengo, com o seu kilometro de abertura, se havia tornado accessivel á navegação e quasi apodou de seus inimigos os governantes que a pharolaram, estabeleceram nas suas orlas uma delegação de alfandega e um posto militar, e deram traço para que a certa distancia para o interior se fundasse a villa da Conceição. Quelimane rejubilou-se no seu intimo quando, a curto trecho, essa barra competidora tornou a açoriar-se, o pharol deixou de accender-se e por fim foi desmontado, a Conceição cristalisou em aldeola de indigenas; e Quelimane tornou a assustar-se, e assustado está ainda hoje, quando observou que, á medida que o Inhamissengo se fôra enchendo de areias, fôra crescendo a agua na bocca do Chinde, e que essa bocca podia engolir as riquezas mercantes que antes monopolisava o rio dos Bons-Signaes. Na propria Europa houve quem julgasse que o Chinde mataria Quelimane, e, ao passo que muitos portuguezes fizeram votos mentaes pelo seu rapido entulhamento, desdenhando fortunas novas que podessem lesar as antigas, os inglezes cuidaram de firmar o pé na sua margem, esperando e annunciando, que para a feitoria que estabelecessem n'essa margem se desviaria todo o trafico da capital da Zambezia. Diz-se que Mr. Johnston, nomeadamente, declárra ter lido, em não sei que parede de Quelimane, um novo *mane, tecel, phares* do festim babilonico.

Não creio, porem, aquelles receios justificados, estes prognosticos plausiveis. Se o Chinde não tiver a sorte do Inhamissengo, e na sua foz se organisarem os serviços, publicos e particulares, de que carece um porto commercial, e as suas aguas e as do Zambeze forem sulcadas por barcos a vapor, indubitavelmente attrahirá a si todo o transitio do alto interior, desviando-o de Quelimane, mormente se esta villa continuar a ter as

communicações com a Zambezia á mercê das aguas do Quaqua, que de anno para anno empobrece, e difficultados pela falta de meios regulares de transitio e transporte entre Mogonumba e o Mozaro ou o Vicente. Mas, por uma parte, a formosa villa não precisa para viver da parte Zambezia que pode ser servida pelo Zambeze e Chinde, por outra parte, o rio Bons Signaes e o seu porto podem resistir, talvez triumphantemente, á concorrência d'aquella via fluvial.

Olhe-se para o mappa. Em volta de Quelimane ha um paiz enorme especialmente dilatado para nordeste, norte e oeste, que se não pode aproveitar do porto do Chinde, 'ou que tem mais rapidas ou melhores communições com o de Quelimane. Estão n'este caso os terrenos dos prazos Tangalane, Chiringone, Madal, Macuso, Lycungo, Tirra Namaduro, Pepino, Carungo, Inhassunga, Angoase, Andone, e grande parte do Boror, do Marral e até do Mahindo, e esses terrenos, todos fertilissimos, bastam para alimentar um grande centro commercial desde que a sua agricultura continue a medrar, e continuem a desenvolver-se as necessidades dos seus habitantes. Essa área territorial é das mais propicias a explorações agricolas e mercantis; mais propicia do que a das grandes margens do Zambeze e dos seus affluentes. E', em geral, menos alagada do que essas margens. Na sua porta visinha do littoral produz côcos, e, como se sabe o coqueiro não vive no alto Zambeze, porque precisa ar do mar. Os seus habitantes sujeitam-se melhor ao trabalho e á disciplina europea do que a gente, quasi toda bravia, que habita para alem do Chire. A mais d'estas vantagens, tem a de ser retalhada por vias fluviaes, que lhe facilitam communições interiores e approximações de Quelimane. Assim, o Mama que o atravessa serpeando n'uma largura de vinte e tantas milhas, liga-se ao dos Bons Signaes pelo Muananje e pelo canal do Mucelo; por onde ainda ha dois annos passou uma das maiores canhoneiras da Zambezia; o Liquare, que desemboca pouca acima de Quelimane, traz embarcações até do alto Boror, como as traz o Qualua, quando tem aguas, desde o fundo do Marral até a entrada do Luague, e Nhandôa; com o Macura liga-se perto da foz e no interior o Maali, que em parte do curso lhe é paralelo, e talvez se venham a descobrir communições do Maali ou do Macuse com o Lycungo, que tambem banha uma vasta zona productiva. Para a banda de sudoeste, basta desobstruir ou aprofundar o canal do Chire para dar a grandes terrenos facil serventia para o rio dos Bons-Signaes, e talvez não fosse obra ruinosa tornar tam-

bem navegaveis todos os canaes que estabelecem ligações entre os rios que correm entre aquelles e os braços do Zambeze, de modo que as proprias mercadorias que descessem por elle fossem demandar o porto de Quelimane, em vez de sairem pelo Chinde, o que, em dadas hypotheses, lhes poderia ser vantajoso.

Quelimane tem, pois, o seu dominio proprio, que nenhum porto do Zambeze lhe pode tirar, e que elle deve ligar a si mais intimamente, melhorando a rêde fluvial que o corta e onde as suas malhas estiverem partidas, ligando-as por meio de canaes. Quando essa rêde fôr bem explorada, talvez se descubra que de Quelimane se pode ir ao Lycungo embarcado pelo interior das terras.

Se na exploração mercantil de área assim offerecida para garantia de sua prosperidade pode ter competidor, não é elle o Chinde, é antes o Macuse.

Creio que o rio que assim se donomina é o Losanga da *Ethiopia Oriental*, cuja barra Fr. João dos Santos situou a cinco leguas para nordeste da de Quelimane, e que elle descreveu como aprazível tendo *uma anciada e barra muito boa*.

O Macuse d'hoje não desmerece o conceito em que era tido o Losanga de ha tres seculos. Visitei-o percorrendo parte do seu curso a bordo do vapor *Auxiliar*, e não vi em toda a provincia rio mais formoso nem mais desafogado. O banco exterior da foz é ainda mais alto do que o de Quelimane, porém menos extenso; coberto pela preamar, dá passo facil e rapido a navios de alto bordo, e por lá passavam d'antes barcos e galeras das grandes casas estrangeiras que têm filias em Moçambique, para carregarem amendoim e copra. Hoje só pangaios vão habitualmente ao Macuse, mas quando os revoltosos da Maganja da Costa, em março de 1892, tentaram passal-o para assolarem os prazos visinhos da villa, tambem lá foram, sem perigos nem difficuldades as canhoneiras *Quanza e Liberal*. A barra não está balizada; servem-lhe de marca tres palmeiras grupadas, que, já lá dentro do porto, se destacam pela forma e pela altura do arvoredado que o

guarnece. A enseada é vasta, profunda, limpa de recifes e baixios. Nas suas margens, baixas e arenosas, só habita, até onde a vegetação deixa penetrar a vista, algum pescador



QUELIMANE. — RUA DO LIVRAMENTO

indigena, e habitava temporariamente, antes da revolta, um antigo arrendatario do prazo, Albuquerque, que ali fizera um *liane*, uma propriedade rustica com sua moradia. Era a moradia soberba para a agrura e solidão do sitio, de pedra e cal, risco europeu, com seus armazens e celleiros; mas quando eu as vi estavam todas as edificações mutiladas e estrompadas pelos maganjas, que as haviam mettido a saque e pretendido arrazar.

Foi depois d'esses estragos feitos que os revoltosos começaram a passar o rio, em lanchas da propriedade e almadias; tiveram, porém, tão má sorte que n'essa mesma hora entrava a barra o vapor *Auxiliar* commandado pelo tenente Leotte do Rego, levando a bordo o governador do districto, major Gorjão de Moura. Os *paquetes* — assim chamam os negros a todos os navios a vapor — inspiram ao gentio d'Africa um terror quasi supersticioso; mas os sediciosos estavam tão insolentes que das praias espingardearam o navio, passando uma bala por entre as pernas do commandante e do governador que estavam na ponte. O tenente Leotte saltou então sobre o canhão-revolver montado á pôpa, e, apontando e disparando-o elle proprio, metteu a pique um grande *coche* cheio de

gente que ia abancar á margem direita do rio; esse tiro feliz, e algumas granadas que foram á terra comprimentar os magotes aggressivos, aconselharam-lhes uma retirada

rua de S. Domingos ir ter a Quelimane. Um ou outro *luane* cercado de coqueiros, raras palhotas meio encobertas pela vegetação, uma que outra *casquinha* vogando na agua lisa da



QUELIMANE — AVENIDA GORJÃO DE MOURA

desairosa. Quando ainda durava o tiroteio um escaler do *Auxiliar* foi desasombradamente desamarrar e capturar um grande lanchão, de que os revoltosos poderiam aproveitar-se para passar o rio ou tentar algum assalto ao navio, e este rapido golpe de mão acabou de lhes tirar a coragem e os meios de resistirem. Pode dizer-se que terminou ali a lucta; o que se seguiu foi o castigo, inflingido com o auxilio de tropas da terra enviadas de Quelimane onde o susto e a bravata representaram scenas heroe-comicas.

Macuse acima, pode navegar-se mais de vinte milhas, a todo o vapor, sem perigo de rombos e encalhes, pois que o fundo é limpo e cobrem-n'ó muitos metros d'agua, por entre duas alas cerradas de arvoredos e matagal. Quasi todos os rios da provincia são guarnecidos exclusivamente pelo *mangue*, monotonos na forma, na altura, na côr suja; aquelle não. Borda-o uma flora variegada, em que ha especies de porte elegante e folhagem ornamentada entre as quaes o conhecedor descobre muitas de utilidade industrial. Lá vi a arvore de gomma arabica, debruçando a rama sobre a corrente. A espaços, rompem estas paredes de verdura as embocaduras de outros rios, tambem alamedas aquaticas. Na margem direita, já muitas milhas acima da foz, assignala-se o Maquival pelos grandes barracões de palha, assentes em ondulações do terreno, em que se alojam um posto militar e quitandas de *monhés*; pode-se desembarcar ali, e pela estrada que enfia com a

marginem escurecida pelas sombras, mal interrompem a solidão, que infiltra no espirito suaves melancolias scismadoras. Costeia-se assim, por uma parte o praso Auguaze, por outra o Nameduro, depois d'um breve trecho do Macuse, sempre desafogadamente, só com a precaução de seguir o meio do rio e dar resguardo ás curvas, e vae-se ter á Machichina, um centro de exploração agricola do Nameduro, onde se alinham palmeiras n'um solo elevado, traçando avenidas em frente de moradias e armazens cobertos de telha vermelha. O rio

aindaali é tão largo, talvez, como o Tejo em Abrantes. D'ali por deante, embarcações mais pequenas do que o *Auxiliar* podem subir até limites de Boror, á confluencia do Muange, e descer depois por esse rio e pelo canal do Mucêlo para Quelimane. Fez esta viagem no meiado de 1892, a canhoneira *Sabre*, commandada pelo tenente Jayme Affreixo, apesar de encontrar o canal atravancado por fachinas.

O Macuse é, pois, um excellente rio, e a sua navegabilidade, a confluencia com elle de muitos outros rios tambem accessiveis a pequenas embarcações de carga, a sua barra franca, habilitam-n'ó a ser a via commercial d'uma vasta região ao norte de Quelimane e a fazer concorrência ao porto d'esta villa. Mas, por emquanto ao menos, não ha vantagem sensivel em animar essa concorrência, que obrigaria o Estado a complicar os serviços aduaneiros e emprehender trabalhos dispendiosos de balisagem e illuminação, a construir caes, pontes, edificios publicos. Para não prejudicar interesses creados é preferivel facilitar as communicações entre a margem direita do Macuse e a esquerda dos Bons-Signaes, e n'aquelle crear meios regulares de transito e transporte entre as duas margens. Para principio de realisação d'esta ultima aspiração já se impoz ao novo arrendatario do praso Macuse, como clausula do seu contracto, a construcção de uma ponte de madeira; emquanto á primeira, satisfazel-a-hia uma linha acelerada de viação, um caminho de ferro de via



reduzida, um *tramway* a vapor, lançado do Maquival a Quelimane. E' obra facil, que já encontraria terreno aplanado, e para lhe assegurar receita bastaria o transito que hoje tem a estrada ordinaria que liga esses dois logares. Não apparecem, todavia, capitaes particulares que a empreendam; e nem o governo da provincia nem a camara da villa se affoitaram ainda a realizal-a.

Desde que tenha seguro nas mãos o movimento commercial, que já produzem, e que são susceptiveis de produzir n'uma escala enorme, os territorios que a envolvem por nordeste, norte e oeste, Quelimane nada tem que receiar pelo seu futuro; mas tambem lhe não é impossivel affrontar a competição do Zambeze e das suas boccas. Tem, para a ajudar na defeza as vantagens do seu porto muito superior ao do Chinde, ainda mesmo que este se não venha a açoriar como succedeu ao do Inhamissengo. Facilitado que seja o accesso á barra dos Bons-Signaes por bem montados serviços de balisagem, iluminação e pilotagem, dotado o fundadouro interior com pontes ou caes acostaveis, a navegação só forçada por imperiosas necessidades irá desembarcar ou embarcar no Chinde as mercadorias que poder deixar ou receber em Quelimane. Hoje mesmo, já os paquetes da *Union* trasbordam n'esse porto carga e passageiros destinados para aquelle; toma-os a bordo um grande lanchão a vapor e leva-os a seu destino. Só os vapores pequenos da companhia allemã iam em 1891 e 1892 directamente ao Chinde. Mas para que a superioridade do porto de Quelimane seja aproveitada pelo commercio até onde pode sê-lo, dado o regimen fiscal estabelecido pelo convenio anglo-portuguez, será necessario ainda resolver um problema, ha muito tempo considerado embora nunca estudado a fundo, o de sua ligação com o Zambeze por meios de viação e que não sejam inferiores em custo, em tempo de duração, em segurança e commodidade á simples e direita navegação pelo Chinde e por aquelle rio.

Esse problema ficaria decerto resolvido por um caminho de ferro que de Quelimane fosse buscar o Zambeze ou o Chire, e essa linha foi já estudada, e a sua construcção esteve, por mais d'uma vez a ponto de ser contractada. O seu traçado partia de Quelimane no rumo geral de oeste, passava sobre o Liquire, atravessava terrenos do prazo Marral para encontrar o Luabua e o Mocambeze, inclinava-se para Mopéa, lançava d'ahi um curto ramal até Vicente, e, seguindo de Mopéa quasi parallelamente ao Zambeze, contornava a Chamoára e subia para o Chire, cuja margem alcançava algumas milhas a

cima da foz. Esta testa foi escolhida, evidentemente, porque na estação secca as embarcações encontram tão pouca agua no Zambeze entre as boccas do *Zin-Zin* e do Chire que fazem caminho por estes rios, que são ligados pela lagôa Manze; tambem porque entre o Vicente e a foz do Chire o Zambeze é ouriçado de baixios e ilhas que tornam pericaria a sua navegabilidade; e, provavelmente com vistas de attrahir para a linha ferrea o transito do Chire.

Indubitavelmente um caminho feito segundo este traçado seria um beneficio incalculavel, não só para Quelimane, mas para toda a Zambezia e até para as possessões inglezas do Niassa, e se houver quem o construa em condições que não sejam gravosas para o Estado, esse audaz será benemerito. Representará elle, todavia, a solução mais racional, mais economica e mais pratica do quesito das communicações do rio dos Bons-Signaes, com o Zambeze?

A obra deve ser enormemente dispendiosa. Além de ser extensissima, a linha terá de atravessar sobre aterros grandes extensões de terrenos alagados, e de passar rios, que as chuvas tornam largos e caudalosos, em pontes cujos pegões nem sempre encontrarão solo fixo em que se estribem. Ha engenheiros, conhecedores dos terrenos, que chegam a duvidar da possibilidade de construcção de algumas secções e de algumas obras d'arte, a não ser por processos despropositadamente caros. Ainda que estas duvidas sejam infundadas, é incontestavel que os trabalhos serão onerosos; ora, uma parte d'elles, parecem ser dispensaveis. Se o rio dos Bons-Signaes é navegavel em todo o tempo até Nhandio, e se Quaqua, desde que seja limpo e dragado offerece caminho aproveitavel tambem em todas as épocas até Mogarrumba, porque se abrirá um caminho de ferro a par d'elles, através d'um territorio todo cortado por vias fluviaes que n'elles vão desembocar? As difficuldades de communicações começam realmente em Mogarrumba; porque ha-de, pois, offerecer-lhes remedio desde Quelimane? Por outra parte, entre o Masaro ou o Vicente e a foz do Chire, tambem ha meios naturaes de viação offerecidos pelo Zambeze, que se não são seguros nem rapidos, tão pouco são para desprezar; as ultimas secções da linha projectada, sendo utilissimas, tambem não parecem, pois, indispensaveis. Verdadeiramente indispensavel é atravessar de Mogarrumba para a margem do Zambeze em boas condições de segurança e rapidez, e, quando não sobejam capitaes nem iniciativas para realisarem o indispensavel, não é de bom conselho convidal-os a fazerem o superfluo.

Diz o bom senso popular que o optimo é o inimigo do bom.

Reduzido o problema á sua mais simples expressão tem duas soluções capitaes: um canal, ou uma linha de viação accelerada, de extensão variavel conforme o traçado que se adoptasse, mas nunca superior a 40 ou 50 milhas. Innumeradas considerações de interesse economico recommendam de preferencia o canal, que dispensaria baldeações ás mercadorias que descessem pelo Zambeze ou subissem pelo Quaqua; mas nas nossas estações technicas e officias formou-se nos ultimos annos o conceito de que semelhante obra, não sendo por si impraticavel nem se quer difficil, poria o Quaqua e o rio dos Bons-Signaes em grave risco de serem açoriados ou de soffrirem alterações prejudiciaes no seu regimen d'aguas, e porventura acabaria de empobrecer o tão desfalcado Zambeze. Estrangeiros que estudaram o assumpto impugnam porém, este conceito e sustentam que a engenharia hydraulica tem recursos de sobra para impedir que o canal prejudique as vias fluviaes que deve communciar, e a mim de todo me fallecem conhecimentos que me permittam julgar quem tem razão. Affigura-se-me que a questão não está estudada com o necessario rigor scientifico, e que parte das objecções oppostas ao canal foram suggeridas pelo caminho de ferro.

Se, porém, se averiguasse a impossibilidade da via aquatica, creio que a grande via ferrea de Quelimane-Chire poderia ser supprida por uma pequena linha Mogarrumba-Vicente ou Mogarrumba-Mozare de tramway a vapor, ou de systema de viação accelerada que seja mais applicavel a terrenos em parte submersiveis, uma vez que as testas d'essa linha fossem providas de quantas construcções e quantos mecanismos podessem simplificar,

ou mesmo dispensar os baldeões; e digo supprir, porque não creio que a engneharia e a mechanica contemporaneas encontrem impossibilidade em fazer rodar lanchas de carga sobre carris de ferro, ou fazer fluctuar wagons nas aguas dos rios. Serviços de transporte a vapor no Zambeze, no Quaqua e no Bons-Signaes collaborariam com o da via terrestre para estabelecer um systema aperfeiçoado de communicações que, se não fosse preferivel em todas as hypotheses á navegação directa para o Chinde, pelo menos não obrigaria o commercio a sujeitar-se ás desvantagens d'esse porto, e acautelaria a contingencia d'elle se entulhar outra vez. E todos estes melhoramentos e todos estes serviços, custariam esforços enormemente inferiores aos que exige o grande caminho de ferro do Chire, com os seus duzentos kilometros de extensão cortados por cêrca de trinta rios e immensos pantanos e lagôas, obra certamente tão proficua quanto collossal, mas cuja esperança, talvez fallaz, de realisação está privando Quelimane e a Zambezia de outras mais modestas e exequiveis que lhe remedeiem necessidades inadiaveis.

N'essas necessidades não se incluye, certamente, a de defender o porto de Quelimane contra o porto do Chinde, ambos portuguezes. Defender interesses de um contra o outro, gastando capitaes na defesa, não seria empenho patriotico nem sensato. Mas a ligação do Mogarrumba com o Zambeze não aproveita só a essa defeza; é especialmente requerida por interesses geraes da Zambezia, que não pode ter as suas communicações com o mar fiadas exclusivamente das boccas ou de qualquer bocca d'aquelle rio, que ora se abrem ora se fecham, segundo o testemunho da historia e a recente prova fornecida pelo Inhamissengo.

(Continúa).



QUELIMANE. — PRASO MARRAL

# RAPSÓDIA D'AGUEDA

## EXCERPTO

Molto and.<sup>te</sup> (Senhora do Livramento)

Piano

Religioso Se...nho.ra do Li.vra...men...to

Li...vrae o meu na.mo...ra...do Que me vae

dei.xar só...sinha A...men Je...sus! A...men Je...

sus! Pe-la vi-da de sol-dado Pe-la vi-da de sol... da-do

*Gracioso*

*Larg.<sup>to</sup>*

(Camponeza) Minhas la.grimas cor-

ren-do São aqua de re.ga-- dia. Uma a uma pingue pin.gue, Cam.po..

ne... za lam.po... ne... za To.daano.tee to.doo dia

(Digo dae) Re.....ben.tou na Fo-lha No..va Digo dae, di.go dae dae

All.<sup>o</sup>  
ff

dae Fo....go ver-me-lhoincen...di.....do O' di..go dae, dae

dae O' di..go dae.

aoS

Mod.<sup>to</sup> (Malhão)

Piu lento

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff begins with a treble clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. The lower staff begins with a bass clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. A repeat sign is present at the end of the system.

The second system of musical notation consists of two staves. The upper staff begins with a treble clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. The lower staff begins with a bass clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. A repeat sign is present at the end of the system.

The third system of musical notation consists of two staves. The upper staff begins with a treble clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. The lower staff begins with a bass clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. A first ending bracket labeled '1.' is present at the end of the system.

The fourth system of musical notation consists of two staves. The upper staff begins with a treble clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. The lower staff begins with a bass clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. A second ending bracket labeled '2.' is present at the beginning of the system.

The fifth system of musical notation consists of two staves. The upper staff begins with a treble clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. The lower staff begins with a bass clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. A repeat sign is present at the end of the system.

The sixth system of musical notation consists of two staves. The upper staff begins with a treble clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. The lower staff begins with a bass clef and contains a series of eighth notes, followed by a measure with a 7-measure rest and a complex chordal structure. A repeat sign is present at the end of the system.

# MAL DE HERANÇA

CAPITULO NONO (*Romance. — Continuação*)

PASSEI ainda quinze dias em Cumberland. Foram uns dias deliciosos, todos plenos de ternura. A saude de Lucy melhorava de dia para dia, todavia não melhorava em sua disposição de espirito. Havia um certo ar de tristeza na sua phisionomia e na sua attitude. Algumas vezes os seus olhos queriam rir-se quando a conversação era animada, mas logo se lhes apagava o brilho n'uma expressão triste, embora eu fizesse todo o possível por me mostrar alegre e despreoccupado. Notára que as visitas do sacerdote escocez eram agora mais frequentes. Lucy e Mac Pherson estavam longo tempo em muito intima convivencia. Não procurei insinuar-me na conversa d'ambos, pensando que deveria ser com referencia ás bôas e piedosas obras em que estavam empenhados. Mas um dia vi-os separarem-se, elle com mal disfarçada colera e ella como que contrariada. Sube depois que das suas visitas havia resultado effeito muito mais serio e pessoal do que poderia suppôr. Lucy confessou-me o que em verdade os entre-tinha. Se me dizia tão estreitamente respeito! Com os olhos fixos no trabalho que tinha entre os dedos tremulos, ella deixou transparecer a verdade dos seus pensamentos.

— Roberto, dis se ella, não pense muito mal de mim, nem me queira mal.

— O que quer dizer?

— Faça por me perdoar, se eu lhe dei muito incommodo e muito desgosto.

Adivinhei logo o que ella me ia dizer, e todavia perguntei ancioso :

— Diga-me o que é, Lucy?

— Eu desejo ir para um convento.

— Santo Deus! exclamei — pôde imaginar similhante cousa?

— Tenho pensado sobre isto muito seriamente. Nem outra cousa devo fazer. E' a minha unica esperança, o meu unico refugio. Se pudér um dia vencer esta praga, só o conseguirei ali. E se não tiver de a vencer onde melhor me poderei refugiar? Além d'isso, acho



*As visitas do sacerdote eram mais frequentes.*

que é o proceder justo. Sei tudo com respeito a meu avô e por que modo elle ganhou a nossa fortuna. E' necessaria uma expiação e sabe, como eu, o que está previsto para a terceira

e quarta geração. Mas estou muito triste por sua causa, Roberto. Era muito suave e lindo tudo quanto sonháramos e esperavamos — mas então — mas então.

Ruborisaram-se-lhe as faces, humedece-ram-se-lhe os olhos e a voz tornou-se-lhe abafada pela constrictão da amargura desesperada.

admirar-se de como poudes tomar tal resolução. Não pensemos mais n'isto, e seja razoavel.

O meu argumento era mais interesseiro ou artificioso do que imaginára. Era-me impossivel discutir com esta suave e meiga creatura sobre uma doença tão feia e tão abjecta. Perguntava-me, a mim mesmo, o que é que a

impellia a esta resolução de sacrificio e dizia-me a mim mesmo que a imaginação era o mais potente factor na vida. Lucy queria ir para um convento porque a idéa de uma praga hereditaria tinha tomado posse da sua imaginação. O que era no caso d'ella aquelle desejo insaciavel de beber? O que deveria ser na maior parte dos casos? Era a convicção de que o beber predominava a vontade. Os bebedos bebem porque julgam não poder deixar de o fazer. Beber é como a suggestão do hypnotista, e toda a vez que a victima cede ao seu mando, a sua influencia torna-se cada vez mais poderosa. A primeira tentativa sobre Lucy, a primeira investida dava-se no momento de provar a bebida alcoolica; porquanto depois o baluarte da sua vontade e da sua energia revoltada estava completamente arrasado.



—Eu desajo ir para um convento

— Lucy, minha querida, ainda não está bem de todo, disse. Mais tarde ficará melhor e tudo lhe parecerá differente. O mundo se transformará para si, e então ha de chegar a

A imaginação póde influir para esquecer o que ella própria teme; e a imaginação de Lucy, dominada pela idéa tenebrosa da praga herdada de seu avô, poderia trabalhar em



desfazer os resultados predictos e previstos. Por outro lado, não haveria veneno em seu sangue? Não se lhe teria determinado um mal organico com duas gerações de alcoolismo? A avidez com que ella logo se apoderou do brandy antes da experiencia, e a repulsão que mostrara ao vel-o quando acordou, parecia designar uma absoluta predisposição real, completamente independente da imaginação. Assim o meu espirito oscillava entre os dois aspectos, n'uma duvida cruel.

Mas o unico terreno fixo em que pude fundar as minhas reflexões foi o de que, se uma idéa imaginativa tivera sido o principio da doença de Lucy, uma outra idéa imaginativa mais sã

poderia talvez ser a sua cura. O que é a suggestão therapeutica senão a imaginação trabalhando sobre a imaginação? O somno não era a parte essencial do caso, mas tão sómente necessario para subjugar a vontade oposta em que a imaginação do operador podesse fazer livre acção sobre a imaginação do paciente. Então porque não haveria imaginação sem o dormir? Porque não seria a minha influencia que actuasse sobre a de Lucy? E onde estaria a idéa engenhosa com a qual podesse repellir ou desenraizar a sua crença na praga? Assim, dependia d'ella a sua salvação. Podesse eu encontral-a disposta a lutar.

## CAPITULO DECIMO

Na minha jornada para Londres comprei em Rugby os jornaes da noite. Estavam cheios d'um nome muito meu conhecido, La Mothe. Tinha feito grande sensação o seu methodo de cura de alcoolicos e a notícia de ter improvisado uma especie de hospital particular para semelhantes curas. A sociedade de *Estudos Psychicos* investigara certos casos, procedera a experiencias que as noticias affirmavam terem sido favoraveis. Era já grande o seu exito. Estabelecera-se n'uma casa de campo a algumas milhas de Londres. Os doentes eram na maior parte senhoras.

N'aquella noite já tarde, estava sosinho sentado no meu quarto, pensando tristemente em tudo o que me tinha succedido, e tão extraordinariamente, quando ouvi passos no pavimento inferior e vozes que se aproximavam da porta do meu aposento.

— Aqui é Pump Court, e este é o numero cinco.

Era o porteiro que vinha do seu cubiculo, lá de fóra, e acompanhava alguem.

— Obrigado, obrigado—foi a resposta em tom animado, que me chegou aos ouvidos despertando-me a illusão de uma antiga voz conhecida.

Depois senti passos pesados e incertos nas pequenas escadas de degraus de madeira. Percebi que alguem se dirigia para minha casa, e antes que tivesse batido á porta, levantei-me para lh'a abrir. No mesmo instante, meu pae e eu encontramos cara a cara.

— Está em casa o sr. Har... — principiára elle dizendo, e depois olhando-me exclamou.

— Roberto! e apertou-me as duas mãos com entusiasmo.

Não o tinha visto, havia já quinze annos passados. Embranqueceram-se-lhe os cabellos e estava bem mudado. Mas se em meu pae

era grande a mudança, em mim deveria ter sido muito maior.

— Deixa-me vêr-te meu rapaz, disse, e sem me largar as mãos levou-me para perto do candieiro, levantou-me os braços, abriu-os em todo o comprimento, deitou para traz a cabeça, e examinou-me cuidadosamente da cabeça aos pés. Recordo-me de que me ri durante este exame e supportei-o com a indulgencia agradecida que n'um filho se aproxima da obediencia condescendente.

Meu pae ficou visivelmente impressionado, mas fez todo o possivel por disfarçar, sob o seu modo turbulento e vivaz, a sua profunda commoção.

— Então appareço-te de surpresa, hein? Vim mais cedo do que esperavas, não é assim? Pois pensei em te apanhar de assalto, meu rapaz. E aqui estou, vindo direito de Charing Cross, e toda a minha bagagem nas mãos dos factores. Vês, não pude esperar pela revisão. E agora terás de me aturar porque decidi aqui ficar esta noite.

D'esta fórma começou a rir-se e a fallar alto, e com volubildade communicativa, da sua viagem, das ferias, do tempo do seu regresso, e interrompendo a conversação com exclamações da mudança que eu fizera, de como me transformara de rapaz em homem. Depois parou a torrente de palavras, olhou para uma photographia de Lucy que estava collocada sobre a estante da chaminé e pestanejando, como quem procura obter effeito de relevo, disse:

— E' esta?

Fiz um signal affirmativo de cabeça, e elle poz as lunetas e olhou para a phisionomia da photographia com demorado e attento olhar.

— Então? perguntei.

— E' linda! — respondeu-me — linda! —

disse outra vez, com uma grande e animada expressão na palavra; e, um momento depois — E' uma bella rapariga, — acrescentou ternamente.

Descançamos tarde, e fallamos em todos os assumptos, excepto n'um, n'aquelle que mais perto estava do meu coração. Nada podia dizer a meu pae da doença de Lucy, e a todo o momento occupava a imaginação em inventar subterfugios pelos quaes podesse evitar que o sr. Jorge Chute lh'o disesse, quando este o encontrasse. N'uma occasião, de manhã cedo, em conversação descuidosa, meu pae sem o saber tocou de angulo o pensamento que dominava a minha imaginação. Fallava elle de minha mãe, de quem eu tinha apenas vaga lembrança, pois morrera quando ainda era creança.

— Excellente senhora! mas tinha phantasias extravagantes — disse elle. A ultima d'ellas teve-a justamente pouco tempo antes de morrer. Foi um pensamento singular, e por certo



*Examinou a photographia*

inoffensivo, porem acredito realmente que illuminou e acariciou aquella dôce alma na sua negra hora final.

— Qual foi? perguntei curioso.

— Vaes-te rir. Não era nada — cousa alguma que qualquer pessoa podesse imaginar senão para seu filho. De facto, era a respeito de *teu* filho.

— Meu?

— Sim, tu eras apenas uma creança, mas

ella pensou que já tivesses setenta e com um filho, já tambem homem feito ao lado.

— Então?

— Tu eras juiz, e o teu filho — sim, teu filho — tinha sido nomeado lord chancellor de Inglaterra!

Eu ri; ambos nos rimos; e depois suspiramos e ficamos calados. Meu pae pensava em minha mãe; e eu em Lucy. N'este caso era uma idéa, um sonho, uma phantasia, uma loucura exactamente opposta em genero e effeito áquella

que anuviou a vida da minha querida noiva. Assim como a praga se apoderára do espirito do avô de Lucy assombreado a sua vida, ennegrecendo as vidas de seu filho e de sua neta, assim tambem a prosperidade que minha mãe idealisara no seu espirito, talvez já enfraquecido, illuminou o fim dos seus dias, trazendo á minha existencia como uma chamma de pôr do sol, longiquo reflexo de brilho esmorecido! Agora, se eu podesse ao menos ter fé no que a minha mãe acreditou, como Lucy teve fé no que o seu avô acreditara! Se a imaginação pode actuar no destino que teme, porque não poderá tambem realizar a fortuna que espera?

Meu pae dormiu n'aquella noite na minha cama e eu mudei-me com a poltrona para o meu quarto de trabalho. O som compassado da sua respiração chega-

va-me aos ouvidos pela porta entreaberta, durante as longas horas que estive acordado.

Absorvido n'um novo pensamento, estava ancioso por voltar a Cumberland, e dez ou doze dias depois da chegada de meu pae a Inglaterra, abandonei-o com desculpas justificadas e tomei o comboio para Cleator.

— Não te demores muito em mandar-me o tal telegramma; irei ter contigo com

a velocidade d'um raio, disse elle em Euston.

O sr. Jorge Chute ficava com elle; mas eu tinha feito prometter ao nosso velho amigo guardar rigoroso silencio.

— Adeus, — disse-me este em voz alta; e depois mettendo a cabeça para dentro da portinhola da carruagem, não procedas precipitadamente,—acrescentou em tom expressivo.

Fiz-lhe um signal de cabeça para o reasssegurar e o comboio partiu. Fui no mesmo comboio de noite em que viajára na occasião da minha primeira visita. Da mesma fórma mudei de comboio em Penrith, e uma segunda vez n'um pequeno entroncamento entre as montanhas. Tinham-se passado algumas semanas e cedo a primavera começava de viver sobre a terra renovada e renascida. Era apenas madrugada; o dia principiava a luzir lentamente, e sobre as montanhas do este appareciam os primeiros raios vermelhos do sol ainda occulto. Na sala de espera da pequena casa de madeira da estação encontrei o mesmo grupo de mineiros, fumando seus cachimbos de argilla, em volta do crepitar da lenha d'um fogo novamente acceso. Recordaram-se de mim, e com modo bom e cortez tornaram a repetir o nome de Lucy. Era sabido correntemente que ella tencionava recolher-se n'uma especie de convento anglicano.

— Sempre calculámos que havia de succeder assim — disse um d'elles, — Era muito bôa para o mundo a Lucy Clous'al.

Era domingo de manhã, e eu estava almoçando em *Wheatsheaf*, quando começaram de tocar os sinos. Julguei que Lucy estaria provavelmente na igreja e não me enganei. Do meu logar no fim da igreja vi-a n'um banco particular por baixo do pulpito, aquelle que estava desoccupado na minha primeira visita quando o haviam decorado de heras, azevinho, e de urzes florescentes. Ella estava de preto com vestido de crepe, como se estivesse de lucto, e a côr preta tornava-lhe o rosto ainda mais pallido e espirital. Não creio que me tivesse visto. De cabeça

abaixada estivera de joelhos durante a maior parte dos officios divinos, e quando acabou não me atrevi a ir fallar-lhe. Parecia que uma voz secreta me segredava que não seria alli, nem n'aquella occasião, que deveria dizer abruptamente o que tinha ido para lhe dizer. Com o coração a palpar vi-a sahir, reverentemente, porém deixei-a seguir.

No dia seguinte, uma segunda-feira, com o



... nada mais lhe disse e sahi.

sol brilhante, as aves a cantar, as borboletas agitando-se no ar, e o mundo todo entregue ao canto dos amores da primavera, fui a Clousdale Hall e perguntei por mistress Hill. A velha e fiel governante tinha uma apparencia nervosa e consumida, de quem tivesse passado horas de insomnia e de amarga tristeza. Perguntei-lhe se poderia ver Lucy.

— O Yondalle, o das minas, está agora com

ella, — disse —; e sei que Cochbain, o advogado, deve voltar outra vez de tarde.

Emquanto pronunciava estes nomes, a sua cara enrugada estremeceu, pois ella bem viu que eu lhes tinha percebido a sua significação, indicando-me os preparativos para a tal mudança de vida que se dizia ser bem proxima.

— Então convidar-me-hei para jantar. Jantam ás seis, não é assim? — disse; e com estas palavras apertei-lhe a mão tremula outra vez. Pareceu-me vêr n'aquelle rosto bondoso emquanto me seguia com a vista até a porta, uma especie de meio-desesperado appello, mas nada mais lhe disse e sahi.

N'aquella noite ao jantar estavamos verdadeiramente constrangidos. Lucy fallou muito pouco, mas olhava para mim de vez em quando com um longo olhar triste. Parecia querer despedir-se de mim com os seus bellos olhos.

Fiz o possivel por apresentar serenidade, e fallei mesmo animadamente, mas o meu coração estava bem sobresaltado. Emquanto relanceava com o olhar a minha querida através da meza, com o seu rosto pallido e os seus grandes olhos humedecidos, parecia-me vel-a nos seus habitos de freira, vivendo dentro de paredes humidas, sem luz de sol, por entre nuvens de incenso. Estava-me vendo tambem a mim proprio pelo mundo fóra como solitario vagabundo. Depois de ter estendido as mãos para tomar a taça do vinho doirado da vida, tão perto de a esvasiar a grandes tragos, e fugir-me dos labios parecia-me destino cruel e monstruoso. Empreguei o maximo esforço em seguir o curso da conversação, sem pausas dolorosas, e quando depois da sobreineza mistress Hill se levantou e nos deixou sós, deitando-me ainda outro olhar de supplica bem expressiva, no momento de sahir da sala, não pude conter por mais tempo a minha impaciencia.

— Então, assim se quer retirar do mundo e deixar-me Lucy?

— Sim, respondeu-me em voz sumida.

— Vae para o convento?

— Sim. Fiz todos os meus preparativos — e indicou-me alguns.

— Teremos então de nos separar definitivamente, Lucy?

— E' melhor assim, affirmou. E dou graças a Deus de ter visto o que era de direito fazer, antes que fosse demasiado tarde.

— Está pensando ainda em mim?

— Como o poderei evitar? — respondeu-me. — Quando penso que Roberto está no começo da sua vida, e como estive tão proxima de involuntariamente lhe destruir todo o seu futuro, não sómente para si, mas talvez para os seus filhos.

— Então pensa ainda que está sob a influencia da praga?

— Como poderei pensar d'outra forma? — respondeu ella dolorosamente. Recorde-se do que succedeu a meu avô, a meu pae, e a mim propria. Depois a sua experiencia deve convencer-o da verdade.

— Mas ainda não reflectiu Lucy que o poder de similhante idéa é proporcional á crença que n'ella deposita? Olhe que esta é sempre a verdadeira psychologia de uma praga. Quando se vê ou se imagina vêr um homem, ou uma familia, ou mesmo uma nação, luctando como um cego Samsão contra o que se chama o destino, se notar n'isto bem attentamente, verá que é unicamente a phantasia de apreciação. Este é o seu proprio caso, Lucy. Não ha em si nenhum mal real. Tem unicamente que destruir a crença no motivo que matou seu avô e seu pae, e tudo correrá bem.

Ella ficou immovel, em reflexão interior.

— E' impossivel, disse. — Em todo o caso não me atrevo a ter confiança em mim.

Appellei então para motivo mais conclusente. — E não pensa em mim? — perguntei.

— Em si? — replicou com voz vacillante — terá de me esquecer.

— Esquecel-a, Lucy?

— Não, nem isso, tão pouco. Não pôsso desejar que me esqueça. — Recordar-me-hei sempre da sua bondade, Roberto, desejo que pense em mim como — como se me tivesse perdido pela morte.

— Mas n'este caso não é a morte, Lucy. Eis a crueldade. Não existe a paz da morte e eu não pôsso conformar-me com esta sua resolução.

Ella não pode responder-me, e percebi que lhe arfava o seio em dolorosa inquietação.

— Não tem nada mais a dizer-me, Lucy?

— Nada — respondeu-me com voz entrecortada. — Espere ainda! Sim, tenho alguma cousa a dizer-lhe.

— O que é?

— Eu julgava que já tinha passado a nossa ultima hora de separação.

— Quando?

— Quando Roberto estava em Londres e eu aqui sosinha.

— E então? — perguntei.

— Sempre esperei que não voltasse Roberto; mas logo que veio, ha uma cousa que pode fazer — e comtudo ainda o não fez.

— Diga-me o que é, Lucy.

— Desobrigar-me do nosso ajuste de casamento. Faça-o por amor de mim. E' o meu ultimo pedido. Faz-m'o?

— Fal-o-hei.

Houve uma pequena exclamação, como de surpresa, com a minha prompta declaração e depois uma resposta baixa e vagarosa.

— E' muito bom, Roberto!

— Mas eu tenho uma cousa a dizer-lhe, Lucy?

— O que é?

Passei para o outro lado da meza e curvei-me sobre as costas da cadeira ao lado d'ella.

— A Lucy está vivendo sob a influencia de uma idéa que, tomando a fórma do proprio destino, persegue-a e escurece toda a sua existencia. Eu tambem estou vivendo sob a influencia de uma outra idéa.

Ella estremeceu, e perguntou anciosa. — Será tambem uma praga?

— Não, porém é uma benção — repliquei. Depois contei-lhe do sonho de minha mãe, a sua phantasia, a sua esperanza á hora da morte. Em quanto eu falava escutou-me n'um silencio profundo, e percebi que a minha doce amada estava sensivelmente commovida.

— Isso é muito, muito lindo, — disse em voz sumida; e depois com rapido volver de olhos. — E acredita n'isso?

Armei-me de toda a minha resolução e respondi com a maior força de enthusiasmo. — De todo o meu coração.

— Então acredita que no decorrer do tempo isto succederá?

— Acredito.

Lusiram-lhe os olhos e não sem esforço

respondeu. — Deve ser um grande, um grande manancial de vida para si, Roberto, de pensar que ha-de casar e ser feliz e que terá



... curvei-me sobre as costas do cadeira.

filhos e que esses tambem serão felizes um dia no mundo.

Estava vencida. Eu tinha cavado fundo e despedaçado as fibras mais sensiveis da sua alma infeliz.

— E acredito, Lucy, porque esta esperanza e esta confiança proveem d'um doce e abençoado desejo, d'uma visão prophetica, entrevista na hora extrema d'um espirito de mãe.

— Sim? E então?

— Peço-lhe outra vez que seja minha mulher.

— Não, não! exclamou, não diga isso.

— Hei-de o dizer, Lucy, porque sei que é a benção e não a praga que ha-de triumphar.

Levantára-se como para fugir do quarto, dizendo. — Não queira tentar o destino.

Corri para ella, e não obstante a sua resistencia, segurando-lhe nas mãos, pouco a pouco a trouxe para a cadeira.

— Lucy, disse-lhe — eu amo-a, — sabe-o bem. Amo-a com toda a força do meu coração e da minha alma. Não quero pensar em perdela. O amor é mais forte do que qualquer praga: é mais forte do que a morte, diz a Bíblia. Não quero pensar em si como se tivesse morrido. Quero o seu coração vivo para que possa corresponder ao meu. Firmei a minha esperança no seu amor, e pretendo conservá-la. Lucy, a minha amada Lucy, condescende. Tenho esperada por si todos estes annos, assim como Lucy tem esperada por mim. Não se ha-de sepultar n'um convento. Quero-a, meu amor, quero-a para a vida. Quero o aroma dos seus cabellos, a luz dos seus olhos, o beijo dos seus labios. Seja minha, amada Lucy!

Collocara-me defronte d'ella, implorando-a

com as mãos estendidas em supplica. Ella dominára-se por momentos como n'um ultimo esforço de resistencia, mas depois, arrastando a mão pela meza como quem se ampara, levantou-se e veio para mim com um grito fraco, meio de choro meio de riso, estendendo a mão delicadamente, em que pousei meus labios frementes.

N'aquella noite telegraphiei a meu pae.

• • •

Isto tudo succedeu ha trinta e cinco annos, e seguramente a benção até aqui tem vencido a praga.

Esperança! Eis o medico infallivel. Não ha mal que ella não possa superar; porque, quando não pode destruir a desgraça, póde ao menos eliminar o receio que a torna horrosa. E' uma prophécia que está sempre em principio de execução; é uma possessão universal. O infeliz não tem outro remedio. O homem que não perdeu a esperança não está inteiramente perdido. Nenhum navio está abandonado em quanto a bordo existir uma alma vivente. Saber esperar é querer.

De todas as idéas eternas e immortaes, presentes em toda a parte, a Esperança é a mãe suprema que nos tem consolado, fortificado e governado desde todo o principio.

(Segundo HÆL-CAINE).

FIM



# MODAS

A ESCOLHA de illustrações que acompanham estas paginas dedicadas aos costumes femininos obedece ao mesmo intuito com que temos feito as anteriores, procurando dar uma idea dos typos principaes de *toilettes* para a estação calmosa, em que predominam as blusas leves, em tecidos claros, na maioria *foulards* flexiveis, embora se usem tambem as fazendas de algodão e linho finamente acabadas e de apparencia sedosa, que a industria produz n'este momento.

E' claro que mesmo nas blusas o feitiço, o enfeite, a qualidade do tecido empregado diversificam conforme o destino especial da *toilette*, sendo bem evidente que, se se destinam a uso de casa, de interior, como se costuma dizer, ou a uso de rua, de passeio, teem de obedecer a esta variedade de meios. Compreende-se que para blusas de casa se pode empregar tecidos mais leves, transparentes, como as *cassas* coloridas em tons esmaecidos, sobretudo de coloração esverdeada, azulada ou lilaz, tons muito em moda, quando pouco intensos; reservando-se as côres mais vivas para as blusas de passeio. Admittem estas ultimas menos profusão de enfeites, de rendas e de tules bordados, do que as primeiras, em que se prefere a gola derrubada, ligeiramente aberta. Exige-se sem duvida uma certa severidade de talhe para as blusas de sahir; como maior elegancia se evola d'uma certa negligencia calculada, d'uma forma mais fluctuante, nas que se trazem em casa e com as quaes se recebem visitas. Sem duvida, no ambiente d'um *boudoir* ou d'uma sala, entre os ramos de flores que profusamente enfeitam as mezas e as *etagères* em jarras e em floreiras, adapta-se melhor, com

reflectida harmonia, a frescura suggestiva dos tecidos semi-transparentes.

Nas blusas de passeio as costas completam-se muitas vezes com pequenas abas muito curtas, excedendo pouco a linha da cintura marcada e cingida pelo cinto, e d'este feitiço resulta que a *toilette* de blusa e saia torna um aspecto mais grave, como se fôra

um vestido completo, o qual continua a ser empregado para as *toilettes* mais cerimoniaes. Vestir-se bem, não é copiar servilmente o modelo que a moda vae creando dia a dia; é aproveitar d'esses modelos o que se casa e se harmonisa com o destino da *toilette*, como convem á idade e posição social, e fazer uma selecção que o bom gosto de cada um estabelece como preferente. Nas mangas das blusas, variadas em forma, como se mostra das illustrações juntas, existe tambem uma adaptação particular para cada typo geral de *toilette*. Vêem-se ainda os costumes masculinizados pelos collarinhos, pelos peitilhos e pelas gravatas; porem predominam os modelos que conservam a gracilidade e gentileza femininas. A epoca do anno influe tambem nogenero de vestuario, como determinam as occupações. Agora é o tempo de viver nas grandes cidades, nos grandes centros, em Paris até a corrida de Longchamps, em Londres até o premio do Derby, em Lisboa até a partida para Cintra. Vive-se a vida mundana ainda nos salões e em jardins floridos.

Resume-se, como segue, a descripção mais promenorizada dos modelos. A nossa primeira illustração é feita em tecido leve, como deixamos indicado, destina-se para interior, com uma larga gola, voltada e enfeitada de rendas, alternando com preguinhas miudas,



fechada do lado com um laço de cambraia em remate; a frente igualmente em preguinhas, que se reproduzem na gola; as mangas terminam em forma de campanula, dentro das quaes sahe um *puff* de tule bordado, pregado com uma banda de renda da mesma qualidade da que ornamenta as voltas da gola

de seda, muito elegante na composição das preguinhas estreitas que partindo da gola descem a meio busto e sobre as quaes se colloca a renda aberta do enfeite, e depois segue em pregas largas e fosas até a cintura onde é apanhada pelo cinto de veludo que termina atraz em laço. Como se destina a



larga, e a qual lhe serve de remate. Estes *puffs* veem desde o cotovello em meia manga e por vezes são seguros por uma fita elastica.

A segunda illustração figura uma outra blusa em seda, *toilette* de passeio, enfeites de *guipure* branca e termina n'um pequeno cinto. A gola formada de tres ordens, como se vê na figura, corre em volta do corpo e divide-se em dois grandes recortes nas costas; um pequeno laço de fita de veludo preto remata na frente a gola. As mangas são apanhadas com um punho enfeitado tambem de fitinha de veludo.

A terceira illustração exemplifica uma blusa de cambraia leve assente sobre forro

*toilette* de passeio tem as costas lisas. As mangas que são curtas terminam em bandas de rendas que servem de união aos *puffs* da mesma fazenda, os quaes se fixam aos pequenos punhos de veludo. Este genero presta-se ás mais variadas combinações de tons da cambraia e da seda em forro, bem como dos enfeites em veludo, escolhendo-se em geral para o corpo de seda uma cor bem viva que a cambraia amortece depois, mas que pela transparencia produz effeitos de cambiantes muito graciosos.

O quarto modelo constitue um genero de lindas e elegantissimas blusas em tule muito finamente colorido, e muito transparente, de



tons suaves e esmaecidos, novidade de fabrico recente, assente igualmente sobre forro interior de seda, e enfeites ou applicações de renda em bandas que se prolongam nas costas, bem como n'estas se reproduz até meio o mesmo effeito de pregas que se vê na frente.

Os chapéus, que completam para exemplo os modelos, são quasi sempre de palha escura, sendo a côr mais recente a verde esmeralda, adoptando-se para o velludo do enfeite a côr azul, e na verdade na mistura das duas côres, azul e verde, reside agora a grande elegancia. As longas plumas quasi sempre escuras e de reflexos metallicos são as mais procuradas; assim como se adoptam as fôrmas largas, imitando os chapéus das damas do seculo XVIII, como os que se veem nos quadros de Gainsborough. Predomina no vestuario moderno a copia ou a artistica adaptação dos quadros de nome, de sorte que nas reuniões do grande mundo as damas elegantes tomam o aspecto e acordam a lembrança dos retratos celebres, como tambem se nota uma bella e artistica tendencia em mandar fazer retratos a oleo, á maneira dos tempos passados, o que activa nos *ateliers* dos melhores pintores a producção do genero.

As saias que completam com as blusas a *toilette* de interior ou de passeio usam-se sem enfeites, n'uma elegante simplicidade distincta, cuja fôrma e corte acentua as ondulações do corpo e cujo tecido fleavel e d'um só tom se escolhe de maneira que se harmonise com o da blusa, n'uma cambiante ligeiramente mais escura, empregando-se porém para vestuario de meninas e de senhoras novas tecidos identicos aos dos corpos em blusa. A tonalidade das fazendas mais usadas é a extremamente clara, mas sem viveza de côres berantes. Se os vestidos não teem enfeites, em compensação as saias de baixo, que no apanhar do vestido se mostram logo, são luxuosamente enfeitadas de finas rendas e de levissimas cambraias. São complemento essencial d'uma *toilette* elegante, como o calçado distincto, e as luvas irreprehensíveis. Na sua feitura empregam-se mousselinas de côr, e

na mais rigorosa elegancia devem ser do mesmo tom do vestido; porém vulgarmente escolhem-se de côres mortas que possam facilmente condizer ou ser complementar da dos vestidos; no momento actual o tom predilecto é o verde muito esmorecido.

Para defeza das agrestes virações que ainda ao cahir da tarde cruelmente resfriam o ambiente, postas de parte as *boas* que no primeiro aspecto recordam o inverno, usam-se agora pequenas romeiras ou manteletes feitos em setim, com guarnições de rendas pretas ou cremes conforme a côr do setim adoptado, terminando em largas pontas de tule ou mousselina do mesmo tom, que descem na frente até dois terços do vestido, apanhadas de espaço a espaço com guarnições em forma d'annel de rendas; mas exige a imperiosa moda que estes ligeiros abafos em volta do pescoço, sejam pequenos primores de graciosa ornamentação, leves como um delicado *duvet*, fofos como se fossem flocos de ligeirissima rama, simulacro de nuvens tenuissimas d'onde pareçam emergir os rostos gentis, recortando o busto n'esse esbatido de pintura, a recordar as cabecitas de anjos ou de amorsinhos que resaltam meigos ou petulantes das tellas decorativas do seculo XVIII. Por isso, para atenuar a dificuldade e



para lhes diminuir o custo exaggerado, preferem-se as romeiras mais curtas, tanto quanto necessario para cobrir os hombros e defender o decote dos corpos, feitas igualmente em setim e debruadas d'uma renda aberta cuidadosamente applicada. O abafos torna-se assim muito simples, e esta mesma simplicidade despretençiosa lhe dá valor; assim como se reduz em volume para facilidade de transporte e de uso opportuno.

Não estão ainda definidas as modas que devem imperar em breve na proxima época de diversões campesinas e de *cannottage* nos pequenos rios, de margens apertadas e cobertas de verdura, que atravessam ou limitam as propriedades do campo por onde se dispersa a sociedade elegante de todos os paizes. Nada mais encantador, do que o Ta-

misa, rio a cima, n'este periodo do anno, povoado de pequenos barcos, bem como folhas de rosas, e cheios d'uma mocidade alegre e descuidosa.

Muitos pontos do noss pittoresco paiz poderiam ter vida igualmente bella, se fôra mais facil viajar e visitar os que se refugiam do calor extenuante da cidade nas suas casas de campo, ou se fossem menos dispendiosas as excursões na provincia. Lisboa vae para Cintra, e ainda assim despreza a ria de Collares, nem tende a aperfeçoal-a nos seus bellos e nativos aspectos. Mas ha por esse paiz fóra numerosos rios de encantadora prespectiva, como o Lima, o Liz, o Nabão, o Mondego e tantos outros. Voltando ás modas, diziamos que ainda não tomaram accitação definitiva as fazendas em *cheviotes* muito leves, muito flexiveis e muito avelludados

on macios ao tacto que a industria pôz este anno em venda, tendo porém já apparecido nos vestuarios simples de blusa e saia inteira combinações de tecidos em quadrados de desenho, lembrando as vestes escossezas; e como que se nota em diversos paizes uma tendencia bem accentuada de adoptar para vestuarios campesinos, um tal ou qual imitação dos tecidos empregados nas vestes locaes ou nacionaes, quasi sempre garridas, de côres vivas, ornatos floridos ou combinações de barras entrecruzadas. Tambem n'este capitulo de modas, poderíamos pôr muito de nossa casa, se as elegantes que governam o mundo do bom gosto quizessem, embora seguindo o talhe e o côrte que o estrangeiro decreta, readquirir uma certa liberdade de acção na escolha dos materiaes e na disposição d'elles para crear *toilettes* originaes.

---

## A BILHA PARTIDA



QUADRO DE J. B. GREUZE

# VARIEDADES

## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

**DEZEMBRO 26** — *Portugal* — É publicado no *Diario do Governo* o decreto reorganizando os serviços de saúde e de beneficência pública. — *Chili* — O Chili aceita a modificação das suas propostas pela republica Argentina. — *Italia* — Cahe um violento cyclone sobre a cidade de Napoles, derrubando algumas casas e matando trinta pessoas. — *Japão* — O parlamento vota as propostas financeiras do seu governo.

**27 Irlanda** — A municipalidade de Rosse-dom resolve cortar todas as relações officiaes reconhecidas como um serviço a Eduardo VII de Inglaterra por as considerar como um signal de escravidão á nação inimiga. — *Suissa* — Abre-se em Basileá o congresso sionista com uns 1:000 assistentes, a ordem do dia comprehende questões de regeneração da raça israelita sob o ponto de vista corporal, intellectual e economico.

**28 Portugal** — São publicadas no *Diario do Governo*: a reforma da universidade de Coimbra, da direcção geral de instrucção pública, do conselho superior de instrucção pública, do curso superior de letras, das bibliothecas e archivos nacionaes, da Imprensa Nacional e da instrucção primaria. — *Inglaterra* — Algumas companhias de Londres celebram um contracto com Marconi para o estabelecimento do telegrapho sem fios entre New-York e New-Haven. — *Italia* — As grandes chuvas inundam as partes baixas de Roma pela cheia do Tibre, e a cidade de Pisa pela cheia do Arno. — *Africa* — Cae sobre Saffi uma tromba d'agua que alaga a cidade baixa até á altura de 3 metros, perecendo afogadas mais de 200 pessoas e tendo desaparecido a alfandega e todos os armazens.

**29 Afghanistan** — O emir promette aos principes chefes que protegerá o paiz contra a invasão estrangeira e que prohibirá que se construam caminhos de ferro e telegraphos. — *China* — Regressam a Pekin 2:000 soldados chinezes. — *Corêa* — O governo da Corêa au-

ctorisa o Japão a estabelecer um cabo entre Chenulgo e Fusan.

**30 Portugal** — É publicado no *Diario do Governo* o decreto relativo ás reformas da fazenda e á reforma e reorganisação do serviço das alfandegas e da guarda fiscal. — *Russia* — A Russia resolve dissolver os regimentos finlandezes, por causa dos officiaes que recusam obedecer ao tzar. — *China* — A população de Shangae assassina numerosos convertidos. — *Belgica* — Realisa-se um grande comicio internacional em Bruxellas, no qual cada delegado socialista expôz as reivindicações dos seus nacionaes e approva uma ordem do dia dizendo que a crise economica europêa é o resultado do regimen perturbador da producção, ao qual os socialistas porão termo. — *Cuba* — O povo cubano faz uma estrondosa manifestação aclamando o sr. Palma como presidente da republica cubana.

**31 Portugal** — São publicados no *Diario do Governo* os decretos sobre a reforma da agricultura e organisação dos serviços da secretaria das obras publicas e organisação do pessoal dos telegraphos, correios e fiscalisação de industrias electricas. — *Hespanha* — O duque de Veragua apresenta a sua demissão por motivo de não serem approvados em votação definitiva os creditos da marinha. É encerrado o congresso. — *França* — O tribunal da Relação sentenciando no pleito do *Figaro*, ordena que os gerentes Perivier e Rodays devem no praso de 8 dias entregar a gerencia do jornal ao sr. Prestat, presidente do conselho fiscal

**JANEIRO 2** — *Portugal* — Abertura solemne do parlamento em Lisboa. — *Hespanha* — Celebra-se um *meeting* de cigarreiras em Madrid, dirigindo-se depois á presidencia do conselho pedindo a reintegração das companheiras demittidas.

**4 Nicaragua** — O tratado firmado pelos Estados-Unidos e Nicaragua concede aos americanos jurisdicção completa em uma zona de

6 milhas desde o Atlantico ao Pacifico. — *Bulgaria* — O novo gabinete bulgaro é constituído como segue: o sr. Danef, presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros; o sr. Sarafof ministro do interior e da fazenda; o sr. Paplilzof ministro da guerra. Todos os ministros são tsankovistas. — *Republica Argentina* — Aggrava-se de novo o conflicto chileno-argentino por causa dos processos diplomaticos usados pelo Chili. A Argentina considera exgotados os meios pacificos, e ordena ao exercito e á marinha que se mobilisem em pé de guerra. — *Panamá* — O secretario da companhia do canal inter-oceanico do Panamá informa o almirante Waltker de que a companhia está prompta a ceder todos os seus direitos mediante 40 milhões de dollars.

6 *Prussia* — Produz-se uma manifestação anti-germanica em Syduhunes proximo á fronteira russa, tendo a multidão apedrejado os edificios publicos. — *Mexico* — O congresso pan-americano approva as propostas das republicas do Haiti e do Equador, estabelecendo que os actos criminosos dos inimigos da sociedade não sejam considerados attentados politicos, approvando tambem a proposta da republica de Venezuela tendente a supprimir a pena de morte no caso dos criminosos serem extraditados de paizes onde não exista a mesma pena. — *França* — O congresso de 2:000 vicultores celebrado em Pezenas pronuncia-se a favor de premios aos vinhos destinados á distillação e de abatimento de direitos para os vinhos de consumo.

7 *Inglatterra* — Jorge Lloyd consegue realisar um comicio em Bristol a favor dos boers, não obstante a hostilidade da maior parte da multidão, sendo votada uma ordem do dia protestando contra a guerra de extermínio e pedindo se estipule uma paz honrosa. — *Estados-Unidos* — N'uma reunião presidida por Bryan é unanimemente votado que se peça ao presidente da republica que intervenha na guerra da Africa do Sul e impeça a remessa do gado cavallar e muar. — *França* — O censo da população de Paris, de 1898 a 1901, accusa um augmento de 444:713 almas. — *Estados-Unidos* — Os organisadores da exposição de S. Luiz offerecem um premio d'um milhão de dollars ao inventor d'um balão dirigivel. — *China* — Os ministros resolvem estabelecer guardas nas legações de Pekin para evitar a possibilidade de collisões entre soldados chinezes e estrangeiros. Em Nin-y-Chung rebentam desordens entre os marinheiros do cruzador americano e os soldados russos, resultando varios feridos. — *Chili* — O governo chileno acquiesce aos pedidos da Republica Argentina a respeito do recente protocollo.

8 *Africa* — Os principaes chefes da kabila Benminsara dirigem-se a Liano, onde se concentram as tropas do sultão, e degolam rezes como signal de submissão. — *França* — Confirma-se a existencia de um tratado entre a França e a Italia compromettendo-se os francezes a reconhecer a supremacia sobre o Tripoli — *Afghanistan* — O vice-rei da India e o emir do Afghanistan assignam um tratado

muito favoravel aos interesses britannicos. — *China* — A imperatriz ordena que Tung-Fuh-Gianga, responsavel pelos assassinios dos missionarios belgas, seja decapitado.

9 *Estados-Unidos* — Roosevelt nomeia o negro Crossland ministro dos Estados-Unidos na Liberia. — *Inglatterra* — A greve sustentada por 120:000 mineiros do districto de Monthontshire tem a solução desejada, isto é, o augmento de salarios. *Republicas hespanholas* — Rebenta uma revolta em Bogotá, sendo presos pelos revoltosos o sr. Marroquin, presidente da republica da Columbia. Rebenta uma revolução no Paraguay, sendo preso o presidente da republica, o exercito é favoravel a esta revolução dirigida pelos ministros da guerra e da fazenda. É resolvida a questão do caminho de ferro allemão; a republica de Venezuela pagará as devidas indemnisações. — *Republica Argentina* — A camara dos deputados vota o restabelecimento de 10 por cento sobre importações, os direitos alfandegarios serão pagos em ouro. — *Estados-Unidos* — A camara dos representantes approva por 308 votos contra 2 o projecto de lei relativo ao canal de Nicaragua.

10 *Allemanha* — Nas escolas publicas d'Elblings commettem-se inqualificaveis attentados, ascendendo o numero de victimas a 70.

11 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o regulamento das estampilhas fiscaes, recentemente creadas.

12 *Chile* — O congresso chileno auctorisa um emprestimo de 62.500.000 pesos para compra de material de guerra. — *Russia* — Manifesta-se um grande incendio no asylo dos pobres de Rotsdeswensy, perecendo 12 pessoas e ficando muitas gravemente feridas. — *Italia* — Despenha-se um comboio d'uma ponte suspensa sobre a torrente de Cilla Reys, proximo de Brindisi, perecendo bastantes pessoas.

13 *Estados-Unidos* — O sr. Mason apresenta ao senado uma proposta tendente a que se tomem em consideração os tratados de reciprocidade para serem postos em vigor no fim da sessão parlamentar.

14 *Italia* — O papa nomeia uma comissão internacional, presidida pelo cardeal Parochi, para estudar a interpretação da Biblia. A interpretação que a comissão proporá será adoptada como official para todo o orbe catholico. — *Austria* — Trásborda-se o Danubio, espriando-se em grandes inundações na Hungria meridional. — *Africa* — O sr. Max-Régis, radical anti-semita, é preso em Argel para cumprir a pena de tres annos de prisão, em consequencia de não ter pago as multas a que foi condemnado em diversos processos de diffamação. — *Portugal* — E' apresentada ás côrtes, pelo ministro da fazenda, a proposta da lei do orçamento. — *Bohemia* — Inunda-se a mina Jupiter, em Bruex, ficando afogados 44 mineiros. — *Inglatterra* — O conselho de ministros decide que, se forem mantidos os premios de exportação ao assucar pelas nações estrangeiras, a Gran Bretanha imporá ao assucar direitos aduaneiros equivalentes a esses premios.

**15 Estados Unidos** — Uma poderosa companhia sino americana, cujo fim é fomentar o commercio *yankee* no extremo oriente, eleva o seu capital a 15 milhões de dollars. — **Hespanha** — Em consequencia da municipalidade de S. Sebastian ter abolido a lucta dos bois ensogados, produzem-se manifestações tumultuosas contra a administração, tendo os manifestantes assobiado as auctoridades e apedrejado alguns edificios publicos. — **Italia** — Nas egrejas de Leorne e Bari e outras povoações levantam-se e desenvolvem-se scenas tumultuosas entre catholicos e socialistas por causa da lei do divorcio. O governo prohibe que os prelados preguem nos templos contra o divorcio. — **França** — Os tribunaes de Paris intimam os jesuitas a abandonar as cadeiras que occupam no Instituto Catholico. Os tribunaes de Lyon, Bordeos e Marselha procedem igualmente contra os jesuitas.

**16 Inglaterra** — Sessão solemne da abertura do parlamento com a presença do rei Eduardo VII e da rainha Alexandra. — **França** — O senado reelege seu presidente o sr. Fallières. — **Canarias** — Desencadea-se um violento cyclone em Las Palmas, chegando a cahir areia procedente do Sahara e produzindo bastantes estragos e varios naufragios.

**17 Estados Unidos** — A commissão do senado propõe redução de direitos sobre os productos das Philippinas. — **Italia** — Produz-se uma profunda scisão nos socialistas italianos, dividindo-se em dois grupos: revolucionarios e reformadores. — **Mexico** — Produz-se um violento tremor de terra que dura 22 segundos, morrendo 300 pessoas, e ficando feridas outras 300, e causando immensas perdas materiaes no Estado de Guerrero.

**18 Inglaterra** — Celebra-se em Wellington um *meeting* monstro com o fim de protestar contra os ataques do estrangeiro á politica da Inglaterra na Africa do Sul, votando-se conclusões de que nunca houve guerra mais humana que a actual. — **Hespanha** — Produz-se uma enorme explosão nas caldeiras da fabrica de tecidos de algodão do banqueiro Jover, em Positvilmnara, ficando destruido todo o edificio e ascendendo o numero dos mortos e feridos a 120. — **Mexico** — O congresso pan-americano approva a resolução de as republicas americanas adherirem ás bases do convenio de Haya, relativo á arbitragem. Sente-se um novo tremor de terra em Chilpanciogo, tendo desabado numerosos edificios ficando mortas 9 pessoas e feridas muitas outras. — **Estados-Unidos** — O presidente Roosevelt ordena que se reembolse a China da quantia de 1.376.000 dollars, representando o valor tomado pelas tropas americanas em Tien-Tsin. — **Chile** — São assignadas sem alteração as actas do accordo chileno-argentino.

**19 Hespanha** — Os estudantes catholicos de Valencia promovem graves disturbios na occasião em que o ministro de instrucção publica se dirigia para a Universidade para presidir á distribuição dos premios, havendo tiroto de pedradas e ficando muitas pessoas feridas.

**20 Hespanha** — O embaixador de Hespanha junto do Vaticano, D. Alexandre Pidal, é demittido em consequencia das censuras que dirigiu a Sagasta n'uma entrevista com um redactor do *Heraldo*. — E' destruido por um incendio o theatro de Alcoy. — **Allemanha** — Um incendio destroe quasi completamente o theatro de Stuttgart. — **Estados-Unidos** — O presidente Roosevelt transmite ao congresso o relatorio da commissão do canal isthmico, relatorio que é favoravel ao traçado de Panamá. — O senado examina o projecto de lei relativo ás ilhas Philippinas emendado pela camara dos representantes.

**21 Inglaterra** — Chamberlain telegrapha para a Australia e Nova Zelandia pedindo a cada uma d'aquellas colonias que envie 1:000 homens de reforço ao exercito inglez na Africa do Sul. — O conde de Rosebery pronuncia um discurso em Edimburgo em que assignala e proclama a decadencia do parlamento inglez. — **Italia** — Rebentam em Roma grandes desordens entre estudantes socialistas e monarchicos por estes impedirem que o deputado Ferri desse aula, ficando bastantes feridos. A universidade foi encerrada. — **França** — O deputado republicano Etienne, representante de Oran, declara approvar a politica seguida ha 20 annos com relação a Marrocos e queixando-se de que a diplomacia ingleza suscite ainda contestações em diversos pontos. — **Suecia** — Na occasião em que o rei Jorge passeiava no Jardim Zoologico de Athenas, um avestruz, furioso, accommette o soberano, tendo de intervir o director do estabelecimento. O rei ficou ferido n'um braço. — **Noruega** — O parlamento noruegues approva o projecto de lei auctorizando as mulheres a advogar nos tribunaes.

**22 Italia** — Realisa-se em Roma um comicio promovido por 10:000 operarios sem trabalho, decidindo provocar a gréve geral se o governo insistir em não promover obras publicas. — **Hespanha** — O ministro da fazenda lê no congresso a proposta de lei limitando a circulação fiduciaria do Banco de Hespanha. O governador do Banco sr. Rio Gullon pede a sua demissão. — **Austria** — A archiduqueza Isabel Maria renuncia solememente aos direitos do throno por motivo do seu proximo casamento com o principe Otto de Windisch-Grätz. — **França** — Dá se uma explosão de torpedos a bordo do couraçado *Jaurreguiberry* durante as manobras de lançamento no golpho de Gasconha, ficando ferido um marinheiro.

**22 Africa** — Rebenta um violento incendio ao centro da Cidade do Cabo, produzindo enormes estragos e cujas perdas são avaliadas em 4:000 libras.

**23 Austria** — Celebra-se em Holburg o casamento da archiduqueza Izabel Maria com o principe Otto de Windisch-Grätz, assistindo á cerimonia o imperador Francisco José, os archiduques e os altos dignatarios da côrte. — **França** — A camara dos deputados approva uma moção do deputado socialista Bourrat, convidando o governo a apresentar um projecto de lei para o resgate pelo estado dos ca-

minhos de ferro de oeste e do sul. — *Hungria* — Um violento incendio destroe uma grande fabrica de moagens em Buda-Pesth. Os estragos são avaliados em mais de 3 milhões de florins.

24 *França* — Um incendio, attribuido a malvadez, destroe grande parte da floresta dominical de Perpignan. — A assembléa geral do *Figaro* elege seu director gerente o sr. Calmette, antigo secretario da redacção. — *Estados-Unidos* — E' assignado o tratado de cessão das Antilhas dinamarquezas aos Estados-Unidos por 5 milhões de dollars. — Dá se uma explosão na hulheira de Lost Creek, ficando soterrados 26 mineiros. — *Portugal* — Sente-se um abalo de terra em Lisboa e nas provincias do sul.

25 *Africa* — O conselho municipal de Oran approva a manutenção da lei de 1889 sobre a naturalisação na Argelia. — *França* — O *Figaro* declara-se periodico independente, sem pertencer a nenhum partido politico. — *Allemanha* — O governo, no sentido de conjurar a crise operaria, ordena que se activem novas construcções, para o que se vota pelo parlamento a verba de 150 milhões de marcos. — *Italia* — Produz-se nova erupção no Vesuvio, arrojando enorme quantidade de materias incandescentes e torrentes de lavas. — *Brazil*. — E' nomeado o ministro Epitacio da Silva Pessoa para membro do supremo tribunal de justiça.



## THEATROS

*Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Dezembro*

DEZEMBRO 27 — CAPITÃO THEREZA, opereta de Alexandre Bisson, traducção do sr. Sousa Bastos (Theatro da Avenida).

28 — SUAVE MILAGRE, mysterio, do sr. conde de Arnoso, com versos do sr. Alberto de Oliveira e musica do sr. Oscar da Silva, extrahido de um conto do fallecido escriptor Eça de Queiroz (Theatro de D. Maria).

28 — ARTE NOVA, revista do anno de 1901, do sr. Accacio de Paiva, com musica do maestro Thomaz Del-Negro (Theatro da Trindade).

31 — SEMI-VIRGENS, peça em 3 actos, de Marcel Prévost, traducção do sr. Mello Barreto (Theatro de D. Amelia).

JANEIRO 8 — O ALFENIN, drama em 5 actos, do sr. Lopes de Mendonça (Theatro do Principe Real).

18 — TIÇÃO NEGRO, farça lyrica em 3 actos, do sr. Henrique Lopes de Mendonça, com musica do maestro Augusto Machado (Theatro da Avenida).



## NECROLOGIA

DEZEMBRO 27 — HENRI FOUQUIER, 65 annos, em Paris, eminente critico e uma das mais brilhantes pennas da França, auctor de varias obras, entre ellas os *Estudos Artisticos*, a *Arte official e a liberdade*, *No seculo passado* e a *Sabedoria parisiense*.

JANEIRO 8 — JOAQUIM MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, em Lisboa, o heroe de Chaimite e captor do Gungunhana (por suicidio).

«Se havia alma complicada, amalgamada de elementos diversos, alma por assim dizer multanime, era a d'esse homem singular e estranho, que foi como um enygma vivo de psychologia. O commum da gente suppunha-o um *sabreur* temerario e duro, um temperamento aventureiro de *condottiere*, uma natureza auctoritaria de homem de mando allumiada por um entendimento claro e uma razão forte. E a estes quatro deficientissimos traços limitava a representação imperfeita da sua individualidade, tão complexa e tão varia.

Pois esse homem de apparencia imperturbavel e fleugmatica era um agitado, um exaltado, vibrando ao impulso das mais diversas paixões; essa energia inflexivel e imperiosa temperava-se, nos seus affectos intimos, com uma sentimentalidade quasi feminil, esse or-

gulhoso, esse desdenhoso, que parecia concentrar-se todo no culto no seu *eu*, era um compassivo cheio de rasgos de pura e silenciosa caridade; esse obstinado, esse teimoso era ás vezes docil como uma creança; esse homem de acção tinha indolencias, apathias de sonador: esse soldado, affectando, como Napoleão, o desprezo dos ideologos, era um espirito tão fino como culto, uma rara intelligencia sempre em actividade, um curioso de ideias, um intellectual na mais pura accepção d'este termo; esse espirito positivo e forte era accessivel á influencia da imaginação illusoria; esse ambicioso era um desinteressado; essa vontade rectilinea e firme tinha collapsos, incertezas, desfallecimentos; esse animo de estoico sentia agudamente todas as angustias, as decepções, as melancholias da vida.

Em almas tão complicadas, constituídas por forças tão antagonicas, o equilibrio moral é sempre instavel — e isso que, á primeira vista, se nos affigura uma aberração, é, bem no fundo, um acto natural, porque não passa da brusca cessação d'um estado difficil de manter-se.

Emquanto os simples e rudes apparatus archaicos, inventados pelo engenho do homem primitivo, operam imperfeita, grosseira, mas seguramente, os complexos e maravilho-

esos mecanismos creados pela industria moderna estão sujeitos a cada momento a desarranjos que os paralyzam, ou a desastres que de subito os destroem. O mesmo acontece com o nosso mecanismo psychologico. As almas simples offerecem á vida, á fatalidade, á adversidade, á desillusão, uma resistencia que não têm as almas complicadas. D'ahi a vulgaridade d'essas crises intimas, d'esses desequilibrios, que nenhuma apparencia trae ou revela e que umas vezes se resolvem pela loucura, outras pelo suicidio.»

Eis o retrato psychologo que do prestigioso militar e heroe fez um dos seus mais intimos amigos, o sr. dr. Luiz de Magalhães.

9 — NAPOLEÃO VELANI, conhecido e distincto professor de canto em Lisboa.

18 — MARCHETTI, em Roma, conhecido compositor e presidente da Academia de Santa Cecilia.

19 — INFANTA CHRISTINA, em Madrid, irmã do fallecido rei Affonso XII, de Hespanha.



## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

LA LECTURA — *Revista de sciencias e de artes* — Madrid — Anno II, n.º 14 — Fevereiro, 1902 — Pest. 2,75. — Principaes artigos: *Sacrificios*, drama em tres actos, por J. Benavente — *O enigma de Antonio Perez*, por Martin Hume — *Sociologia em Franca*, por A. Posada — *Columbia University*, por Titz Gerald — *A politica governante*, por C. Sollorca.

Esta magnifica revista madrilena publica estudos muito interessantes dos quaes a enumeração supra dá uma idéa succinta. O artigo historico do escriptor inglez Hume sobre um dos mais discutidos dramas mysteriosos que tem aguçado a curiosidade dos investigadores — o assassinio de Escovedo, secretario de D. João de Austria, e consequentemente a perseguição encarniçada e incansavel que Philippe II exerceu, durante largos annos, sobre o seu secretario Antonio Perez — resume os factos conhecidos, impõe os acontecimentos, mas traz nova contribuição de documentos para a sua comprehensão e estudo. Os nossos leitores estão ainda recordados da narrativa que d'este mesmo caso aqui foi publicada e baseada em investigações d'um outro historiador inglez.

Ambos chegam a identica conclusão, embora divirjam em promenores, e em algumas

afirmações mais importantes, o que depende do numero de fontes consultadas e tambem da escola historica ou processo expositivo adoptado, firmando-se Hume na preferencia de valor attribuido a alguns d'aquelles documentos. Todavia o distincto historiador inglez chega á mesma conclusão interpretativa que os leitores já conhecem — que o mobil de perseguição do poderoso monarcha a Antonio Perez não foi propriamente pela morte de Escovedo, mas por o ter morto quando já não era necessario, servindo-se da antiga auctorisação real, e sobretudo enganando o rei no exercicio do seu elevado cargo de confiança.

Examina com larga proficiencia o sr. Posada, em um artigo, os trabalhos dos modernos sociologos francezes, que representam as correntes mais importantes d'esta sciencia n'aquelle paiz, e d'este exame critico conclue as provas da sua afirmação principal — a crescente complexidade da materia sociologica, o predominio do ponto de vista psychologico. A sociologia se não progride, transforma-se, e d'estas novas tendências e diversidade de interpretação dos problemas sociaes dá analyse reflectida o escriptor no artigo citado.



## PHOTOGRAPHIA PRATICA

*Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.*

### Edinol

#### Um novo revelador

Do *Photogr. Centralblatt* extrahimos a interessante comunicação do dr. E. English:

«Se se attender ao grande numero de reveladores de que podemos dispôr, pode perguntar-se que interesse ha em introduzir outros novos. Entre os reveladores organicos ha-os de todos os generos, rapidos e demorados, citando entre elles os mais notaveis, taes como: a glycinia, o paramidophenol, o metol, o ami-

dol, tendo cada um d'elles as suas propriedades. Uma chapa correctamente exposta dá com cada um d'estes reveladores resultados igualmente bons, mas quando se trata de revelar chapas cujo tempo de exposição não é exacto, é então que se percebe que elles apresentam differenças sensiveis.

Assim, os reveladores demorados que são inferiores aos rapidos para as chapas cuja exposição foi diminuta (salvo no caso de revelação demorada) são os mais vantajosos para os negativos demasiadamente expostos, dos quaes se póde por meio de uma dosagem apropriada

tirar um melhor partido do que com o emprego do amidol, o revelador rapido por excellencia.

Ha pois interesse em ter a par do paramidophenol ainda um revelador que se deixe facilmente modificar na sua acção, e por meio do qual se possa revelar rapida ou demoradamente á vontade do operador. Tal revelador é o chlorydrato do alcool p. amydo-oxybenzylico, que a Sociedade F. Bayer & C.<sup>a</sup>, de Elberfeld, põe á venda sob o nome de *Edinol* ou *Paranol*. Tive occasião de experimentar este producto e vou relatar quaes os resultados obtidos.

O edinol é um pó amarello escuro que se dissolve tanto na agua como nas soluções de sulfito. Para o empregar photographicamente, é necessario por meio de um alcali pôr a base de que se compõe em liberdade, a qual em grande solubibilidade permite preparar soluções muito concentradas sem o emprego de alcalis causticos; se se lhe juntar soda caustica em quantidade strictamente necessaria para neutralisar o acido chlorydrico e o grupo oxydrilo, podem-se preparar soluções relativamente concentradas. Todas estas soluções se conservam muito bem.

Sob o ponto de vista da sua acção reveladora, o edinol approxima-se muito do metol e do rodinal. O edinol com carbonato de soda revela um pouco mais demoradamente que o metol, mas em compensação dá negativos mais intensos. Misturado com o carbonato de potassa dá negativos um pouco mais duros e presta-se muito bem á revelação dos papeis de gelatino-brometo. A combinação do edinol com a potassa caustica revela os instantaneos, apresentando estes bellas graduações sem durezas. A prata deixa uma côr cinzenta e as partes claras não se apresentam tão baças como com o hydroquinone. O edinol é superior ao rodinal pela solubibilidade; assim como dá com o mesmo tempo de *pose* e de revelação melhores resultados do que o metol. Notei igualmente que não se dão os casos eczematosos como o metol produz algumas vezes nas mãos.

Reproduzo abaixo as formulas dadas por Precht e por Eder. Vi que a solução do commercio a 10 % d'edinol pôde ser diluida com 100 volumes de agua para constituir um revelador demorado. A revelação de uma chapa muito pouco exposta faz-se, no maximo, em tres horas.

O brometo não tem uma influencia demoradora tão accentuada sobre o edinol como sobre o metol. Para as chapas demasiadamente expostas pôde se juntar o brometo por 1 c. c. de cada vez. Eder verificou que as soluções de bicabornato de soda de 10 a 30 % actuam como retardatarias e permitem corrigir as exposições demasiadas.

Como o edinol não soffre em excesso com as differenças de temperatura e nunca vela os negativos e como elle é igual em energia aos reveladores rapidos, sobre os quaes elle tem a vantagem de ser mais brando, todas estas qualidades, julgamos, tornam o edinol um excellent revelador que bem depressa entrará na pratica corrente.

### Formulas para a revelação

A) Agua.....	100 c. c.
Sulfito de soda.....	10 gr.
Edinol.....	1 »
	(Eder)
B) Agua.....	80 c. c.
Carbonato de potassa....	40 gr.
C) Agua.....	100 c. c.
Carbonato de soda.....	10 gr.
D) Agua.....	250 c. c.
Soda caustica.....	3,5 gr.

Para o seu emprego tomar-se-ha :

1.<sup>o</sup> — *Para os negativos brilhantes* : Soluções A 80 c. c. B 20 c. c.

(Para os papeis gelatino-brometo junta-se-lhe 100 c. c. de agua)

2.<sup>o</sup> — *Para os negativas brandos* : partes eguaes de A e C.

3.<sup>o</sup> — *Para os instantaneos* : A 2 partes; B 1 parte; agua, 1 parte.

Obtem-se igualmente negativos muito brilhantes com a seguinte mistura : solução A 100 c. c.; acétona, 10 c. c. Duplicando a quantidade de acétona obtem-se um revelador muito recommendado para os diapositivos (Precht).

### Revelador rapido (emprego immediato)

Agua.....	100 c. c.
Métabisulfito de potassa..	1 gr.
Edinol.....	1 »
Carbonato de potassa....	6 »

### Revelador lento

Agua fria fervida.....	1 litro
Sulfito de soda.....	20 gr.
Edinol.....	1 »
Cabornato de potassa....	5 »
(Ou acétona).....	5 c. c.

Se se empregar carbonato de potassa, pôde substituir-se o sulfito de soda pelo métabisulfito de potassa; empregando-se a acétona obter-se-ha um pouco mais de intensidade.

### Vistas coloridas para projecções

(Continuação do numero anterior)

Os positivos sobre vidro, geralmente rebeldes ao pincel, são actualmente tratados por um methodo bastante simples que tem encontrado numerosos adeptos em Vienna d'Austria. Começa-se por endurecer a camada n'uma solução de formol e, depois de se deixar secar, deita-se-lhe albumina filtrada, addicionada de algumas gottas de amoniaco. A camada, assim tratada, toma então muito bem todas as tintas de aguarella, sobretudo se estas são gommadas da seguinte fórmula : Dissol-



vem-se 15 grammas de gomma arabica branca n'uma quantidade de agua necessaria para cobrir este peso. Feita a soluçao, filtra-se atravez de um pedaço de cambraia commum,

juntando lhe 6 a 8 gottas de glycerina e um pouco de camphora. As tintas em paus são as que melhor convém a este genero de pintura dos positivos.



## PACIENCIAS

### Os Patriarchas

(Dois jogos completos — Enaipada)

Em primeiro logar baralham-se e cortam-se as cartas, collocando-se em seguida nove sobre a mesa em tres ordens. Se entre ellas houver um *rei* colloca-se este á esquerda do quadro um pouco acima, se houver um *az* colloca-se á direita igualmente um pouco acima.

A' medida que se apresentam no decorrer da paciencia os *reis* e os *azes* das differentes côres collocam-se por debaixo dos primeiros, de maneira a formar, dos dois lados das nove primitivas cartas, duas linhas verticaes.

Estes *azes* e *reis* são destinados a formar familias; os *reis* em hierarchia descendente terminando em *az* e os *azes* em hierarchia ascendente a terminar em *rei*.

Depois de se ter verificado que o quadro não apresenta carta alguma que se possa collocar sobre os *reis* ou sobre os *azes*, tiram-se todas as outras do baralho uma a uma, formando-se com ellas um monte, se não fôr possível collocar-as sobre as familias.

Deve-se ter cuidado, quando se passam as cartas do baralho, de verificar se nas nove cartas do quadro ha alguma que tenha collocação sobre as familias, e n'esse caso collocam-se immediatamente, substituindo-as pelas cartas superiores do monte.

Póde-se passar o baralho uma segunda vez como da primeira, considerando-se a paciencia feita quando as oito familias estiverem completas.

---

Offerecendo aos nossos leitores esta outra paciencia, aproveitamos o ensejo para fazer na descripção da paciencia *Cruz de Malta*, publicada no nosso numero anterior, uma rectificação que com sobeja rasão nos reclama o nosso amavel collaborador. Contamos todavia que a intelligencia do amator d'estes jogos terá facilmente corrigido o erro e supprido a omissão. O primeiro deu-se na linha 3.<sup>a</sup> da 1.<sup>a</sup> columna da pag. 23, tendo sahido impressa a palavra *descendente*, quando devera ser *ascendente*; a segunda proveio da falta do seguinte periodo a intercalar no mesmo logar e em seguida á palavra *descendente*, entre os dois paragraphos: « Terminada a collocação e distribuição das 8 primeiras cartas, tiram-se do baralho novamente outras 8 cartas, as quaes se collocam e distribuem da mesma maneira; e assim successivamente até o esgotamento do baralho.»



## CONHECIMENTOS UTEIS

**Tintura de iodo.** — Este medicamento tornou-se de uso geral e caseiro; tem, porém o inconveniente de pôr nodoas na roupa, difficéis de eliminar pelos processos ordinarios. Ha um meio simples de as fazer desaparecer. Consiste em tocar as nodoas com uma soluçao de hyposulfito de soda. Hoje esta substancia encontra-se em todas as casas, visto que, sendo de emprego constante em photographia, toda a gente a conhece, porque toda a gente é mais ou menos photographo. N'aquella mesma soluçao se póde lavar o pincel que se emprega na applicação do iodo.

**Dois especies de marfim.** — O marfim proveniente de dentes de elephante é, como se sabe, de preço bastante elevado. Pelo contrario, o marfim vegetal, proveniente da semente do *Phytelephas*, tem um valor minimo. E, todavia, os objectos fabricados com as duas especies de marfim semelham-se tanto que difficilmente se distinguem por simples inspecção visual. Quando vos encontrardes perante este *cruel enigma*, deveis depôr sob o objecto, cuja proveniencia em qualidade quereis examinar, uma pequenina gota de acido sulfu-

rico e esperar alguns minutos para que a acção do acido se possa exercer. Depois limpa a gota; se esta não deixou vestigio, o objecto é de marfim animal, se tiver pelo contrario deixado uma mancha rosada, então é de marfim vegetal. De resto, aquella mancha desaparece facilmente com uma simples lavagem d'agua; e tendo fallado em marfim damos a a seguinte receita curiosa:

**Modo de dar ao marfim o brilho da prata.** — Mergulha se o objecto bem limpo n'uma soluçao fraca de nitrato de prata (pedra infernal), pelo tempo necessario para que o objecto de marfim tonie a côr amarella carregada. Lave-se em seguida e exponha-se ao sol. Ao cabo de tres horas, approximadamente, o objecto torna-se completamente negro em consequencia da reduçao do nitrato de prata. Porém, se o objecto sujeito á experiencia fôr esfregado com uma pelle macia, camurça ou outra, o brilho da prata apparece immediatamente.

**Receitas caseiras** — O processo que torna flexiveis as flanellas que endurecem pela lava-

gem, sobretudo se a sua qualidade não é superior, é muito simples evitando a desagradavel contextura que ellas tomam para se vestir. Consiste em as mergulhar durante uma hora n'um banho composto na proporção seguinte: de 10 grammas de ammoniaco commum por cada litro de agua. Resta depois passal-as novamente por agua clara durante o tempo necessario para fazer desapparecer todo o cheiro do ammoniaco.

Tendo fallado em lavagem, juntamos ainda uma outra receita para obter roupa bem branqueada, como toalhas de mesa e guardanapos, visto que n'uma mesa é summamente agradável o aspecto de brancura immaculada. Consiste o processo em os mergulhar, depois de lavados *grosso modo*, n'uma grande caldeira de agua a ferver, na qual se deita, no momento da ebulição, 125 grammas de sabão cortado em pedaços pequenos juntamente com duas pastilhas vulgares de paraffina, por cada 40 litros de agua empregada. Depois seccal-os em pleno ar.

**Hygiene de bocca.** — Entre as mil e uma formulas de elexires que se recommendam para conservação dos dentes e desinfecção da bocca, ha as séguintes cujos resultados proveitosos estão confirmados por longa experiencia justificada, e vem a ser juntar a qualquer elexir usado, como a agua de Botot, duas grammas de resorcina por cada cem grammas de elexir e preparar uma agua de lavagem dissolvendo por cada litro de agua, 5 grammas de

tinctura de eucalyptus e 5 decigrammas de thymol. Devem usar-se alternadamente e na quantidade que cada um determine pelo uso dentro do copo d'agua, havendo pessoas que se dão melhor com o uso mais ou menos prolongado de cada uma das soluções, conforme o estado da bocca e dos dentes. O seu emprego é muito aconselhado e na verdade util para aquelles que teem a infelicidade de ter caria, quasi sempre progressiva e teimosa.

**Oleo perfumado** — Usa-se muito e com proveito dulcificar o cabello com um oleo, principalmente azeite virgem e oleo de amendoas doces; pretende-se assim conservar a flexibilidade e o vigor das bellas tranças. Pode perfumar-se este oleo com o delicado aroma das violetas pelo processo seguinte: Tome-se um funil de vidro e tape se pela parte superior com um pouco de algodão em rama puro, bem lavado a que se chama hydrophylo, o orificio inferior do funil, o qual é em seguida cheio de violettas e atravez das quaes se filtra vagorosamente o oleo de amendoas doces, que assim arrasta o perfume. Pode applicar-se o processo para outras flôres odoríferas, como o jasmim, o lilaz ou o jacintho.

**Nodoas de sangue.** — É difficil em geral tirar-as da roupa de cosinha, ou dos instrumentos cortantes. Consegue se, porém, bom e immediato resultado, lavando-as com agua contendo pequena porção dissolvida de acido tartrico, o qual domina a materia corante do sangue.

## PROBLEMAS

### Resoluções do numero anterior

N.º 21 — O primeiro trem chegou ao seu destino ás 8 horas da noite; o segundo ás 7 horas do mesmo dia.

N.º 22 — O maior, 45 horas; o menor, 63 horas.

N.º 23 — *Xadrez*:

BRANCOS  
1. T. para 5 Cav.  
2. Xeque e mate.

PRETOS  
1. Qualquer

### Num. 24.

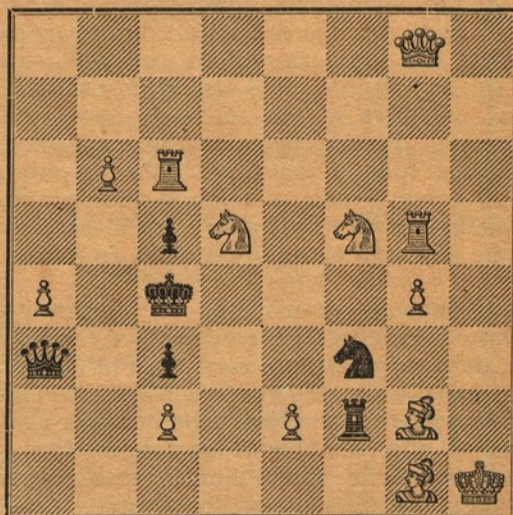
Uma assembléa de accionistas, composta de 40 negociantes, 20 advogados, 30 industriaes e 10 medicos pretendem nomear entre si uma commissão de 4 negociantes, 3 industriaes, 1 medico e 2 advogados. De quantas maneiras se pode constituir a commissão?

### Num. 25.

Reduzindo respectivamente o effectivo de 4 companhias a 40, 62, 70 e 73 homens, de quantas maneiras pode um official compôr um piquete de 4 homens, conservando sempre um soldado em cada companhia?

### XADREZ

Num. 26      PRETOS (6 peças)



BRANCOS (13 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

# VARIEDADES

## Amores | perfeitos

A pagina colorida que acompanha o presente numero da nossa revista, impressa typographicamente pelo processo denominado das tres côres, é a reproducção tão perfeita quanto nos foi possivel obter d'um excellente quadrinho a oleo, pintado pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Amelia Bastos com todo o delicado mimo e frescura exacta com que aquella distincta cultora de arte sabe traduzir, em suas raras telasinhas, a sua observação natural, toda plena de verdade e de luz, e pintado expressamente para os *Serões*, em memoraçãõ da

estação florida, com tão desaffectedada acquiescencia que, penhorando-nos profundamente, bem demonstrou a captivante gentileza com que nos quiz honrar, constringendo a modestia natural e simples em que occulta os primores e excellencias do seu espirito, altamente educado e bondoso.

Os *Serões* continuam assim a merecer a protecção carinhosa e o incentivo animador das damas portuguezas, e com desvanecido orgulho fazem d'aquella deferencia timbre proprio.

## COROACÃO DO REI DE INGLATERRA

Quando for publicada a nossa revista, ter-se-hão extincto os ultimos echos das festas que acompanharam em Madrid a coroação do rei D. Affonso XIII, o qual attingiu a sua maioridade e tomou o governo effectivo de seu povo, e principiarão em Inglaterra os preparativos da cerimonia da coroação de Eduardo VII que n'este momento preside aos destinos d'aquelle vasto e poderoso imperio.

Estes dois factos de consagração externa dos dois monarchas prendem naturalmente as atencções do mundo official e para a nossa vida politica são marcos de inicio de novos periodos nas intimas relações que nos prendem a um pela visinhança e a outro pela alliança, e a ambos pelas tradições historicas; inicio sem duvida de periodos para nós da mais significativa e leal amizade, cooperando com a Hespanha no resurgimento e grandeza da peninsula que tão gloriosa proeminencia logrou ter na historia do mundo, que ambos os povos partilharam, assim como com a Inglaterra no dilatado poderio dos

mares e no progressivo desenvolvimento das regiões mais variadas e dispartidas pelo globo, onde intimamente alliados os dois povos poderão impulsar a civilisação em proveito da humanidade inteira.

Se aquelles dois factos são por sua natureza d'uma importancia capital para a vida d'aquellas duas gloriosas nacionalidades, são tambem para a nossa vida politica internacional, no preciso momento historico actual, d'uma importancia maxima, quando encarados como pontos de partida para affirmacões de vida propria e proficuo emprego das faculdades dirigentes dos nossos homens de estado; se estes possuem, do que não é licito duvidar, a patriótica ambição de vincular o seu nome á obra de resurgimento e de grandeza effectiva da nossa terra, a qual, nos seus dilatados e vastos dominios, na excellencia de posições excepçionaes á beira das estradas maritimas, e na soberba resistencia de raça que fez, por vontade firme e deliberado querer, estes sete seculos já passados de his-

toria, reúne qualidades bastantes e insubstituíveis para que aqui floresça não sonhado mas effectivo imperio entre as grandes potencias do mundo.

Para conhecimento dos nossos leitores damos em seguida a descripção succinta das principaes cerimoniaes que propriamente definem a coroação do rei Eduardo VII, nosso aliado, e cujo conhecimento intimo interessa tanto mais por este facto, como vemos em França interessar as minudencias da vida publica e particular da Russia, a aliada da Republica Franceza.

Entre outras, a cerimonia da *Uncção* é sem duvida a principal. O soberano faz juramento de governar conforme a lei, de guardar justiça e equidade em todas suas sentenças e de manter as leis de Deus, a verdadeira interpretação dos Evangelhos, e a religião protestante reformada, assim como as instituições religiosas existentes, os direitos e privilegios da igreja de Inglaterra. Cantase então o hymno grandioso — «*Vinde Espirito Santo, inspirar as nossas almas*» — e o soberano vae sentar-se na antiga e venerada cadeira que para este momento solemne serve desde o tempo de Eduardo II. Segue-se depois a cerimonia da *uncção*. Habitualmente o soberano é unguido na cabeça, nas mãos e no peito, para significar que o coração, as mãos e a intelligencia são para se usar como em officio consagrado. Portanto invoca-se a presença do Espirito de Deus e torna-se clara a significação da applicação dos santos oleos. Para reger e governar os homens, precisam-se tanto de espirito apropriado como de qualidades. Todos os dons veem de Deus, e a mais elevada e a melhor graça do espirito, para usar rectamente d'aquelles dons naturaes, provem egualmente de Deus. O oleo, portanto, significa as necessidades dos homens; e a fé e o desejo da presença e do auxilio divino do Espirito está expressa na oração que se segue á uncção. Assim o rei de Inglaterra fica unguido do Senhor.

Depois segue-se a cerimonia da *espada*, a qual é entregue ao soberano; e este entrega-a ao arcebispo que a colloca no altar, d'onde volta a ser entregue ao soberano. O principio de que todo o poder dimana da divindade, e de que toda a autoridade ou beneficio que o homem possui por natureza ou de direito, é recebido e deve usar-se como se viesse só de Deus, é claramente recordado pelo ceremonial. A espada do poder pertence ao soberano, mas elle ha-de sómente tomal-a como se lhe viesse de Deus.

O *manto imperial* e a esphera, representando o orbe, dourada com perolas colloca-

das ao redor, são depois dados ao soberano. Tambem trazem consigo a sua lição e significação estes attributos reaes. A oração que acompanha a sua entrega explica isto: — O Senhor, vosso Deus, revestiu-o de entendimento e sabedoria: o Senhor vestiu-o com o manto da justiça. — E a oração continua: Quando virdes esta esphera collocada atrás da cruz, recordae-vos de que o mundo inteiro está sugeito ao poder e sob o imperio de Christo, nosso Redemptor. Porque Elle é o principe dos reis da terra, o Rei dos reis, o Senhor dos senhores; portanto nenhum homem póde reinar com felicidade, se a sua autoridade não derivar d'Elle, e se não dirigir todas as suas acções consoante as Suas leis.

O *annel* é posto no quarto dedo da mão direita do soberano. As palavras usadas pelo arcebispo são: — Recebei este annel, insignia da dignidade real e da defeza da Fé Catholica.

Depois é deposto o *sceptro* nas mãos do monarcha com estas palavras: — Recebei o sceptro real, insignia do poder e da justiça real.

Logo depois é dado ao soberano uma *vara*, adornada com uma pomba, a vara de equidade e misericordia, que lhe recorda a necessidade da imparcialidade no julgamento: — Sêde tão misericordioso que não sejaes demasiado remisso; executae assim a justiça para que não esqueçaes a misericordia, julgae com rectidão e sentencieae com equidade.

Acabadas estas cerimoniaes preliminares, chega o momento supremo da coroação. O soberano está sentado na mesma cadeira historica da qual já fallamos. Diz-se uma oração para que o coração real seja enriquecido com a graça do céu, e para que o soberano seja corôado com todas as virtudes dignas de um principe. Depois é trazida a *corôa* para diante d'elle; o arcebispo colloca-a na cabeça do monarcha, e ouvem-se as acclamações da assembléa. — Deus salve o rei! (*God save the King!*) — exclamam todos os labios, tocam-se as trombetas, e as peças de artilharia trovejão a salva do estylo. Quando teem cessado os vivas, o arcebispo diz ao recém-corôado soberano: — Sêde forte e de bom animo; observae os mandamentos de Deus e caminhae no Seu santo trilho; combatei o bello combate da fé, e pensae na vida eterna, para que possaes ser corôado de fortuna e de honra, e para que possaes receber no fim da vossa carreira a corôa de justiça que Deus, justo Juiz, vos concederá n'esse dia supremo.

É caracteristico que a primeira cerimonia depois da coroação seja a apresentação da

Biblia ao soberaou. A apresentação será feita pelo arcebispo, deão de Westminster, seguindo com elle a coroação da rainha. As palavras da apresentação declaram que a Biblia é o objecto de maior valor que o mundo possui: — Aqui está a salvação: esta é a lei real; estes são os oráculos existentes de Deus. Felizes são os que lêem e os que ouvem as palavras d'este livro, e que cumprem os preceitos indicados n'elle. Porque estas são as palavras da vida eterna, capazes de vos fazer justos e felizes n'este mundo não só justos para a salvação mas felizes para sempre, pela fé em Jesus Christo.

Depois segue a enthronisação propriamente dita. Em toda a cerimonia, ha uma constante expressão de principios religiosos. Além da ascensão do monarcha á elevada magistratura do paiz, ao publico reconhecimento de que o povo e as nações só podem gozar de paz e de socego com o auxilio providencial, significam todas as ceremonias que para a administração dos negocios publicos os reis precisam da sabedoria inspirada; e toda a lei, soberania, poder e influencia são, só verdadeiramente nobres e reaes quando são exercidas com espirito justo, nobre e com sacrificio proprio.



## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

**MARÇO.** — **18 Hespanha** — E' constituido o novo gabinete composto dos srs; Sagasta, presidente do conselho; conde de Almodovar del Rio, ministro dos negocios estrangeiros; Montilla, ministro da justiça; Rodrigañez, ministro da fazenda; Moret, ministro do reino; general Weyler, ministro da guerra; conde de Veragua, ministro da marinha; conde de Romanones, ministro da instrucção publica e Canalejas, ministro da agricultura. — **França** — A camara dos deputados approva a emenda ao projecto que modifica certos circulos electoraes, elevando a 6 annos a duração do mandato dos deputados. — **Africa** — E' declarada em Tanger a grève geral em todas as industrias.

**19 Marrocos** — A Kabila Berim Assara submete-se á auctoridade do sultão, comprometendo-se a pagar cem mil duros de indemnisação.

**20 Allemanha** — São expulsos da Universidade de Charlottenberg 40 estudantes russos e polacos por se entregarem á propaganda politica. — **Servia** — O gabinete dá a sua demissão, motivada pelo desacordo com a maioria da *skup chitina*. — **Belgica** — A camara rejeita o projecto de suffragio universal.

**21 Inglaterra** — Os mineiros inglezes resolvem apresentar no proximo congresso internacional uma proposta para que se assente na attitude que devem tomar os mineiros de todo o mundo, no caso de declarar a grève geral alguns dos delegados das nações representadas no congresso. — **França** — A camara dos deputados rejeita a generalidade da proposta de lei da amnistia e approva o projecto de lei sobre os premios da marinha mercante.

**22 Italia** — Declaram-se em grève 40:000 camponezes da provincia de Rovigo e 35:000 da provincia de Ferrara.

**23 Bulgaria** — O sr. Daneff reconstitue o gabinete bulgaro, assumindo a pasta dos negocios estrangeiros, o sr. Serafoff a da fazenda e o sr. Ludaskanoff a do interior.

**24 Italia** — A camara approva a lei de trabalho de mulheres e creanças, conforme as bases dos ultimos congressos de hygiene de Paris. — **Canarias** — Um grande incendio destroe os depositos de mercadorias da companhia ingleza Elder Dempster, ascendendo os prejuizos a dois milhões de pesetas.

**28 França** — A camara dos deputados approva por 422 votos contra 10 uma proposta que tem por fim estabelecer o descanso dominical.

**29 Estados Unidos** — Descobre-se em New York uma vasta associação que tinha por fim defraudar as grandes companhias de seguros contra incendios. — **Russia** — São condemnados, em S. Petersburgo, a trabalhos forçados por toda a vida tres principes russos, accusados de matar e roubar mais de cem pessoas no districto de Batoun.

**30 França** — A camara approva os orçamentos e a baixa na franquia dos jornaes. — **Russia** — O tzar publica um *ukase* supprimindo todos os jornaes da Finlandia que não defendam a politica do governo russo.

**31 Haiti** Os revolucionarios apoderam-se de Barahona depois de um combate em que ficaram mortos e feridos 40 homens. — **Estados Unidos** — Produz-se uma explosão nas minas de Dayton, fazendo 76 victimas, e na hulleira de Bayton, Ohio, dá-se tambem uma explosão devida a ter-se inflamado subitamente o pó do carvão, matando 22 mineiros. — **Japão** — Um violento incendio destroe 4.000 predios de casas em Tukai, importante cidade manufactureira.

**ABRIL** — **1 Brazil** — A camara dos deputados vota o codigo civil com algumas emendas. O senado nomeia uma commissão para o estudar. — **Inglaterra** — O almirantado manda construir tres grandes cruzadores da força de 22.000 cavallos e com a velocidade de 23 milhas. — **Hespanha** — E' assignado o decreto nomeando o novo presidente do senado, sr. Montero Rios. — No Ferrol conforme uma pro-

posta de conselheiros republicanos do *ayuntamiento*, é concedido a todos os operarios do municipio o dia de 8 horas de trabalho. — *Canadá* — Declaram-se em grêve 700 operarios e trabalhadores do porto.

**2** *Hespanha* — Em consecuencia da lei que fixou a duração do trabalho, declaram-se em greve 5.000 operarios da industria de lanificios em Madrid. — *Russia* — E' detido na fronteira russo-allema, o conde Wielopoksky, ajudante do governador de Moscow, por ter subtraído documentos militares pertencentes á Russia. — *Estados Unidos* — Declaram-se em grêve 10.000 mineiros da companhia Rochester & Pittsburgo perto de Altona — *Inglatterra* — Produz-se uma explosão de *grisu* nas minas de carvão perto de Wigan, ficando um homem morto e dez soterrados.

**3** *Caucaso* — Os grevistas de Batrem, exasperados pelos ataques dos cossacos, incendiam a maioria dos edificios publicos. — *Monaco* — Inaugura-se a conferencia da paz assistindo representantes de todos os paizes da Europa e da America. — *Estados Unidos*. — Um violento incendio devora tres quarteiros de predios em Atlantic City, cujos estragos são avaliados em dois milhões de *dollars*, perecendo seis pessoas. — *Venezuela* — As tropas venezuelanas soffrem uma grande derrota perto de Carupano, na qual o general Escalante perde 350 homens.

**4** *Turquia* — Em consecuencia de uma nota do governo russo, o grão-visir ordena aos governadores de Salonica, Andrinopolis e Monastir que expulsem os bulgaros e os servios que fomentam a agitação revolucionaria na Macedonia. — *Hespanha* — Os deputados republicanos assentam nos detalhes da propaganda que no fim do mez começarão a emprehender nas provincias.

**6** *Inglatterra* — Durante o *match* internacional de *foot-ball* ao qual assistia enorme multidão, abatem varias tribunas, matando 23 pessoas e ferindo 414.

**7** *Austria* — E' levantado o estado de sitio em Trieste. — *Marrocos* — o sultão Muley-Abdel-Aziz informa oficialmente as potencias de que se reserva o direito de prohibir a cabotagem livre, avisando d'isso com a antecipação de 90 dias.

**8** *Estados Unidos* — O conhecido philanthropo André Carnegie offerece ao municipio da Havana 250.000 *dollars*, para a fundação de uma bibliotheca publica. — A camara dos deputados vota a lei de expulsão dos chinezes. — *China* — O ministro plenipotenciario da Russia e o principe Tching, presidente do ministerio dos negocios estrangeiros, e o ministro Uang-Uan-Chao, assignam a convenção concernente á Mandchuria.

**9** *Inglatterra* — O conselho municipal de Londres decide collocar em Guidhall o busto de Cecil Rhodes.

**10** *China* — As tropas imperiaes batem os rebeldes Kuang-Si em Kong-Tchneu. — *Venezuela* — O parlamento approva o protocollo sob a condição de se reatarem as relações di-

plomaticas entre a França e Venezuela. — *Belgica* — O conselho geral operario decide publicar uma manifestação recommendando a greve geral.

**11** *Russia* — E' condemnado á morte o coronel Grimm. Foi-lhe porém commutada a pena ultima em trabalhos forçados perpetuos. — Consideram-se rotas as relações diplomaticas entre a Russia e o Vaticano. — *Italia* — Em consecuencia dos incidentes originados na campanha do jornal suizo *Keveil*, estão rotas as relações diplomaticas entre a Italia e a confederação helvetica.

**12** *Belgica* — 3.000 manifestantes socialistas apedrejam varias casas, comboios e tranways de Liège.

**13** *Marrocos*. — As tropas marroquinas infligem sangrenta derrota aos insurrectos da kabilda de Benimessara, soffrendo grandes perdas. — *Inglatterra* — O conselho de ministros assenta em combater dentro do parlamento as medidas contra a Irlanda, apresentadas por alguns deputados ministeriaes. — *Allemanha* — Cae uma grande tempestade em Berlim, tendo as chuvas inundado a cidade e produzido bastantes estragos. — *Pensylvania* — Os mineiros de Pitsburgo obtiveram o dia de trabalho de 8 horas, dando a greve por terminada. — *Belgica* — Um cortejo de 3:000 liberaes faz em Charlsroi uma grande manifestação a favor do suffragio universal. Outro cortejo de 20:000 socialistas effectua analoga manifestação.

**14** *Portugal* — O *Diario do Governo* publica a distribuição do pessoal de fazenda. — *Inglatterra* — O chanceller da fazenda annuncia o deficit orçamental no exercicio de 1902-1903 em 45 milhões esterlinos, propondo cobri-lo com a suspensão do funcionamento fundos de amortisação, do augmento de um *penny* no imposto de rendimento e com a elevação do imposto do sello. — *Belgica* — Rebenta um violento incendio nos depositos dos molhes do porto de Antuerpia, cujas perdas são enormes.

**15** *Portugal* — Inauguração da 2.<sup>a</sup> exposição annual da Sociedade Nacional de Bellas-Artes. — *Belgica* — Rebenta a greve geral, estendendo-se a quasi toda a Belgica. Os operarios metallurgicos de Anvers, d'accordo com os patrões declaram-se em greve. O numero de grévistas em todo o paiz ascende a 200:000. — *Russia* — E' assassinado o ministro do interior sr. Spiaguine.

**16** *Inglatterra* — O governo recusa cathegoricamente a concessão de armisticio durante as negociações da paz com os boers. — *Brazil* — O ministro das relações exteriores envia ao ministro da Bolivia uma nota diplomatica declarando que o Brazil regeita o syndicato norte-americano que arrendou o territorio do Acre. — *Irlanda* — A gazeta official publica uma proclamação do lord logar-tenente da Irlanda mandando applicar o processo criminal summario nos districtos onde opéra a liga irlandeza unida.

**17 Austria** — Declaram-se em grève 50:000 operarios.

**18 Guatemala**—Sentem-se tres tremores de terra produzindo grandes estragos em Quezaltenango e destruindo Amatiltan. O numero de mortos em varias localidades, eleva-se a 2:000.

**Belgica**—A camara dos representantes regeita por 84 votos contra 64 a tomada em consideração da proposta da revisão constitucional.

**19 Belgica**—São cortadas as linhas telegraphicas em varios pontos do paiz. O partido operario resolve continuar a grève. E' declarado em estado de sitio o departamento de Lesnois. — **Dinamarca** — Declaram-se em grève 6:200 operarios e trabalhadores dos portos dinamarquezes. — **Portugal**—Parte a bordo do vapor *General* a expedição ao Barué sob as ordens do commandante João d'Azevedo Coutinho.

**20 Russia**—Realisa-se em Helsingfors uma grande manifestação contra a nova organização militar, ficando feridos alguns populares.

— **Africa do Sul** — O conselho de guerra, em Aliwal North, condemna 12 rebeldes que tinham sido presos com as armas nas mãos a varias penas desde 1 anno de prisão até á pena de morte. A seis d'entre elles foi commutada a pena de morte em prisão perpetua. — **Suecia** — Realisa se em Stokolmo uma importante manifestação a favor do suffragio universal, ficando feridos alguns manifestantes. — **Belgica** — O partido progressista distribue um manifesto pedindo que cesse a grève. Os partidos da opposição pedem que intervenha o rei, afim de ser dissolvido o parlamento. A federação dos operarios de Borraine decide proseguir na grève até á sua dissolução. A commissão geral do partido operario de Bruxellas resolve quasi por unanimidade dar a grève por terminada e decide que os operarios retomem o trabalho.

**21 Grecia**—E' promulgado o decreto de encerramento da camara dos deputados. — **Noruega**—E' constituído o novo gabinete. — **Italia** — Os sacerdotes de Roma protestam perante os presidentes das camaras, por meio de representações, contra o divorcio. — O deputado radical Socci apresenta um projecto á camara auctorisando as mulheres a exercer a advocacia—A Italia, a Allemanha e a Austria resolvem prolongar até ao fim de 1904 os tratados de commercio vigentes. — **Estados Unidos** — Forma-se em New-York um syndicato para intervir em todas as linhas transatlanticas. — **Hespanha** — O rei Affonso XIII assiste pela primeira vez ao despacho dos ministros.

**22 Inglaterra**—A camara dos commons ap-

prova por 290 votos contra 61 a elevação da taxa do imposto sobre o rendimento, e confirma por 283 votos contra 97 a sua votação anterior auctorisando o imposto sobre os cereaes.—**Suissa**—A assembléa federal approva o procedimento do conselho federal no incidente diplomatico travado com a Italia.—**Russia**—O general Vannovsky, ministro da instrucção publica, dá a sua demissão em resultado da opposição do Santo Synodo á reforma escolar.

**23 Venezuela**—As tropas do governo retomam a cidade de la Guayra. — **Estados-Unidos** —O secretario d'Estado e o ministro plenipotenciario da Columbia assecuram o tratado que transfere para os Estados-Unidos todos os direitos para a construcção do canal isthmico do Panamá.—**Dinamarca**—A *Lands ting* approva a moção tendente a adiar a decisão a respeito da cedencia das Antilhas dinamarquezas aos Estados-Unidos até que os seus habitantes se tenham pronunciado sobre ella.—**Hespanha**—O congresso approva o projecto de lei que reduz a circulação fiduciaria do Banco de Hespanha.

**24 Portugal** — Um violento incendio destroe quasi totalmente a fabrica da Companhia de Tabacos em Santa Apolonia. — Abertura da exposição de rosas nas salas do Atheneu Commercial. — O ministro das obras publicas apresenta á camara dos deputados a lei concernente ás linhas ferreas transmontanias: Mirandella — Bragança, Regoa — Chaves. — **Russia** — Os tecelões grévistas de Moscow reclamam diminuição das horas de trabalho, havendo conflictos sangrentos ficando mortos e feridos uns 20 homens.

**25 Portugal** — O ministro das obras publicas apresenta ao parlamento uma proposta de lei sobre tribunaes especiaes do contencioso da 1.ª instancia, e uma outra creando as camaras de agricultura.—**Hespanha**— Os operarios de Tartasa e Sabadell e outras povoações fabris promovem uma agitação em consequencia de se recusarem os patrões a dar o dia de 9 horas.—**Inglaterra**—Descarrila um comboio cheio de passageiros, na linha do Great Eastern perto de Londres, em consequencia de se ter quebrado o eixo d'um wagon; ficando feridas 50 pessoas. — **Chili** — O gabinete chileno dá a sua demissão em consequencia do descontentamento motivado por se terem retirado do fundo da conversão certas quantias para a compra de novos armamentos.—**Italia** — Dá-se uma profunda scisão entre os partidos republicano e socialista de Milão.



## THEATROS

*Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de abril e maio*

MARÇO 29 — A BOLA DE NEVE *vaudeville*, arranjo do francez pelo sr. Accacio Antunes, musica do maestro Nicolino. (Theatro da Avenida).

ABRIL 12 — A CASA BONARDON, peça em 3

actos de Georges Mitchel, traducção do sr. Lino de Assumpção. (Theatro de D. Amelia).

12 — O ALGOZ peça em 1 acto em verso, original do sr. Alfredo Gallis. (Theatro de D. Maria).

16 — BODAS DE JOANNA opereta em 3 actos original do actor Queiroz musica do maestro Freitas Gazul. (Theatro da Trindade).

16 — A OPINIÃO PUBLICA, drama, (Theatro do Principe Real).

18 — O DR. EMPAFIA, comedia allemã tradu-

zida pelo sr. Accacio Antunes. (Theatro do Gymnasio).

18 — A CEIA DOS ASYLADOS comedia em verso dos srs. J. Ferreira e S. Alves. Theatro do Gymnasio).



## NECROLOGIA

MARÇO 27 — PRINCESA MARIA DE WIED, em Nennied, mãe da rainha da Roumania.

28 — ARCEBISPO de GLASGOW, em Kiel.

29 — CONDE de MUNSTER em Hannover ex-  
embaixador da Allemanha em Paris.

30 — MAHOMED SECHARD em Constantinopla, herdeiro da corôa da Turquia e irmão do Sultão.

ABRIL 1 — ROMULO COLLI, em Como, chefe do partido socialista da Italia.

5 — KAEMNEGER, em Paris, celebre pintor.

7 — FERNANFLO, em Madrid, distincto academico e escriptor.

14 — CONDE das ALMÉNAS, em Madrid, senador hespanhol.

17 — Rei FRANCISCO d'ASSIS, 80 annos em Epinay.



## O THRONO DE HESPANHA

A proposito da coroação, ou mais propriamente, do juramento do rei Affonso XIII, visto que rei é elle desde muitos annos, mas sómente agora attingiu a maioridade necessaria para assumir as responsabilidades da governação, damos a reproducção em gravura d'uma parte da magnifica sala dos embaixadores no palacio do Oriente, em Madrid, onde se vê o throno regio, afamado pelos esplendores e pela riqueza da sua ornamentação.

Ha, na Europa, uma outra sala de throno que pode disputar primazias de requintada decoração e de valiosas preciosidades á sala dos embaixadores madrilena; é a sala do throno em Berlim. O imperador da Allemanha possui na verdade para as suas recepções de gala uma das mais nobres, magestosas e elegantes salas do mundo, tornando-se n'ella verdadeiramente notaveis os raros candelabros de crystal que a illuminam e ornamentam, como a celebre pintura do tecto. O aspecto do salão dos embaixadores, em Madrid, supporta com vantagem em muitos termos a comparação com a sala allemã, pela sumptuosidade dos magnificos veludos bordados a ouro fino e pelo conjuncto de moveis, de estatuas, de lustres e de variadissimos adornos que fazem em recepções de gala con-

digna moldura á luxuosa e brilhante elegancia dos uniformes, como ás bellezas femininas que compõem tambem um valioso florão da corôa de Hespanha.

Em volta do estrado do throno, agrupam-se quatro leões de prata massiça, similhan-

tamente ao throno da Dinamarca, mas dispostos de forma diversa. Os quatro leões de Hespanha estão collocados de pé sobre os largos degraus do tablado, com as cabeças ornadas de juba frizada, voltadas para fóra, em attitude de guarda ou vigilante defesa do rei, que se senta n'um riquissimo e historico escabello coberto de veludo carmezim, sob um

docel elegante e proporcionado. Ao lado dos leões ha estatuas de personagens notaveis da casa real castelhana. O throno eleva-se do pavimento da sala quatro amplos degraus.

Durante seculos, se tem vindo accumulando na sala dos embaixadores, em redor do throno, uma estranha e unica collecção de tropheus, de preitos, de presentes de colonias e possessões que a Hespanha ainda ha pouco tão nobremente defendeu, objectos preciosos, joias de valor inestimavel de todas as proveniencias, no tempo em que o sol nunca deixava de illuminar uma parte do vasto dominio hispanhol.



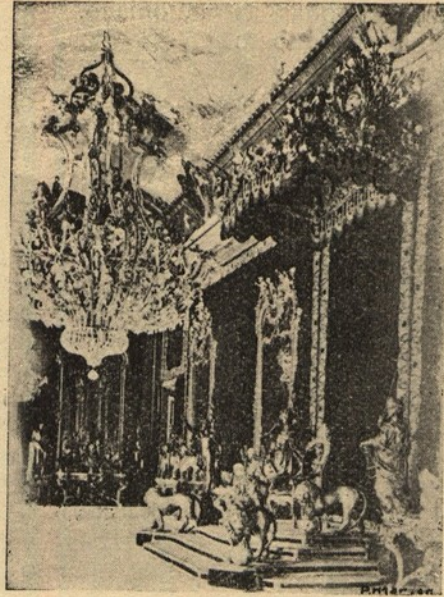
D. AFFONSO XIII



RAINHA D. CHRISTINA



Os lustres, de crystal de rocha, dos mais bellos reflexos e das mais vistosas refracções, dispertam natural inveja a muitos paços reaes; os espelhos são notabilissimos; a pintura do tecto, de Tiepolo, desenhando suggestivas e vistosas allegorias ás virtudes e aos feitos dos reis de Hespanha; os contadores e os bufetes estão plenos das mais raras procelanas da velha China, os tremós e os consolos ostentam soberbos objectos de arte.



O THRONO REAL DE HESPANHA

N'aquella sala representa-se toda a passada grandeza das antigas conquistas, e diz um escriptor distincto que se comprehende a allucinação enganadora que possa sentir o monarcha, ao presidir, na sua cadeira regia, a uma recepção festiva, julgando-se ainda senhor do mais vasto imperio, elemento preponderante nas deliberações da politica do

homens publicos de Hespanha, amantes da sua patria e desejosos de conservar ordem como base de progresso. Não foram felizes os resultados obtidos, mas o insuccesso dos esforços não apaga, nem enegrece a grandeza e sinceridade das intenções.

mundo: tal é a impressão suggestiva que dimana do proprio salão e que impressiona vivamente.

Que o novo monarcha possa ter no seu reinado dias bem mais felizes dos que angustiarão a regencia de sua mãe, uma das mais justamente respeitadas rainhas da Europa contemporanea. Foi sem duvida longa, cheia de incertezas, de trabalhos, de preoccupações, esta regencia excepcional, toda consagrada ao restabelecimento da autoridade monarchica anteriormente abalada, e para o que concorreu o alto patriotismo dos

• • •

PHOTOGRAPHIA PRATICA

*Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de e processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.*

**Photographia sobre marfim**

Applique-se sobre uma chapa de marfim muito bem limpa, a solução seguinte :

- Nitrato de prata . . . . . 3 gr.
- Nitrato de urano . . . . . 30 »
- Alcool . . . . . 100 cc
- Agua distillada . . . . . 10 »

Deixe-se seccar na obscuridade e impressione-se na prensa o negativo que se tenha escolhido.

Quando a imagem tenha apparecido sufficientemente, fixa-se em agua adicionada de algumas gotas de acido nitrico.

As provas podem em seguida ser pintadas dando assim lindas photo-miniaturas.

(Photographie Times).

**Banho de viragem com acetato de cal**

Póde-se substituir vantajosamente o acetato

de soda, empregado nos banhos de viragem d'ouro pelo acetato de cal que dá um banho susceptivel de longa duração. Com este novo emprego obtem-se tons mais agradaveis e a impressão das provas não necessita ser muito escura. As soluções de reserva compoem-se de:

- A. — Chloreto de ouro . . . . . 1 gr.
- Agua distillada . . . . . 500 cc.
- B. — Acetato de cal . . . . . 27 gr.
- Agua distillada . . . . . 1:500 cc.

Emprega-se deitando lentamente a

- Solução A . . . . . 1 volume na
- » B . . . . . 3 »

que se põe de parte durante tres dias em plena luz; passado este tempo pode ser empregada. Reforça-se o banho servido, juntando-se-lhe uma solução de chloreto de ouro doze horas antes de se empregar novamente. A lavagem

das provas antes da viragem deve ser feita cuidadosamente afim de eliminar todas as particulas de acido. E' conveniente tambem

adicionar, na ultima agua, algumas gottas de amoniaco.

(Photo-Chronik)



## PACIENCIAS

### O Sultão

(Dois jogos completos)

Tiram-se do jogo os oito reis e um *az* de copas que se dispõem da maneira seguinte : colloca-se em primeiro lugar a *az* de copas e de cada lado os dois reis de paus ; por baixo d'estas tres cartas collocam-se em primeiro lugar rei de copas no meio de dois reis de ouros e por baixo do rei de copas, o outro do mesmo naipe no meio dos dois reis de espadas.

Tomam-se em seguida as oito primeiras cartas do baralho que se collocam horisontalmente de cada lado do quadro, quatro á direita e quatro á esquerda, ás quaes se dá o nome de *divan*. Verifica-se então se n'este *divan* ha alguma carta que se possa collocar sobre os reis ou sobre o *az* de copas; os reis, contrariamente ao uso estabelecido na maior parte das paciencias, recebem o *az* da sua familia, a se-

guir o dois, o tres, etc, pois que se trata de formar uma hierarchia ascendente de cartas da mesma côr acabando em dama; o *az* de copas recebe o dois, o tres, etc., quanto ao rei de copas do centro, fica só, não representando papel algum até ao fim da paciencia, que só então se deve encontrar rodeado das suas oito damas.

Logo que no *divan* não haja carta alguma que se possa collocar sobre as séries, tiram-se do baralho as cartas uma a uma tendo cuidado de as collocar nas séries aquellas que n'ellas tenham lugar.

Logo que uma das cartas do *divan* tenha lugar na sua familia substitue-se por outra tirada do baralho. Podem-se passar as cartas tres vezes findas as quaes, não se tendo conseguido juntar todas as cartas ás series respectivas, a paciencia não chegou ao resultado desejado.

## PROBLEMAS

### Resoluções do numero anterior

N.º 27 — 1 528 562 927 568 877 500

N.º 28 — De 56 maneiras.

N.º 29 — Para 24.405 noites e cada soldado estará de serviço 3.654 vezes.

N.º 30 — Xadrez:

BRANCOS

1. Ra para 2 Ra
2. Xeque e mate.

PRETOS

1. Qualquer

### N.º 31.

N'uma fabrica de *parquets* empregam-se dez desenhos diferentes; em que numero será necessario associar aquelles desenhos uns aos outros para ter o maior numero possivel de combinações?

### N.º 32.

Uma assembléa de accionistas, composta de 40 negociantes, 20 advogados, 30 industriaes, e 10 medicos, pretende nomear d'estes membros uma commissão de quatro negociantes, 3 industriaes, 1 medico e 2 advogados. De quantas maneiras poderá constituir a mencionada commissão ?

### N.º 33.

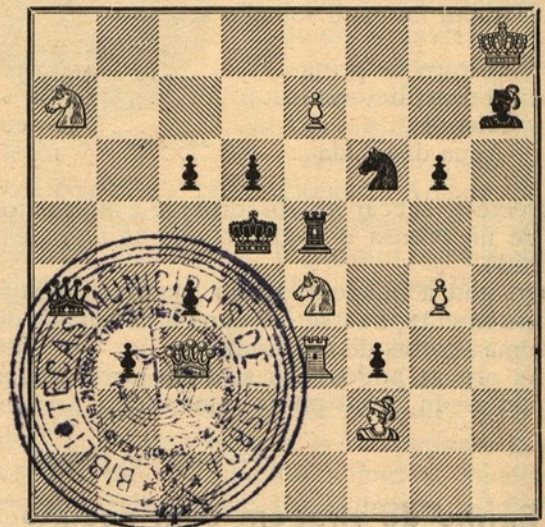
Um numero é formado de dois algarismos, cuja somma é 13. Se ao seu producto se jun-

tarem 34 encontra-se para somma o numero primitivo invertido. Qual é este numero ?

## XADREZ

Num. 34

PRETOS (11 peças)



BRANCOS (8 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lances

METEOROLOGIA

Observatorio do Infante D. Luiz

Março Abril	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Gráus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	763,3	757,4	13,6	10,8	14,3	14,4	11,6	9,8	10,3	11,1	8,8	7,5
2	763,0	765,0	14,4	10,0	15,4	13,4	13,6	8,3	12,7	1,8	9,2	6,8
3	769,3	762,0	12,1	10,3	14,1	15,3	9,3	8,3	7,7	0,0	3,8	7,0
4	777,4	751,5	11,4	11,7	16,3	14,3	8,3	10,2	0,0	1,5	9,5	10,0
5	776,4	751,4	10,9	13,0	17,7	15,2	7,8	10,8	0,0	11,1	8,2	8,2
6	773,1	755,2	13,2	11,4	16,7	14,5	8,1	10,1	0,0	0,3	8,8	8,3
7	770,5	756,7	12,2	13,1	14,0	15,9	10,4	11,7	0,0	0,1	10,0	7,7
8	759,9	762,9	19,0	13,3	11,5	15,0	7,8	9,0	1,5	0,0	9,7	7,3
9	755,8	763,9	0,5	11,8	13,6	17,5	5,6	9,1	0,0	0,0	8,5	7,7
10	759,5	700,9	8,3	13,5	2,6	17,3	0,8	11,1	0,0	0,0	9,3	7,0
11	763,1	762,0	9,6	12,6	13,1	15,6	7,6	10,6	0,1	0,0	7,2	8,5
12	766,6	763,3	10,1	11,9	13,5	14,2	6,4	10,0	—	0,2	9,3	8,5
13	761,7	764,2	7,7	13,1	13,9	16,1	5,6	10,0	0,0	5,7	8,0	8,0
14	755,2	767,6	11,0	13,1	12,0	17,8	7,9	10,1	12,0	0,0	10,0	5,5
15	762,7	769,1	10,9	13,6	13,6	17,9	7,8	10,3	5,3	0,0	9,2	5,5
16	758,6	769,0	12,0	13,8	13,6	20,8	10,8	10,8	25,8	0,0	10,0	5,5
17	756,5	767,5	12,2	15,2	13,6	21,5	9,2	12,5	11,9	0,0	10,0	5,5
18	746,0	764,6	13,0	17,5	14,9	20,4	10,2	12,0	13,7	0,0	9,5	5,5
19	747,7	763,4	11,9	12,8	13,9	14,5	9,3	10,6	4,4	0,4	8,8	7,5
20	756,8	761,5	12,9	11,5	13,8	14,0	10,3	9,2	0,4	10,0	9,7	7,8
21	752,4	759,6	12,6	12,2	15,9	14,7	11,3	9,7	16,0	0,1	8,8	8,7
22	767,2	759,1	12,0	9,8	15,6	13,1	10,3	8,3	0,1	2,0	8,2	7,5
23	764,8	752,9	10,7	10,9	18,3	13,1	8,5	8,2	0,0	1,3	9,3	8,3
24	756,4	768,5	13,0	11,1	16,7	14,0	10,1	8,1	0,0	0,2	9,0	7,0
25	756,6	770,0	13,3	12,1	15,2	15,6	11,0	9,0	2,4	0,0	8,0	7,0
26	757,2	770,7	13,4	13,5	16,0	18,5	7,8	9,8	5,7	0,0	0,5	9,0
27	761,2	770,3	10,7	16,1	14,4	22,8	7,8	12,6	1,0	0,0	8,2	6,0
28	765,7	768,6	10,2	17,3	14,1	22,3	6,5	13,2	0,0	0,0	8,6	3,8
29	762,4	767,2	9,0	16,6	15,1	24,5	7,0	15,5	0,0	0,0	7,0	6,0
30	753,3	760,4	11,9	18,2	15,2	27,0	10,4	15,9	1,9	0,0	9,5	5,5
31	751,5	760,0	15,1	19,3	16,9	27,9	11,3	16,2	7,9	0,0	10,0	5,0
1	762,4	756,3	14,7	16,9	15,4	17,2	11,0	13,4	0,3	0,0	7,0	9,0
2	762,9	757,3	13,9	13,9	15,3	15,4	11,9	13,5	0,0	3,3	9,7	7,3
3	769,4	750,1	15,7	15,7	18,6	18,2	13,7	14,1	4,0	4,9	7,5	7,0
4	771,6	762,4	15,3	16,2	24,7	22,9	12,4	13,5	0,0	0,0	6,8	6,2
5	768,7	760,0	20,3	18,6	27,6	19,6	17,5	14,0	0,0	4,6	8,2	7,5
6	765,3	761,9	21,0	16,1	25,5	19,3	16,9	12,8	0,0	0,0	5,5	8,0
7	764,5	764,4	14,6	14,3	17,8	17,2	13,5	11,8	0,0	0,0	7,8	7,0
8	765,0	762,5	15,4	14,3	18,9	18,0	13,7	11,5	0,0	0,0	8,2	5,0
9	764,6	757,2	15,4	14,5	17,2	17,3	11,2	11,1	0,1	0,0	5,3	8,2
10	768,3	756,4	12,8	13,7	16,0	15,5	9,8	11,2	0,0	0,0	7,0	7,0
11	764,5	756,2	14,2	12,8	16,8	15,5	9,5	10,2	0,0	0,0	7,5	8,3
12	767,6	756,8	11,1	12,8	14,6	16,3	8,8	10,4	0,0	1,4	7,7	8,5
13	771,7	753,0	10,5	14,1	17,0	17,4	7,6	12,0	0,0	22,0	0,8	9,0
14	769,1	752,1	14,5	12,8	22,2	17,0	9,9	11,9	0,0	4,0	9,5	10,0
15	764,5	760,1	15,9	12,7	23,4	16,0	11,4	10,8	0,0	0,7	6,5	9,5
16	759,3	762,8	15,5	14,1	22,0	16,6	12,4	10,8	0,0	0,2	—	7,2
17	758,6	765,4	19,8	14,2	22,5	17,8	15,7	10,7	0,0	0,0	2,5	8,0
18	762,5	764,5	18,5	14,8	22,5	15,8	16,9	11,9	0,0	0,0	6,0	8,8
19	760,2	763,3	15,6	15,4	19,3	17,8	14,2	13,0	0,0	4,5	8,2	8,0
20	754,7	767,0	13,5	15,9	17,2	18,2	13,0	12,6	14,1	0,0	0,5	8,2
21	751,8	767,9	15,2	14,5	16,3	17,0	12,0	12,2	7,1	0,0	10,0	7,0
22	752,8	763,7	12,1	15,9	15,9	16,2	11,5	12,5	0,6	0,8	10,0	7,8
23	756,2	761,3	13,1	14,0	15,4	16,9	10,4	11,4	1,9	5,9	0,8	8,2
24	759,7	763,0	15,3	14,1	17,2	16,3	12,1	10,2	3,5	0,0	0,5	5,0
25	763,5	756,6	12,5	14,6	17,2	17,3	9,5	13,1	0,0	9,9	8,5	10,0
26	762,5	752,8	11,7	14,5	13,8	15,2	8,2	13,5	2,2	3,2	9,0	10,0
27	764,0	747,2	12,2	13,0	15,8	16,9	8,8	11,7	0,4	13,1	7,7	10,0
28	765,5	756,2	14,0	13,5	17,4	16,2	9,9	12,1	0,0	7,4	9,8	10,0
29	766,5	766,0	13,5	15,3	15,7	17,4	11,1	12,5	0,0	0,0	7,2	7,2
30	765,9	798,5	13,8	15,2	16,2	17,6	11,3	11,6	0,0	0,0	7,9	6,0

